



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Psicologia



UNIVERSITÉ NICE SOPHIA ANTIPOLIS

Faculté des Lettres, Arts et Sciences humaines
Ecole doctorale Lettres, Sciences humaines et sociales
Laboratoire LAPCOS EA 7278

Tese de Doutorado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise

Thèse de Doctorat en Psychologie

A fantasia fundamental e seus efeitos na sexualidade feminina

Le fantasme et ses effets sur la sexualité féminine

présentée et soutenue par

Marlise Eugenie D'ICARAHY

Le 30 janvier 2015

Sous la direction de

Dr. Jean-Michel Vives et

Dr^a. Rita Maria Manso de Barros.

Jury :

M. Dr.Marco Antonio Coutinho Jorge, Instituto de Psicologia da UERJ
Président

Prof. Dr. Jean-Michel Vivès (co- directeur)
École Doctorale: Lettres et Sciences Humaines Nice Sophia Antipolis

Profª. Drª. Rita Maria Manso de Barros (co-orientadora)
Instituto de Psicologia da UERJ

Prof. Dr. Frederic Vinot
École Doctorale: Lettres et sciences Humaines Nice Sophia Antipolis

Profª. Drª. Ana Maria Rudge
Faculdade de Psicologia da PUC- Rio

Prof. Dr. Mario Eduardo Costa Pereira
LaPSuS - Laboratório de Psicopatologia Departamento de Psicologia
Médica e Psiquiatria. FCM - UNICAMP

Profª.Drª.Heloisa Caldas
Instituto de Psicologia da UERJ.

DEDICATÓRIA

A meu querido irmão Bruno

in memória,

E aquele que, anos mais tarde, descobri me chamar de raio de luz,
Dr. Domício Arruda Câmara, meu primeiro analista, *in memória.*

AGRADECIMENTOS

À minha querida mãe, Maria Lisieux, pela presença constante e ajuda incondicional em inúmeros campos! A meu pai Marcio, pela alegria, ânimo e incentivo constante.

Aos meus amores, Nicolas, Ana, Ian, Petter e Vitor, pelo muito que cada um me oferece sem talvez se dar conta do quanto!

A meu querido irmão Bruno, que permanece presente; a nona Juracy; a Lalá; a nono Aristóteles; a Beca, Albertina Correia Serqueira; a Tezinha e a Félix Athayde importantes marcos afetivos de minha infância.

As tias Marília e Tamar, que cedo na vida me apresentaram à Psicanálise; aos tios Anamaria, Eneida, Fernando Jorge, Fernando Ronca, pelo apoio e torcida, aos primos Tita, João Bernardo, Bárbara, Nanda, por suas presenças constantes. A Marcia, Bia, Flávia e João Augusto que de longe também torcem.

A Christiane Coelho, a Marco Antonio Coutinho Jorge, a Vera Pollo e a Domício Arruda Câmara, esse meu primeiro analista, que começou a me atender aos quatorze anos, sem que eu tivesse nem um centavo, transformando completamente toda a minha vida.

A Thuin, que me incentivou a estudar Psicologia, depois de formada em História.

A meu querido amigo Flávio Bastos, com quem mantive importante interlocução; a Renata Mattos, pelo apoio; a Isabela Cardoso; a Luciana Piza; a Bruna Pinheiros e a Inês Salgado.

A Rita; Fabio; Carla, Sra Eulália; Mme. Solen e Mme Catherine Delemarre, pelos muitos socorros administrativos.

Aos Professores Ana Maria Rudge e Marco Antonio Coutinho Jorge pelas importantes contribuições teóricas e pela cuidadosa leitura por ocasião da banca de qualificação. Agradeço aos professores Sonia Alberti; Luciano Elia; Marcos André Vieira; Sonia Leite; Lucia Perez; Lidia Alvarenga; Luiz Otávio Naves; Vera Pollo e Elizabeth Rocha Miranda; Terezinha Costa e a meus antigos professores de História, Marcelo Jasmim, Marcos Veneu, Fátia Maria, Ilmar Rohloff e Berenice Cavalcanti que também muito contribuíram para a minha formação.

Agradeço ao Corpo Freudiano escola de Psicanálise, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; ao programas de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ e ao programa Lettres, Arts et Sciences Humaines de Nice Sophia Antipolis.

Sou grata, à minha atual coordenadora no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Verônica Cavalcanti Pessoa de Melo; a meus colegas de equipe, em especial à Meyri

Pinheiro, Patrick, Soraya e Carol; às minhas anteriores coordenadoras e colegas na Secretaria de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro, Mércia Cabral de Oliveira, Kátia Rios, Nedi Rollo, Maria das Graças Lima, Helen Ribeiro, Elaine Gama, Célia Macahdo, pelo apoio para que eu conseguisse conciliar o trabalho nessas instâncias e a execução deste duplo doutorado.

Aos professores que compõem a banca - Ana Maria Rudge, Heloisa Caldas, Mario Eduardo Costa, Frederic Vinot e Marco Antonio Coutinho Jorge -, a quem dedico tanta admiração, por aceitarem ler e comentar a tese, alguns, vindos de longe, outros em meio a seus períodos de férias, meu muito obrigada!

A Gustavo que, por sua presença em carnaval e 'dia de reis', trabalhando sempre que possível ao meu lado, contribuiu muito para que o meu local de estudo se mantivesse como um dos lugares mais atraentes do mundo.

Preciso destacar o absoluto privilegio de ter sido orientada pelos professores Rita Manso e Jean-Michel Vives! Ambos colaboraram muito para a elaboração desta pesquisa. Auxiliaram-me ainda em questões administrativas totalmente fora de suas atribuições. Atravessaram feriados escolares, Natal e Ano Novo em intensa correspondência de revisão para que a tese ficasse pronta a tempo. Se há ainda há pontos a serem aprimorados, devem-se inteiramente as minhas possibilidades de conciliar pesquisa e trabalho, necessitando, justamente por essa razão, concluir a tese em prazo menor do que o permitido por ambas as universidades. A Rita Manso e a Jean-Michel, meus mais sinceros agradecimentos!

RESUMO

D'ICARAHY, Marlise Eugénie. **A fantasia fundamental e seus efeitos na sexualidade feminina**. 2015. 158f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

A tese examina os efeitos da fantasia fundamental na sexualidade feminina, tendo por base a escuta em análise de mulheres inseridas no campo da neurose. A fantasia fundamental é uma estrutura axiomática de relação com o Outro, que possui uma dimensão real, simbólica e imaginária. Freud, (1908a/ 2006), em *Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade*, já havia indicado que a satisfação sexual é composta pela atividade física fusionada à evocação de uma fantasia. Em 1919a/ 2006, ele anuncia a descoberta de uma fantasia específica que permite o acesso ao gozo feminino e ao masculino. O mais surpreendente que lhe fora revelado em análise é que o gozo sexual em questão é masoquista. Lacan toma as coordenadas dessa estrutura gramatical que se repete, e propõe o matema da fantasia, $a \ll b$. Essa estrutura sintetiza o nascedouro do sujeito de desejo frente a um objeto *a* dentro de um mote específico de relação com o Outro. Retrata a estrutura axiomática ao qual o sujeito está fixado, em sua posição de gozo na relação fantasmática inconsciente com o Outro. A fantasia condensa as coordenadas singularidades de seu gozo. Lacan chama essa fantasia de "aquela que fica", uma vez que manifesta "uma relação essencial do sujeito com o significante" (LACAN, 1957-1958/ 1999: 252). Jacques-Allan Miller diz que é essa fantasia "que nos leva à dimensão ética da Psicanálise" (MILLER, 1983/1987: 96). A presente pesquisa estuda os efeitos dessa fantasia na sexualidade feminina, no amor e no trabalho, a partir da escuta de mulheres inseridas no campo da neurose e na posição feminina.

Palavras-chave: Fantasia Fundamental. Neurose. Sexualidade Feminina. Masoquismo. Ética Psicanalítica. Sujeito de desejo e Gozo.

RESUMÉ

D'ICARAHY, Marlise Eugenie. **Le fantasme et ses effets sur la sexualité féminine**. 2015. 158 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

La thèse examine les effets du fantasme sur la sexualité féminine de certaines femmes névrotiques rencontrées à l'occasion de ma pratique clinique. Le fantasme est une structure axiomatique singulière de rapport avec l'Autre, qui a une dimension réelle, symbolique et imaginaire. Freud, (1908a/ 2006), en *Fantasmes hystériques et ses relations avec la bisexualité*, avait déjà indiqué que la satisfaction sexuelle est composée par l'activité physique fusionnée à l'évocation d'un fantasme. En, 1919a/ 2006, il annonce qu'il y a un fantasme qui permet l'avenir de la jouissance. Le surprenant est que cette jouissance est masochiste. Lacan prend les coordonnées de cette structure grammaticale qui se répète, et propose le mathème du fantasme, $\$ \leftrightarrow a$, qui résume le berceau du sujet du désir devant l'objet a dans un rapport spécifique avec l'Autre. Cella est la structure perverse et axiomatique du sujet, puisque qu'elle décrit, pour les femmes névrotiques écoutées, leurs positions inconscientes constantes de jouissance par rapport à l'Autre. Lacan appelle ce fantasme de "celui qui reste", parce qu'il manifeste "un rapport essentiel du sujet au signifiant" (LACAN, 1957-1958, Leçon de 12 Févr. 1958, Séminaire 5: 243fr). Jacques-Allan Miller dit que c'est fantasme "nous amène à la dimension éthique de la psychanalyse" (MILLER, 1983/1987: 96). Cette recherche étudie, donc, des effets de cette position fantasmatique unique de jouissance sur la sexualité féminine et sur les autres domaines de la vie - l'amour, le travail...

Mots-clés: Fantasme. Sexualité Féminine. Masochisme. Sujet du désir. Jouissance. Névrose. Éthique Psychanalytique.

ABSTRACT

D'ICARAHY, Marlise Eugenie. **The fundamental fantasy and its effects on female sexuality**. 2015. 158 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

The thesis examines the effects of fundamental fantasy in female sexuality in the field of neurosis. The fundamental fantasy is an axiomatic structure of relationship with the Other, which has a real, symbolic and imaginary dimension. Freud (1908a/ 2006), in Hysterical fantasies and their relation to bisexuality, had already indicated that sexual satisfaction is composed of physical activity fused to the evocation of a fantasy. In 1919a / 2006, he announced the discovery of a specific fantasy that allows access to the female and male sexual satisfaction. The most surprising, revealed to him during analysis, was that the sexual satisfaction in question was masochistic. Lacan takes the coordinates of this fantasy structure, and proposes the fantasy $\$ \leftrightarrow a$. This structure summarizes the coordinate singularities of sexual satisfaction and desire. Lacan calls this fantasy of "that which stays", once it expresses "an essential relationship of the subject to the signifier" (LACAN, 1957-1958 / 1999: 252). Jacques-Allan Miller says that this fantasy "brings us to the ethical dimension of psychoanalysis" (Miller, 1983/1987: 96). This research studies the effects of this fantasy in female sexuality, love and work after listening women in the field of neurosis.

Keywords: Fundamental Fantasy. Neurosis. Female Sexuality. Masochism. Psychoanalytic Ethics. Sexual Satisfaction.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	DEMARCAÇÃO DE ALGUNS CAMPOS CONCEITUAIS.....	18
1.1	Quem está falando?.....	18
1.2	A lógica cartesiana de identidade.....	19
1.3	A identificação.....	23
1.4	O surgimento de um sujeito dividido pelo desejo na fantasia.....	25
1.5	Masiquismo.....	37
1.6	Decorrências psíquicas de ser uma mulher e de situar-se na posição feminina.....	42
1.7	O caminho da feminilidade em Freud.....	42
1.8	A posição feminina para Lacan.....	43
1.9	Ainda uma nota sobre o "não toda fálica".....	45
1.10	O conceito de gozo na teoria psicanalítica.....	47
1.11	Soler e o masiquismo feminino.....	53
2	A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....	62
2.1	<i>O infans</i>.....	62
2.2	Pulsão de morte, <i>Eros</i> e narcisismo primário.....	62
2.3	O narcisismo.....	64
2.4	A libido.....	65
2.5	A função do aparelho psíquico.....	66
2.6	Parafrenia e megalomania.....	67
2.7	O protótipo do eu a partir da relação com Outro arcaico.....	68
2.8	A divisão do objeto em familiar e em estranho.....	70
2.9	As letras recebidas do Outro.....	70
2.10	O real no inconsciente- a coisa – <i>das Ding</i>.....	73
2.11	<i>O falasser</i>.....	74
2.12	A lei da mãe e o Nome-do-pai.....	74
2.13	O sintoma separador da lei da mãe.....	75
2.13.1	. <u>O sintoma separador na neurose: a fantasia fundamental</u>.....	76
2.13.2	<u>O sintoma formação de compromisso</u>.....	77

2.13.3	<u>O sintoma fantasia</u>	78
2.14	A castração simbólica	79
2.15	Do proto-sujeito ao sujeito dividido	80
2.16	Constituição do sujeito dividido e do objeto <i>a</i> - o matema da fantasia	82
2.17	A alienação e a separação	83
2.18	A metáfora paterna	85
2.19	O objeto proibido e o objeto impossível	86
2.20	O objeto resto da castração simbólica é retido na fantasia	88
2.21	A posição do sujeito que visa satisfazer ao desejo e ao gozo do Outro	89
2.22	A fantasia fundamental e as estruturas clínicas	90
2.23	As três dimensões da fantasia fundamental	92
3	A FANTASIA EM FREUD	93
3.1	Fantasias inconscientes e Devaneios	94
3.2	Fantasia e teorias infantis sobre a sexualidade	96
3.3	Conexões entre fantasia, sintoma e ataque histérico	97
3.4	Freud e a fantasia nos diversos quadros psíquicos	100
3.5	Brincadeira, fantasia e criação artística	102
3.6	Tempo e fantasia	103
3.7	Uma estranha fantasia que se repete	105
3.8	A repetição - confluência da pulsão de morte e da pulsão de vida	106
3.9	Pulsão de morte, <i>Eros</i> e narcisismo primário	107
3.10	Do <i>Pictograma</i> ao <i>Phantasme</i>	108
3.11	Anna Freud: fantasia de espancamento e devaneios agradáveis	110
3.12	A fantasia ‘<i>Uma criança é espancada</i>’: resíduo do complexo de Édipo	112
3.12.1	<u>A primeira fase</u>	114
3.12.2	<u>A terceira fase</u>	115
3.12.3	<u>A dedução freudiana da segunda fase recalcada</u>	116
3.13	O objeto batido é mero substituto do Eu	119
3.14	A "fantasia última"	119
	CONCLUSÃO	121
	REFERÊNCIAS	133
	APÊNDICE A - Le fantasme et ses effets sur la sexualité féminine	143

INTRODUÇÃO

Essa tese é resultado da parceria de cotutela acordada entre o Programa de Pós-graduação em Psicanálise, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, área de concentração em Pesquisa e Clínica em Psicanálise, e a *Université Nice Sophia Antipolis - Lettres, Arts et Sciences Humaines*. Objetiva atender aos requisitos das duas instituições para a obtenção do título de Doutora junto a ambas universidades.

Visando à máxima fidelidade possível ao texto freudiano, o presente trabalho utiliza várias edições das *Obras Completas de Freud*. Por esta razão, o leitor poderá encontrar a referência de algum artigo acompanhada de dois distintos anos de edição. Essas diferenças referem-se a publicações e traduções distintas de um mesmo texto. Quando a tradução das obras completas de Freud da Edição Standard Brasileira (ESB) corresponde à versão argentina da Editora Amorrortu, foi adotada a primeira. Nos casos em que houve uma sutil diferença, a segunda foi a escolhida, uma vez que foi produzida diretamente do original em alemão. Essas passagens aparecem em livres traduções, acrescidas dos textos publicados em espanhol em nota de rodapé.

Nas ocasiões em que a tradução da ESB foi utilizada, os conceitos de *Ego*, *Superego*, *Id* e *catexia* foram substituídos por Eu, Supereu, Isso e investimento.

Utilizamos na narrativa Eu com maiúscula e eu com minúscula. A primeira grafia refere-se à instância já constituída, que se distingue do Isso e do Supereu; quando utilizamos a segunda, estamos abordando alguma de suas etapas constitutivas ou algum aspecto dessa instância como, por exemplo, a percepção de si.

Objetivo da pesquisa

A presente tese tem como objetivo analisar os efeitos da fantasia fundamental sobre a sexualidade feminina. Para tanto, nos debruçamos sobre a concepção de fantasia em Freud e em Lacan, particularmente na fantasia *Uma criança é espancada* (1919a/ 2006), paradigma do conceito lacaniano de fantasia fundamental. Através de recortes clínicos, articulamos algumas das posições adotadas em fantasias com respectivas escolhas no campo amoroso, profissional e referentes à própria sexualidade.

Tese

Sustentamos que a posição a qual o sujeito está fixado na fantasia fundamental e que dá acesso ao gozo fálico sexual, qual seja, a de objeto do Outro, tenha efeitos nos demais campos sociais como no amor ou no trabalho e participe de sua identificação mais secreta e particular.

Escopo da pesquisa

O escopo da tese se restringe a casos de neurose, cuja escuta clínica nos autoriza a avançar, a saber, casos em que o sujeito se apresenta como do sexo feminino, identificado ao significante mulher e ao gênero feminino. Outros recortes de sujeitos foram eventualmente mencionados, mas não constituem o objeto principal desta pesquisa.

Justificativa

Freud acreditava haver uma importante ligação entre a gênese da neurose e um trauma disparador, considerando “a constituição psicosexual e certos males da vida sexual como as causas primordiais das perturbações neuróticas” (FREUD, 1907/ 1996, p. 123). Cabe observar, porém, que nos primórdios da Psicanálise, ele atribuía às sedução que suas analisandas relataram terem sofrido na infância como sendo a gênese de muitos desses traumas.

Com o passar do tempo, ele percebeu que aquilo que constitui o trauma, diz respeito a uma verdade absolutamente subjetiva. Foi por essa razão que, em 21 de setembro de 1897, na carta 69 dirigida a Fliess, ele declarou “não acredito mais em minha neurótica” (FREUD, 1897/ 1996, p. 309), promovendo uma reviravolta importante em sua teoria. Desde então, o trauma passou a ser compreendido como a gramática *inconsciente*, versão retida por cada um sobre os escombros e fragmentos do que recorda e supõe ter lhe ocorrido numa determinada cena entre ele próprio e alguém significativo na sua história. Essa versão inconsciente recebe

a sigla de *fantasia*, e juntamente com seus desdobramentos conscientes e devaneios adquirem o valor de realidade psíquica.

É porque a fantasia adquire status de realidade psíquica que escutar a fantasia inconsciente ligada ao trauma que habita cada sujeito passa a ter tanta importância, valor que outrora se restringia à recuperação da lembrança de uma sedução traumática vivida. Freud escreve: “o fato das fantasias proliferarem e se tornarem hiperpotentes cria as condições para a queda numa neurose ou numa psicose”¹ (FREUD, 1908 [1907]/ 2006, p. 131). As fantasias conscientes e inconscientes transformam-se, dessa forma, em objetos privilegiados de estudo da Psicanálise e o seu foco de atenção muda da verificação de veracidade dos fatos vividos para a escuta das fantasias.

A fantasia torna-se o objeto por excelência da escuta psicanalítica, uma vez que adquire o valor de raiz da neurose, de realidade psíquica, orienta o desejo e sintetiza a forma de gozo do sujeito, podendo, por isso, produzir desdobramentos em todas as áreas de sua vida. Desta forma, o estudo cuidadoso da fantasia passa a ser de suma importância. Isso porque a forma privilegiada de gozo do sujeito nas relações que estabelece com os outros adquire com Freud e Lacan um estatuto que transcende o aspecto meramente genital e transborda para os outros modos de relação com os demais, podendo causar sofrimento.

Lacan, ao longo de seu ensino, toma a fantasia *Uma criança é espancada*, analisada por Freud (1919a/2006), como paradigma de seu conceito de fantasia fundamental. Dessa fantasia emerge um sujeito dividido pelo desejo numa relação particular com um objeto *a*, $\$ \leftrightarrow a$. Para cada sujeito de desejo, a fantasia fundamental representa o axioma de seu gozo, evidenciando o entroncamento da pulsão sexual à pulsão de morte.

No universo da neurose, pensamos que a posição particular do sujeito inscrita na fantasia fundamental tenha efeitos não apenas na sexualidade feminina, mas nos demais campos onde o afeto pode se enlaçar. Acreditamos que, embora a fantasia fundamental de cada um continue vida a fora a concernir ao sujeito, pode-se elaborar novas maneiras de lidar com essa posição ao qual se está capturado. Ou seja, não apenas reproduzindo-a inconscientemente nos outros universos sociais, nem tampouco se exaurindo em reações reativas à sua potencial materialização, mas aproximando-se dela em análise, para elaborar novas opções de se estar no mundo. “Com o fim da análise, o que se pode esperar é que mude a relação do sujeito com essa fantasia fundamental” (MILLER, 1983/ 1987, p. 105). Nem inibição diante do estranho gozo que lhe determina com sujeito de desejo, nem reação reativa

¹ Livre tradução de: “El hecho de que las fantasías proliferen y se vuelvan hiperpotentes crea las condiciones para la caída en una neurosis o una psicosis” (FREUD, 1908 [1907]/ 2006, p. 131).

à sua materialização, nem pura repetição, mas um *savoir y faire* com o que determina cada um, enquanto sujeito de desejo singular.

Devido à prevalência clínica da dimensão masoquista dessa fantasia inconsciente, insistimos na abrangência do escopo do termo tal como apresentado por Freud (1919a/ 2006) e, por isso, sugerimos que o interpretemos como prazer com a *dor psíquica*: dor oriunda da repetição da encenação de uma determinada versão particular de *perda do amor do Outro, de ferida narcísica*, que, ao se atualizar *em fantasia*, chancela o gozo sexual.

Relevância clínica

Em *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina* (1960[1958]), Lacan observa que as psicanalistas mulheres, que poderiam colaborar para elucidar o enigma da sexualidade feminina, pouco têm contribuído: "as representantes do sexo, não importa que volume produza sua voz entre os psicanalistas, não parecem ter dado o melhor de si para a retirada desse lacre" (LACAN, 1960 [1958], p. 736). Sensíveis à provocação de Lacan, tentamos abordar a questão do desejo, oferecendo ao leitor o *melhor* de nossa prática clínica que, paradoxalmente, articula-se ao *pior* de cada sujeito.

O escandaloso da descoberta freudiana é que, ao contrário do que prega o senso comum - de que cada um só "quer se dar bem"-, há uma dimensão do psiquismo, que se deleita com o próprio fracasso e martírio. A presente tese é efeito dessa constatação clínica e da provocação de Lacan. Examinaremos, dentro do escopo da neurose e da sexualidade feminina, algumas das coordenadas a partir das quais desejo e gozo emergem.

A Psicanálise, quando levada às suas últimas consequências, com a decantação de uma fantasia "última"² estruturante, permite que se reconheça algumas coordenadas do gozo singular ao qual se está secretamente fixado na relação estrutural com o Outro. "As fantasias são os estados prévios mais imediatos dos sintomas patológicos de que nossos analisandos se queixam"³ (FREUD, 1908 [1907]/ 2006, p. 131). Durante o longo processo de análise, com o auxílio da escuta do psicanalista, torna-se possível elaborar pequenos deslizamentos significantes que possibilitam alguma flexibilidade frente ao imperativo de repetição do gozo.

² (LACAN, 1957-1958, p. 252).

³ Livre tradução de: "además, las fantasías son los estadios previos más inmediatos de los síntomas patológicos de que nuestros enfermos se quejan" (FREUD, 1908 [1907]/ 2006, p. 131).

Ou seja, ter notícias da estrutura de fantasia singular que rege seu gozo, permite ao Eu alguma liberdade para não repeti-la aleatoriamente em todo e qualquer campo de atuação, pois reconhecendo a sua interferência aos seus primeiros sinais, pode poupar-se dos estragos oriundos de sua atualização na realidade compartilhada. Queremos dizer, permite à instância, mais advertida do sujeito de desejo, que lhe habita e comanda, não repetir inadvertida e prejudicialmente tal posição fantasmática.

A relevância de aprofundarmos o estudo sobre os efeitos da fantasia fundamental e a identificação reside no fato de que esse estudo permite um manejo clínico crucial. Isso porque um dos efeitos mais duradouros da análise, quando levada às suas últimas consequências consiste no fato de permitir que a pessoa que ‘atravessa a sua fantasia’ adquira uma margem de liberdade de não repeti-la indiscriminadamente em qualquer área de sua vida, mas ao contrário, possa inserir um pouco de humor no que continua a determinar seu nó estrutural, seu gozo sexual. Dito de outra maneira, acreditamos que, se por um lado, a singularidade da fantasia fundamental que submete cada um, enquanto sujeito de desejo tenha uma amarração de gozo fixa, ligada à sua história e aos seus pontos de fixação, seu nó traumático, é possível, ao reconhecer os sinais de tais coordenadas, brincar com elas, abrindo novos significados, transformando tragédia, sofrimento e sintoma, em algo mais bem humorado, diferente. Assim, apesar da estrutura do sujeito de desejo manter suas amarrações infantis numa fantasia estrutural com a qual o sujeito se identifica é possível não repeti-la *ao pé da letra* e sim divertir-se com os deslizamentos criados em análise, cujo manejo nos casos de neurose deve incidir precisamente na *elaboração* dessa fantasia.

É preciso ressaltar que a Psicanálise difere das demais terapias, na medida em que toma para si o desafio de escutar o sujeito do inconsciente, que é determinado, na neurose e na perversão, pelo desejo que o situa numa relação particular frente ao Outro, circunscrita no enquadre particular de sua fantasia. Neste sentido, Miller enfatiza: "é a fantasia que nos conduz à dimensão ética da Psicanálise" (MILLER, 1983/ 1987, p. 96).

Ao enfatizar que a ética da Psicanálise conduz à fantasia fundamental, Miller esclarece qual a responsabilidade do analista e de seu desejo: "é uma responsabilidade, o fato de que o desejo do analista seja obter de um sujeito a sua fantasia fundamental" (MILLER, 1983/ 1987, p. 125). Em consonância com tal assertiva, consideramos que a finalidade da análise nos casos de neurose inclua a aquisição pelo analisando desse saber sobre a posição a que se está submetido enquanto sujeito na fantasia; e em que medida isso repercute nas escolhas que cada um realiza nos demais campos da vida, além do sexual propriamente dito. Evidentemente, não se trata de um saber didaticamente apreendido, mas de um saber fazer alguma coisa com isso,

um *savoir y faire*. Neste trabalho, optamos por nos concentrar nas bases teóricas utilizadas por Lacan ao enunciar o conceito de fantasia fundamental. Esperamos ter oportunidade para desdobrar a presente pesquisa com os últimos estudos de Lacan sobre a teoria dos nós e o *sinthoma*, num futuro próximo.

Metodologia

Procuraremos utilizar recortes clínicos articulando-os aos legados freudiano e lacaniano. Devido à absoluta necessidade de cuidado com aquilo que nos é confiado em consultório, condensamos diferentes casos clínicos, de modo que cada uma das citações clínicas relatadas refere-se a uma bricolagem dos casos atendidos nos anos anteriores a esse trabalho.

Tomamos a decisão de iniciar a narrativa da tese não pela ordem cronológica das descobertas psicanalíticas, nem pela da constituição do sujeito. Ao invés disso, optamos por começar expondo pontos-chaves, que podem suscitar polêmica, no diálogo teórico com aqueles que nos precedem.

No primeiro capítulo, abordaremos a particularidade do sujeito para a Psicanálise, destacando em seguida, alguns aspectos da concepção de identificação para Freud e Lacan. Depois, veremos as principais características relativas à posição feminina em Freud e em Lacan. Ainda nesse capítulo, examinaremos a especificidade do conceito de gozo para a Psicanálise; o masoquismo, o masoquismo feminino. Concluímos o capítulo apresentando algumas observações de Soler sobre esses últimos temas e o nosso comentário a esse respeito.

No segundo capítulo, acompanharemos o desenvolvimento do *infans* - aquele que ainda não está marcado pela linguagem - até o *fallasser* - que está imerso no universo da linguagem. Examinaremos, particularmente, a sua entrada no campo da neurose, que ocorre em decorrência do complexo de Édipo, que deixa como resíduo uma fantasia masoquista singular, cujo paradigma é a fantasia *Uma criança é espancada*, estudada por Freud, em 1919a, e retomada por Lacan para embasar seu conceito de fantasia fundamental.

No terceiro capítulo, faremos uma exposição minuciosa do desenvolvimento do conceito de fantasia na obra de Freud até chegar ao estudo dessa fantasia em 1919a.

Sempre que possível, inserimos na narrativa fragmentos clínicos, que contribuía para articular cada um desses aspectos da fantasia fundamental à questão da sexualidade feminina e a seus desdobramentos em outros campos de sua vida.

Finalizaremos, apresentando nossa conclusão sobre esse universo tão complexo, obscuro e particular, referente aos efeitos da fantasia fundamental na sexualidade feminina. Convidamos o leitor a nos acompanhar.

1 DEMARCAÇÃO DE ALGUNS CAMPOS CONCEITUAIS

1.1 Qual a especificidade do sujeito a quem a Psicanálise se dispõe a escutar?

Quem é o sujeito a quem a Psicanálise se dispõe a escutar? Seriam análogos o sujeito da Psicanálise e o da Filosofia? Lacan indaga: "uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de sujeito podemos conceber-lhe?" (LACAN, 1960/ 1998, p. 814).

O psicanalista responde, estabelecendo uma distinção entre o sujeito hegeliano e o sujeito freudiano. O primeiro "desde a origem até o fim, sabe o que quer" (LACAN, 1960/1998: 817), mas importa que o desejo interfira o mínimo possível na ligação que o sujeito estabelece entre verdade e saber. Já para o segundo, o sujeito freudiano, a relação entre a verdade e o saber passa fundamentalmente pelo desejo; embora raramente tal relação apareça de maneira evidente.

Em Freud, que é efetivamente um saber, mas um saber que não comporta o menor conhecimento, já que estou inscrito num discurso no qual, à semelhança do grillão de antigo uso, o sujeito que traz sua sob sua cabeleira o codicilo que o condena à morte não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi tatuado em sua cabeça raspada enquanto ele dormia (LACAN, 1960/ 1998, p. 818).

Lacan (1960/ 1998) indica que a prática psicanalítica pressupõe destacar do que lhe é confidenciado, uma saber do sujeito relativo ao seu desejo, que frequentemente está oculto dele mesmo. Essa verdade sobre o desejo é decantada no decurso das análises através dos relatos de cada analisando. Alguns significantes que se repetem e são capazes de deflagrar reações abruptas quando emergem nas situações descritas indicam uma possível posição daquele que nos fala numa relação fantasmática diante do Outro. É precisamente essa relação de gozo que guia o analista na sua escuta flutuante.

O sujeito da psicanálise, embora jamais previsível, se circunscreve pelas posições singulares que assume na relação estrutural que estabelece com o Outro, posição que se repete ao longo de sua história e que costuma ser fonte de sofrimento psíquico, embora a própria pessoa se engaje nessa repetição. Esse engajamento no que se repete como queixa dá notícia da singularidade do gozo ao qual aquele sujeito de desejo está capturado.

1.2 Quem está falando?

É crucial ressaltar de saída que o Eu (*Moi*) e o sujeito de desejo (*Je*) não se equivalem. O sujeito dividido pelo desejo emerge no enquadre da fantasia frente a um objeto *a*, como resposta ao enigma do desejo do Outro e será o objeto de nossa análise.

Já o Eu, o Supereu e o Isso são instâncias psíquicas, com funcionamentos inconscientes próprios e distintos entre si. Como não temos a pretensão de adentrar as características dessas instâncias, as apresentamos sucintamente apenas com o intuito de ressaltar a descoberta freudiana, de que o homem "não é mais senhor em sua morada" (FREUD, 1900/2006), uma vez que é compelido por forças inconscientes, que o constroem. O Isso é a fonte de onde, mais tarde, se destacam as outras duas instâncias. É regida pelo princípio de prazer, nela não há passagem de tempo, as ambivalências e contradições lógicas coexistem lado a lado sem se anularem.

O Eu é uma instância psíquica, que se desenvolve a partir do teste da realidade e procura conciliar o princípio de prazer ao princípio de realidade. É composta por uma dimensão consciente e outra inconsciente, sua maior parte; é o responsável por administrar o conflito estrutural entre o Supereu e Isso.

O Supereu é a instância que se separa do Eu e que reverbera as vozes introjetadas e o olhar das figuras de autoridade relativas à história de cada um. É a instância que observa e julga o Eu, não apenas a partir da Lei de proibição do incesto, introduzida com o complexo de Édipo, mas também com mandados sádicos, que podem conduzir à morte. Nesse sentido, o Supereu se subdivide em duas matrizes que coexistem ao longo da vida adulta: *o Supereu herdeiro do complexo de Édipo e o Supereu primitivo*, expressão mais pura da pulsão de morte, onde está ancorada a arcaica posição do *infans* de total submissão ao gozo do Outro. Ocorre que as duas dimensões do Supereu não são congruentes, ao contrário, digladiam-se, deferindo ordens contraditórias no tablado do Eu. Enquanto vozes do Supereu arcaico podem reverberar - *desista, você ainda não está pronto, é muito pequeno.....Submeta-se!-;* outras provenientes do Supereu, herdeiro do complexo de Édipo, podem dizer: *Tente! Quiçá você consegue.*⁴Essas ordens e vozes na neurose, estrutura clínica a que se restringe esse estudo, têm como ponto de emissão o Supereu, que "nos é apontado pela experiência que temos de

⁴Jean-Michel Vivès, em Seminário proferido na PUC-RJ, 2008, apresentou quatro modalidades de vozes do Supereu.

ouvir dentro de nós ordens cujo imperativo se apresenta como categórico, ou seja, incondicional" (LACAN, 1963, p. 777).

Em suma, a primeira matriz diz respeito à relação com o Outro primitivo, ainda não mediada pela castração simbólica nem pelo enigma do desejo do Outro. Matriz das vozes do Outro, interiorizadas antes da travessia do complexo de Édipo. E a segunda matriz do Supereu é efeito da castração simbólica, do encontro com o enigma do desejo do Outro, com a função paterna. É a partir desse encontro que o complexo de Édipo introduz a Lei que proíbe o incesto e que, portanto, põe algum limite ao gozo e ao poder absoluto do Outro arcaico sobre o *infans*. Isso porque o enigma do desejo do Outro produz um corte na mítica simbiose entre o *infans* e o Outro, permitindo que uma resposta inconsciente para esse enigma se construa. Essa resposta é a *fantasia fundamental*, tema desta tese, cujo paradigma é a fantasia *Uma criança é espancada* (1919a/2006).

A obra de Freud evidencia, justamente, o desconhecimento do homem sobre as forças atuantes em si e a parcialidade do Eu no tocante a essas forças. Lacan retoma a questão ressaltando esse desconhecimento do Eu sobre si.

A imagem especular é sempre um erro. Ela não é simplesmente uma ilusão, um logro da *Gestalt* cativante [...] ela é basicamente um erro, na medida em que o sujeito nela se des-conhece, se permitem a expressão, na medida em que a origem do Eu {*moi*} e seu desconhecimento fundamental acham-se aqui reunidos na ortografia (LACAN, 1962, 30 de maio, inédito)⁵.

A poetisa Clarice Lispector bem expressa esse desconhecimento apontado por Lacan: "é que sempre sou remota a mim mesma, sou-me inalcançável [...] Toda a minha ânsia tem sido esta proximidade inultrapassável e excessivamente próxima" (LISPECTOR, 1998, p. 122-123).

Dessa feita, o sujeito sobre o qual a Psicanálise se debruça é administrado na tensão de forças, que excedem sobremaneira o que a pessoa supõe pensar e querer. A própria percepção de si mesmo é uma aquisição conquistada através das relações que estabelecemos com os outros. "É necessário supor que não haja desde o início no indivíduo uma unidade comparável ao Eu, o Eu precisa ser desenvolvido" (FREUD, 1914/2006, p.74). Além do fato do Eu não ser dado naturalmente, mas resultado de inúmeros trabalhos psíquicos no encontro com o Outro, sempre mediado pela linguagem, a própria consciência é apenas "uma qualidade

⁵Livre tradução de: "l'image spéculaire est une erreur. Elle n'est pas simplement une illusion, un leurre de la *Gestalt* captivante [...] elle est foncièrement une erreur en tant que le sujet s'y me-connaît, si vous me permettez l'expression, en tant que l'origine du moi et sa méconnaissance fondamentale sont ici rassemblées dans l'orthographe" (LACAN, 1962, 30 mai, inédit).

do psíquico" (FREUD, 1923/ 1996, p. 27). Nesse contexto, Lacan interroga: "Qual seja a maneira certa de responder à pergunta: *Quem está falando?*" (LACAN, 1960/ 1998, p. 815).

Descobrimos com Freud que, a despeito de seus anseios e valores, o Eu está submetido ao recalque e ao desejo inconsciente que se infiltra em seu discurso. Por outro lado, quando se trata do sujeito do inconsciente, "essa resposta não poderia provir dele, se ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando, como nos ensina a experiência inteira da análise" (LACAN, 1960, p. 815). Então, quem está falando?

É por reconhecer naquele que nos fala esse solo de dilemas e incongruências que, na escuta flutuante, o psicanalista toma como bússola aquilo que cada um descreve como excessivo nas relações que mantém com seus respectivos objetos de investimento. As descrições de cada analisando são carregadas por suas interpretações, cujos enquadres são fornecidos pelas fantasias inconscientes singulares que os orientam, enquanto sujeitos de desejo. Isso porque a fantasiada as coordenadas do desejo, e "desejo [é] vontade de gozo" (LACAN, 1963/ 1998, p. 784).

Ao dizer que "desejo [é] vontade de gozo" (LACAN, 1963/ 1998, p. 784), Lacan circunscreve o desejo do ponto de vista psicanalítico, distinguindo-o de sua utilização no senso comum. Para a Psicanálise, o desejo não se confunde com as vontades; diz respeito, precisamente, àquilo que é da ordem do excesso, a vontade de gozo. O desejo, na especificidade que a Psicanálise o utiliza, é condicionado por uma Lei subjetiva. Aquele só se configura em relação a esse último, uma vez que "Lei e desejo recalcado são uma e mesma coisa" (LACAN, 1963, p. 777). Dessa feita, o mal-estar e a culpa são decorrências forçadas do conflito próprio à condição de sujeito, cuja matriz é o embate entre desejo e Lei.

Tomando a indicação freudiana, de que o desejo surge com a interdição da Lei, Lacan demonstra que "o lugar do interdito, que é o intra-dito de um entre-dois-sujeitos, é justamente aquele em que se divide a transparência do sujeito clássico" (LACAN, 1960, p. 815). Por tudo isso, o sujeito ao qual a Psicanálise se propõe a escutar não equivale ao sujeito da filosofia hegeliana que "desde a origem até o fim, sabe o que quer" (LACAN, 1960, p. 817).. Diferentemente do filósofo alemão, o psicanalista aposta que cada analisando tenha sempre mais a dizer sobre o que supunha já saber, uma vez que é habitado por essas inúmeras vozes e forças inconscientes litigantes.

No *Seminário, livro 14, A lógica da fantasia* (1966-1967) Lacan esclarece que tal como "um significante não pode significar a si próprio", o sujeito dividido e o Eu têm suas existências confirmadas, não pelo que poderia lhes ser considerado intrínseco, mas pela

relação com o Outro. Ou seja, a existência tanto do Eu como do sujeito dividido do desejo não são dadas, são efeitos de uma longa relação discursiva com o Outro.

O sujeito dividido pelo desejo, na neurose, tem a peculiaridade de emergir no enquadre da fantasia, frente a um objeto *a*. Essa relação do sujeito dividido, com o objeto *a*, configura a excêntrica posição de gozo do sujeito na relação com o Outro. Acreditamos que essa posição particular no enquadre da fantasia se infiltre na identificação do sujeito em outras áreas de sua vida, além de na sexualidade propriamente dita. Essa posição privilegiada de gozo, discursiva e de relação com o Outro, que especifica um sujeito dividido particular na neurose e na perversão é precisamente o que é rechaçado pelo Eu. Por essa razão, a escuta psicanalítica precisa levar em conta essas balizes.

Nesse sentido, nem tudo o que o Eu rejeita em si é necessariamente não-eu. Sabe-se com Freud que, na sua constituição, o *infans* tende a introjetar o que é da ordem do prazer e a expulsar da sua incipiente concepção de si o que lhe causa desprazer. De modo equivalente, as diferentes modalidades de ‘negação’ desempenharão papel relevante na vida adulta.

O eu é [...] duplamente ilusório [...] entregue à função da metade - ou de falso *semblant*. Ele é ilusório igualmente naquilo que instaura uma ordem lógica perversa [...] a fórmula, na medida em que ela cruza a fronteira lógica, que supõe que num dado momento qualquer e que supomos primordial da estrutura isso que é rejeitado pode ser chamado de ‘não-eu’: é bem precisamente isso o que nós discordamos⁶ (LACAN, 1966-1967, 16 novembro, inédito).

O psicanalista, na sua prática, não pode se fiar apenas naquilo que o analisando considera que seja sua atribuição ou responsabilidade. É preciso tomar também o que se repete no discurso, interrogando-lhe qual a sua parcela de participação nesses desdobramentos.

Contrapondo-se a ideia de que o sistema inconsciente estaria localizado nas profundezas do ser, Lacan retoma Freud, em o *Eu e o isso* (1923/1996), para enfatizar que "o Eu é antes de tudo uma entidade corporal, não somente uma entidade toda em superfície, mas uma entidade correspondente à *projeção*⁷ de uma superfície" (LACAN, 24 de janeiro de 1962, inédito).

⁶Livre tradução de: *Le moi est [...] doublement illusoire. [...] livré à la fonction du demi- ou du faux-semblant. Il est illusoire également en ceci qu'il instaure un ordre logique perversi [...] la formule, pour autant qu'elle franchit imprudemment cette frontière logique, qui suppose qu'à un moment quelconque donné et qu'on suppose primordial de la structure, ce qui est rejeté peut s'appeler "non-moi": C'est très précisément ce que nous contestons!* (LACAN, 1966-1967, 16 Nov).

⁷ Itálico, nosso.

A elaboração lacaniana sobre a banda de Moebius instrumentaliza o analista na sua escuta flutuante. Ela é uma figura da topologia trabalhada por Lacan, que se caracteriza pela forma de um oito achatado, como o símbolo do infinito. Se uma formiga seguisse continuamente sobre a superfície da banda passaria, sem nenhuma interrupção, do interior da figura para o exterior⁸. De modo equivalente, na associação livre, o sujeito pode passar do que reconhece em si para o que rejeita, surpreendo-se com que acabara de enunciar. A arte, mais uma vez, nos auxilia a visualizar a forma da Banda de Moebius, tão estudada pela matemática, através do trabalho de Escher ou de Duran.



1.3 A lógica cartesiana de identidade

Lacan lembra que “a psicanálise foi inicialmente apresentada ao mundo como sendo aquela que trazia a verdade verdadeira [...] E essa verdadeira verdade é o lado escondido das

⁸ ∞

cartas” (LACAN, 1961-1962, lição de 15 de novembro, inédito). E para extrair o lado oculto das cartas quanto à identidade do sujeito, ele propõe que “entremos nas relações da identidade do sujeito [...] pela fórmula cartesiana [...] *penso, logo sou*” (LACAN, 1961-1962, lição de 15 de novembro, inédito). Dialogando com essa corrente filosófica, Lacan, recorre a Brentano, que, por sua vez, se remete a São Tomás de Aquino. O psicanalista observa, a partir das considerações de seus precursores teóricos, “o caráter propriamente evanescente desse eu” (LACAN, 1961-1962, lição de 22 de novembro, inédito).

Demarca o modo radicalmente distinto como a psicanálise concebe o pensamento. Ocorre que “para nós [...] o pensamento começa no inconsciente” por essa razão “convém interrogar esta fala, eu penso”. Considera que ‘eu penso’ seja tão paradoxal quanto ‘eu minto’; uma vez que, devido ao inconsciente, a verdade não possa jamais ser toda dita, tornando possível mentir e dizer a verdade de uma só feita. Por essa razão, o Eu para a Psicanálise corresponde ao conjunto de verdade produzida sobre si em análise: “não se trata nunca senão da verdade, e no que escuto dela [...] de meus analisantes”, “essa verdade é o lado escondidos das cartas” (LACAN, 1961-1962, inédito, lição 15 de novembro).

Ele aponta também o apelo que Descartes faz a Deus como suposto saber. A Psicanálise, apoiada justamente na experiência cartesiana da dúvida - *Penso, logo, sou*, ou seja, *Duvido, logo, sou-*, denuncia o caráter frágil do Eu, mesmo levando em conta a complexidade da instância, que muito difere do *eu* do Cógito. Assinala também o fato de não haver Deus que garanta nenhuma verdade, o que há é:

[...] um traço de estrutura [...] traço único [...] despersonalizado, não somente de todo o conteúdo subjetivo, mas também de toda variação [...] não podemos dizer dele outra coisa senão no que ele é o que tem de comum todo significante, de ser constituído sobretudo como traço, de ter esse traço por suporte [...] identificação inaugural do sujeito com o significante radical [...] traço único, não de nenhuma totalidade, mas bastão, marca da “notação mínima” (LACAN, 1961-1962, lição de 22 de novembro, inédito).

Ou seja, o sujeito que a Psicanálise escuta se constitui dentro de relações de linguagem, através das quais o campo do Outro se inscreve em seu corpo, equipando-o com a percepção, sempre atravessada pelo inconsciente, de quem ele é. Tal percepção é fruto de traços significantes retidos ao longo da história de cada um. Lacan utiliza o recém criado campo da Linguística para pensar a Psicanálise. Apropriando-se do conceito apresentado ali, propõe seu conceito de significante:

O significante é primeiro aquilo que tem efeito de significado (LACAN, 1972-1973/ 1985, p. 29) [...] a significação é algo que se abre em leque (LACAN, 1972-1973/ 1985, p. 30) [...] O

significante [...] é o fundamento da dimensão do simbólico (LACAN, 1972-1973/ 1985: 32) Ele é mais do que a encarnação de um fonema, não corresponde a ideia de palavra, não obstante, [é] um significante; pode ser coletivizado [...] fazer coleção (LACAN, 1972-1973/ 1985, p. 29).

Prestigiando a contribuição de Saussure, chama a atenção para o fato de o sujeito de desejo estar dividido em sua existência por uma articulação lógica oriunda do lidar com os significantes. Para exemplificar como a existência do sujeito dividido está marcada pela dimensão da lógica significante, Lacan (1961-1962, 22 de novembro, inédito) recorre ao exemplo do “expresso das 10: 15”. Ele ressalta que esse valor de identidade é definido, não pelo material ou composição do comboio, mas pela por sua organização significante: “expresso das 10:15”. É a partir dessa perspectiva significante que ele conduz o *Seminário, livro IX, A identificação* (1961-1962, inédito).

O que quero dizer é que, para nós, psicanalistas, o que entendemos por identificação, porque é isto que encontramos na identificação, naquilo que há de concreto em nossa experiência referente à identificação, é uma identificação de significante (LACAN, lição de 22 de novembro de 1961, inédito).

1.4 A identificação

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/ 1996), Freud analisa os processos de identificação, indicando: identificamo-nos com quem gostaríamos de *ser*, e tomamos como objeto quem gostaríamos de *ter*. Porém, no desenvolvimento do artigo observa que, “tal como ocorre na estrutura de um sintoma neurótico” (FREUD, 1921/ 1996, p. 116), a identificação também emaranha os objetos que se gostaria de *ter* com os que se desejaria *ser*. Os processos de identificação têm, portanto, raízes intrincadas. Depois de discorrer sobre três distintas modalidades de identificação em relação à eleição de objeto, Freud as sintetiza do seguinte modo:

O que apreendemos dessas três fontes pode ser assim resumido: primeiro, a identificação constitui a forma mais originária de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no Eu; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum compartilhada com alguma outra pessoa que não é objeto da pulsão sexual (FREUD, 1921/1996, p. 117).

Dentre as três formas de identificação, a segunda - aquela através da qual o Eu incorpora o objeto libidinalmente investido - é a que mais nos interessa, pois permite antever a vinculação entre a identificação e a posição de sujeito desejante desenvolvida por Lacan.

No *Seminário, livro IX, A identificação* (1961-1962, inédito), ele aborda a constituição do sujeito de desejo, especialmente na neurose, sob a ótica da articulação significante que determina o desejo. Ele equivale “as leis da identificação à identificação ao significante” (LACAN, 1961-1962, inédito, lição de 22 de novembro). Significantes entendidos como marcas de pura diferença; de ser o que os outros não são.

Ele inicia seu seminário fazendo um balanço dos seminários que proferira desde 1953 até aquele momento. Dividiu-os de acordo com uma pulsação conceitual, a saber: a do sujeito e a do significante; lógica que fazia com que o Seminário da *Identificação* fosse inserido na temática significante. “O importante na identificação deve ser, propriamente, a relação do sujeito com o significante” (LACAN, 1961- 1962, inédito, lição de 15 de novembro de 1961).

Para avançar na questão, Lacan analisa a identificação, retomando a discussão filosófica e matemática acerca das dificuldades concernentes à noção de ‘mesmo’ e de ‘idêntico’. A partir da frase matemática $A=A$, o psicanalista francês faz uma síntese do debate histórico em torno dela. Enquanto Russell propõe que o que esteja em jogo seja a noção de igualdade, a saber, A é igual a A , Wittengenstein faz um desvio e lê a frase da seguinte forma: *A equivale a A*. Trata-se de um pequeno desvio, mas que muito interessa à psicanálise, diz Lacan (1961-1962, lição de 15 novembro 1961, inédito). Isso porque considera importante pensar a identificação e a questão do mesmo e do idêntico na experiência da fala, com seus equívocos e ambiguidades. Ele observa ainda que em algumas línguas, quando a pessoa fala de si, ocorre uma reduplicação do que seria a sua identidade. Acrescenta que o termo identificação provém do latim de *idem* e designa “do mesmo”. Nesse sentido, quando a pessoa diz ‘*moi-même*’ ou ‘eu mesma’, está indicando, segundo Lacan (1961-1962 inédito), que houve um ato, um trabalho de reduplicação que aproxima a primeira pessoa, *eu*, da terceira, o *mesmo*.

Esses artifícios evocam a observação de Lacan no início do seminário, quando ele diz que a identificação é um fato facilmente constatável, mas sobre o qual é preciso fazer um grande esforço teórico para melhor defini-la. Com esse intuito, ele trabalha a noção de traço unário, esclarecendo que o Um da Psicanálise é o Um que falta e que, ao mesmo tempo, se repete no universo do discurso. Mas “não é surpreendente que para cada um falte a letra que

justamente designaria a si própria?”⁹ (LACAN, 1966-1967, lição de 23 de novembro, inédito).

Ele apela à teoria dos conjuntos e ao paradoxo de Russel para analisar a dificuldade do sujeito em encontrar a letra que o designaria. O paradoxo de Russel diz respeito à descoberta de uma falha lógica que Russel detectou na teoria de Frege¹⁰. Frege propôs dividir o grupo dos conjuntos em duas classes: a classe de conjunto que contém a si próprio, que poderíamos chamar de M; e uma segunda classe – N-, que não contém a si próprio.

O primeiro conjunto, M, formado pelos conjuntos que contém a si próprios não apresenta problema em sua definição. Porém a definição do segundo subconjunto apresenta um paradoxo em sua definição, pois se um conjunto não contém a si próprio, como pode ser um conjunto? Dito de outro modo, para ser N – o conjunto dos conjuntos que não contém a si próprios - N não poderia fazer parte dele próprio; então como seria conjunto? Não há como ser o conjunto N e cumprir a exigência que o caracteriza.

Logo, o paradoxo de Russel consiste em que o cumprimento da única exigência que permitiria a inclusão em determinado conjunto – não estar incluído em si próprio - seja o que torna impossível a sua configuração. O catálogo dos catálogos seria outro excelente exemplo desse paradoxo. O catálogo A seria, por exemplo, composto pelos elementos B, C, D, E. Enquanto que o catálogo B seria formado pelos elementos A, C, D, E. Não é possível fazer um catálogo de todos os catálogos, pois sempre haverá um significante de fora, “o significante a mais: aquele que não faz parte da cadeia”¹¹ (LACAN, 1966-1967, lição de 23 de novembro, inédito).

Lacan utiliza o paradoxo de Russel para enfatizar que, do ponto de vista da Psicanálise, o significante que permitiria fechar a identificação do sujeito falta ao conjunto, está fora dele.

O que pode servir para designar o grupo, pela única razão que não está ali representado [...] fazendo surgir essa unidade a mais [...] essencial a toda uma série de estruturas, que são precisamente aquelas sobre as quais eu fundei, nos anos 1960, toda minha operação da identificação. A saber, aquilo que vocês encontram, por

⁹Livre tradução de: “à ne pas nous étonner qu'à chacun il manque cette lettre qui est proprement celle qui le désignerait lui-même ?” (LACAN, 1966- 1967, 23 Novembre).

¹⁰ Alguns biógrafos afirmam que Russel teria apresentado o paradoxo antes mesmo de ler a proposta inicial de Frege, que foi revista por esse. Outros autores dizem que Russel enviou suas críticas a Frege enquanto a segunda edição do livro desse estava no prelo e pôde ser retificada a tempo.

¹¹Livre tradução de: *Le signifiant en plus: celui qui ne se saisit pas dans la chaîne* (LACAN, 1966-1967, 23 novembre).

exemplo, na estrutura do toro¹² (LACAN, 1966- 1967, lição de 23 de novembro, inédito).

Tratada constituição do sujeito de desejo a partir de um ponto de ‘enodamento’ com a demanda do Outro, deixando claro que “o sujeito que nos interessa é o desejo”¹³ (LACAN, 1961-1962, inédito, lição de 9 de maio de 1962, inédito). Para tal, ele teoriza por intermédio da topologia três momentos lógicos: a privação, a frustração e a castração. A privação é o primeiro passo de um longo ciclo. A privação é real, corresponde a um -1 que não é subjetivado: “a exceção não confirma a regra [...] ela a exige [...] Portanto, no nível da privação, [...] o sujeito é, de início [...] essa privação na Coisa [...] privação da volta não contada, é de lá que partimos”¹⁴ (LACAN, 1961- 1962, lição de 14 de março, inédito). Ele situa a privação como real e a frustração como imaginária, ambos, porém, referidos ao campo do simbólico.

[...] O passo seguinte, a frustração, diz respeito ao um da volta única, o um que distingue cada repetição em sua diferença absoluta [...] vem de uma experiência constituída [...] do universo do discurso [...] pela necessidade que essa experiência supõe, do lugar do Outro [...] é aqui que o sujeito vai conquistar o essencial¹⁵ (LACAN, 1961-1962, inédito, lição de 14 de março).

Compreendemos esse momento da frustração, como uma marca de trauma, que só se configura como tal, a *posteriori*. No momento lógico da castração, a fantasia fundamental se constitui e um significante fálico, Φ , que é decantado da “experiência”, passa a recobrir o objeto *a*.

a função desse ponto, ambíguo, [...] não somente na mediação, mas na constituição, uma à outra inerentes – [...] um avesso que [...] seria a mesma coisa que o direito –

¹²Livre tradução de: *qui peut servir à désigner le groupe, pour la seule raison qu'il n'y est pas représenté [...] faisant surgir cette unité de plus [...] essentielle à toute une série de structures, qui sont précisément celles sur lesquelles j'ai fondé, dès l'année 1960, toute mon opératoire de l'identification. A savoir: ce que vous en retrouverez, par exemple, dans la structure du tore* (LACAN, 1966- 1967, 23 novembre).

¹³Livre tradução de: *le sujet qui nous intéresse c'est le désir* (LACAN, 1961-1962, Leçon du 9 Mai 1962, inédit).

¹⁴Livre tradução de: *l'exception ne confirme pas la règle [...] elle l'exige, [...] Donc au niveau de la privation [...] le sujet est d'abord objectivement cette privation dans la chose, cette privation qu'il ne sait pas qu'il est du tour non compté, c'est de là que nous repartons* (LACAN, 1961-1962, Leçon du 12 Mars 1962, inédit).

¹⁵Livre tradução de: *Le pas suivant est [...] celui de la frustration. C'est au niveau de la frustration que s'introduit [...] Le un du tour unique, le un qui distingue chaque répétition dans sa différence absolue [...] il vient d'une expérience constituée [...] de l'univers du discours; par la nécessité, que cette expérience suppose, du lieu de l'Autre avec le grand A, tel que je l'ai antérieurement défini. C'est ici que le sujet va conquérir l'essentiel* (LACAN, 1961-1962, 14 Mars, inédit).

do \$ e do ponto *a* na fantasia fundamental, no reconhecimento do que é o objeto do desejo humano, a partir do desejo, no reconhecimento do porquê, no desejo, o sujeito não é mais que o corte desse objeto e como a história individual, esse sujeito que discursa onde esse indivíduo está apenas contido, é orientada, polarizada por esse ponto secreto, e talvez, em última instância jamais acessível [...] na irredutibilidade de uma *Urverdrangung*, a existência desse umbigo do desejo [...] *Traumdeutung*¹⁶ (LACAN, 1961-1962, lição de 20 de junho, inédito).

A partir desse momento lógico, um ponto secreto orienta o indivíduo que carrega em si um sujeito dividido pelo desejo. Ou seja, na operação da castração simbólica, quando o sujeito se constitui na lógica fálica, a saber, marcado pela castração, o significante fálico recobre a borda inscrita pelo objeto *a*. "Na fantasia fundamental, o sujeito, por uma miragem [...] se imagina, pelo efeito [...] do significante, suportar o objeto que vem por ele cobrir a falta, o buraco do Outro, e é isso a fantasia fundamental"¹⁷ (LACAN, 1961-1962, lição de 23 de maio, inédito).

O curioso é a posição *passivada* sujeito no ponto de nó com a sua fantasia fundamental, pois é o objeto *a* que exerce a ação de dividir o sujeito:

Pode-se dizer que todo corte do sujeito, aquilo que, no mundo, o constitui como separado, como rejeitado, lhe é imposto por uma determinação não mais subjetiva, indo do sujeito para o objeto, mas objetiva, do objeto para o sujeito, lhe é imposto pelo objeto *a*¹⁸ (LACAN, 1961-1962, Lição de 23 de maio, inédito).

Nesse seminário, Lacan (1961-1962) oferece subsídios para compreender a função da fantasia e sua participação no processo de identificação como esse ponto secreto. É preciso ter em mente que o enquadre da fantasia configura-se como um ponto secreto, mas, como lembra Miller, atrás dela, não há nada.

¹⁶Livre tradução de: *la fonction de ce point [...] ambigu vous ai-je dit, non pas seulement dans la médiation, mais dans la constitution, l'une à l'autre inhérentes - non seulement comme l'envers vaudrait l'endroit, mais comme un envers vous ai-je dit, qui serait la même chose que l'endroit -, du \$ et du point a dans le fantasme, dans la reconnaissance de ce qu'est l'objet du désir humain à partir du désir, dans la reconnaissance de ce pourquoi dans le désir le sujet n'est rien d'autre que la coupure de cet objet, et comment l'histoire individuelle, ce sujet discourant où cet individu n'est que compris, est orientée, polarisée par ce point secret et peut-être au dernier terme jamais accessible, si tant est qu'il faille admettre avec Freud, pour un temps du moins, dans l'irréductibilité d'une Urverdrängung, l'existence de cet ombilic du désir dans le rêve dont il parle dans la Traumdeutung* (LACAN, 1961-1962, 20 Juin, inédit).

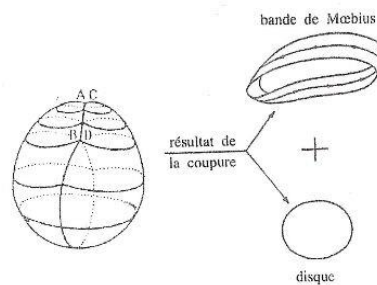
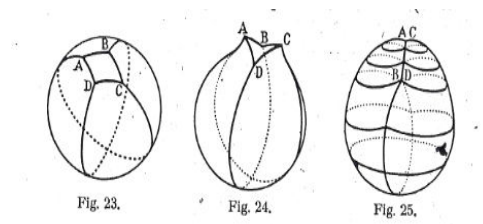
¹⁷Livre tradução de: *dans le fantasme, le sujet, par un mirage [...] s' imagine, de par l'effet de ce qui le constitue comme sujet, c'est-à-dire l'effet du signifiant, supporter l'objet qui vient pour lui combler le manque, le trou de l'Autre, et c'est cela le fantasme* (LACAN, 1961-1962, 23 Mai, inédit).

¹⁸Livre tradução de: *"peut-on dire que toute la coupure du sujet, ce qui dans le monde le constitue comme séparé, comme rejeté, lui est imposée par une détermination non plus subjective, allant du sujet vers l'objet, mais objective, de l'objet vers le sujet, lui est imposée par l'objet a* (LACAN, 1961-1962, 23 Mai, inédit).

Lacan nomeia de *travessia da fantasia* [...] justamente para não falar de 'levantamento ou desapareção da fantasia'. Com a fantasia se trata, pelo contrário, e sobretudo, de ir ver o que está por trás. Coisa difícil porque [...] por trás não há nada" (MILLER, 1983/1987, p. 97).

Na lição de 6 de junho de 1962, Lacan aponta a figura do *cross-cap* como particularmente propícia para estudar a identificação. Ele afirma que na superfície dessa figura há um ponto que permite a passagem entre dois planos, que corresponde à “função do falo no centro da constituição do objeto do desejo” (LACAN, 1961-1962, lição de 6 de Junho, inédito).

A figura abaixo indica como construir um cross-cap, que é uma superfície unilateral, como a garrafa de Klein. Se pegarmos uma esfera de borracha; esculpirmos um quadrado ABCD; depois deformamos e cortamos essa parte; juntando AB com CD e CA com BC; ter-se-á uma superfície com uma linha de penetração que liga A com B e através da qual uma formiga pode passar do interior ao exterior sem ultrapassar nenhuma borda fronteira. Lacan se interessa pelo cross-cap pelo mesmo motivo que utiliza a banda de Moebius, a saber, porque nessas figuras a delimitação interior/exterior está subvertida [...] Lacan usa essa figura topológica para especificar a relação entre o sujeito e o objeto, ou seja, a fantasia.¹⁹ (MALAGUARNERA, 2006, extraído em 01/01/2015).



¹⁹ Livre tradução de: "Le cross-cap est une surface close unilatère, comme la bouteille de Klein. Voici comment construire un cross-cap. Prenons une sphère en caoutchouc et découpons un quadrilatère ABCD ;ensuite nous déformons cette partie coupée de sorte qu'elle prenne la forme de la fig. 24. Pour conclure, nous attachons AB avec CD et DA avec BC. Nous obtenons une surface avec une ligne de pénétration AB : à présent une fourmi pourrait passer de l'intérieur à l'extérieur sans franchir un bord. Lacan s'intéresse au cross-cap pour les mêmes raisons qui le motive à s'intéresser à la bande de Moebius, notamment parce que cette figure bouleverse la frontière dedans/dehors [...]Lacan se sert de cette figure topologique pour spécifier les rapports entre le sujet et l'objet a, c'est-à-dire le fantasme"(MALAGUARNERA, 2006,extraído em 01/01/2015 in:<http://malaguarnera-psy.wifeo.com/index-fiche-23425.html>).

Lacan explica que “através do duplo corte, o plano projetivo é dividido” (LACAN, 1961-1962, lição de 6 de Junho, inédito). Adverte que a

[...]propriedade que lhes disse ser aquela de *a* enquanto objeto do desejo, de ser essa coisa que é ao mesmo tempo orientável e certamente muito orientada, mas que não é [...] especulável. Nesse nível radical, que constitui o sujeito em sua dependência em relação ao objeto do desejo, a função de *i(a)*, função especular, perde sua influência (LACAN, 1961-1962, lição de 6 de Junho, inédito).

Esse ponto é “o ponto de fabricação mental da superfície, a saber, em relação a esse corte, que é aquele em torno do qual ela se constrói realmente. Pois essa superfície [...] convém concebê-la como uma certa maneira de organizar o buraco” (LACAN, 1961-1962, lição de 13 de junho, inédito). As coordenadas da identificação do sujeito se projetam, como nos aponta Lacan (1961- 1962, lição de 6 de junho,inédito),sobre uma superfície que se constituem a partir desse ponto, “pequeno ponto no qual ela é fendida” ((LACAN,1961-1962, lição de 13 de junho,inédito).

Ele esclarece que esse ponto funciona como um “deflagrador de alguma coisa que se significa como recobrimento, por mais pontual que seja dessa superfície por ela mesma num ponto” (LACAN, 1961-1962, lição de 13 de junho, inédito). Recobrimento do vazio diante do enigma do desejo do Outro, que se apresenta à criança entre a possibilidade do “nada poder ser” e do “poder ser nada”.

Do início ao fim do *O seminário, livro 9: L'identification* (1961-1962), Lacan destaca que o processo de identificação está visceralmente conectado à fantasia fundamental. Essa conexão se constitui através das séries de demanda vivenciadas na relação com o Outro. “O discurso sobre a identificação, que percorri este ano [...] vocês podem [...] apreciar a sua importância [...] extremamente decisiva [...] em primeiro lugar, a fantasia fundamental” (LACAN, 1961- 1962, lição de 20 de junho de 1962, inédito).

O sujeito de desejo contém em si ilimitadas possibilidades de desdobramento, isso porque não há um significante, que por si só, o represente na relação estrutural com o objeto *a*, trata-se de uma "miragem" (LACAN, 1961-1962, 23 Mai, inédito).O sujeito emerge precisamente no intervalo entre significantes, e entre dois significantes existe uma gama infinda de significações e de deslizamentos significantes.

À exemplo de Lacan, recordamos o intervalo de onde emerge o sujeito de desejo, entre S1 e S2, que tem por definição uma interminável brecha : S 1,01; S 1,02; S1, 03 [...] S 1,1 [...] S 1,2; [...]S 1,3; [...]S 1,4 [...]S 2. Assim,

$$\begin{array}{ccc}
 S2 \searrow & & \\
 (S\ 1,0; S\ 1,2; S1,3; \dots \dots \dots) & & \$ \langle \rangle a \\
 S1 \nearrow & &
 \end{array}$$

Não obstante, no espaço do imponderável, aberto a infinitos desdobramentos, característico do sujeito de desejo, Lacan situa a emergência do sujeito inscrito no campo da neurose dentro do enquadre da fantasia fundamental, $\$ \langle \rangle a$. Assim, embora não possamos circunscrever de modo fixo e previsível o sujeito de desejo, a sua emergência pode ser percebida, *a posteriori*, em referência à repetição de determinada posição frente ao Outro.

No *Seminário, Livro 18, De um discurso que não fosse semblante*, ele reforça sua concepção de que a constituição do sujeito é produto de uma articulação significante: "ao cabo de um certo número de golpes [...] haverá [...] uma média de significantes mais importantes [...] um sujeito só pode ser produto da articulação significante [...] o sujeito [...] é [...] determinado por ela" (LACAN, 1971/ 2009, p. 18).

O curioso é que esses golpes significantes só adquirem realce a partir da organização edípica, quando passam a receber significação especial como traço unário referente à identificação inaugural do sujeito, como traço radical dentro de determinada articulação significante²⁰.

O gênio de Freud nos assegura que o desejo é fundamentalmente, radicalmente, estruturado por esse nó que se chama Édipo [...] Ele é essencialmente o seguinte: uma relação entre uma demanda que toma um valor tão privilegiado que se torna o comando absoluto, a Lei, e um desejo que é o desejo do Outro²¹ (LACAN, 1961-1962, lição de 21 de Março, inédito).

Freud (1919a/ 2006) assevera que o complexo de Édipo deixa como "resíduo" e "cicatriz" uma fantasia masoquista nos moldes de *Uma criança é espancada* e que examinaremos mais minuciosamente adiante. É essa estrutura de fantasia que Lacan utiliza como base do conceito de fantasia fundamental, dentro da qual emerge o sujeito dividido pelo desejo na relação particular que estabelece com um objeto *a*.

²⁰ (LACAN, 1961- 1962, lição 22 Nov, inédito).

²¹ Original: "lequel génie de Freud nous avère, est ceci que le désir est foncièrement, radicalement structuré par ce nœud qui s'appelle l'Œdipe [...] Il est essentiellement ceci, un rapport entre une demande qui prend une valeur si privilégiée qu'elle devient le commandement absolu, la loi, et un désir, lequel est le désir de l'Autre" (LACAN, 1961-1962, *Leçon du 21 mars 1962*)

1.5 O surgimento de um sujeito dividido pelo desejo na fantasia

Desde pequena, até onde a minha recordação alcança, minha mãe sempre tinha alguma coisa desagradável para reclamar de mim! Agora é essa colega de trabalho! Só não entendo por que isso ainda hoje me afeta dessa maneira e por que eu ainda insisto em querer o seu apreço?

A analista intervém – A sua pergunta se refere a quem?

Silencia, depois responde: pensei que tivesse superado, mas sinto que não.

Fato é que a interpretação de determinados fragmentos da história pessoal adquirem a força de verdade, causando sofrimento e marcando o sujeito como a sua tragédia mais intrínseca. A Psicanálise, orientada visceralmente pela clínica, toma como um de seus desafios mais importantes o trabalho com as fantasias inconscientes. Elas demarcam a realidade psíquica e o gozo daqueles que nos procuram.

Freud (1897/ 1996) descobriu que a realidade que interessa à Psicanálise não é tanto a dos fatos vividos, mas a realidade da interpretação inconsciente guardada sobre aqueles, que é condensada em fantasia. Não obstante a relevância de todas as fantasias na vida psíquica, há uma estrutura de fantasia estudada por ele, no artigo *Uma criança é espancada* (1919a/2006), que adquiriu um status particular na obra de Freud graças à sua estranha conexão clínica com o masoquismo e com a pulsão de morte. É digno de nota que a proposição do conceito de pulsão de morte se deu em 1920, ano seguinte à publicação do referido estudo sobre a fantasia, como aponta Jorge (2007).

Em 1919a/2006, Freud apresentou um estudo sobre determinada fantasia, em cuja estrutura o sujeito se situa na posição de objeto do outro, extraindo daí um gozo masoquista. Freud (1919a/2006) observou que, em vários casos de neurose e de perversão, o gozo sexual estava conjugado a uma estrutura de fantasia inconsciente, na qual a pessoa se punha como objeto de outro, retirando dessa posição um gozo masoquista, que caracteriza o cerne da fantasia.

A respeito dessa fantasia diz Lacan:

Vejam a torção da história da perversão na análise. Para sair da noção que a perversão era pura e simplesmente a pulsão que emerge, ou seja, o contrário da neurose, esperávamos o sinal do maestro, ou seja, o momento em que Freud escreveu *Ein Kind wird geschlagen*, texto de uma sublimidade total, a partir do qual tudo o que foi dito depois nada mais é que miudeza. Foi pela análise dessa fantasia de espancamento que Freud fez verdadeiramente a perversão entrar na sua verdadeira dialética analítica. Ela não aparece como a manifestação pura e simples da pulsão, mas se revela ali ligada a um contexto dialético tão sutil, tão complexo, tão rico em compromissos e tão ambíguo como o de uma neurose²²(LACAN, 1957-1958, p. 230).

Lacan toma as coordenadas dessa fantasia para propor sua formulação de fantasia fundamental, situando nessa estrutura o surgimento do sujeito dividido pelo desejo frente a um objeto *a*. Nos Escritos (1962/ 1998), Lacan afirma “a fantasia é definida pela [...] álgebra construída por nós[...] a fórmula ($\$ \diamond a$), onde [...] $\diamond$ se lê ‘desejo de’” (LACAN, 1962/ 1998, p. 785). Através de seu matema, que sintetiza a fantasia fundamental, $\$ \diamond a$ - sujeito dividido punção de objeto *a*-, Lacan indica que o sujeito dividido pelo desejo emerge dentro da estrutura da fantasia fundamental, de cuja raiz é indissociável. Pedimos ao leitor observar esse dado, a saber, que o sujeito dividido pelo desejo tem sua raiz indissociável da sua fantasia fundamental, pois é de absoluta relevância para o que se configura como final de análise.

Para melhor compreendermos como Lacan utiliza a fantasia *Uma criança é espancada* como paradigma de seu conceito de fantasia fundamental, importa revisar sucintamente as duas ortografias da palavra *outro* propostas por ele. Neste trabalho, adotaremos as duas grafias do termo *outro*, que não se equivalem. O conceito de grande Outro foi desenvolvido durante todo o ensino de Lacan, sofrendo torções e variações. Ele pode ser compreendido como a estrutura comum que subjaz às diferentes representações que fazemos dos outros importantes que povoam nossas vidas.

Essa noção de 'grande Outro' é concebida como um espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde seu ingresso no mundo; trata-se de uma realidade discursiva de que Lacan fala no Seminário 20 [...] A instância imaginária do eu se forja em função do que faz falta no Outro (ANDRÈS, 1996, p. 385).

²² Livre tradução de: *Voyez le tournant de l'histoire de la perversion dans l'analyse. Pour sortir de la notion que la perversion était purement et simplement la pulsion qui émerge, c'est-à-dire le contraire de la névrose, on a attendu le signal du chef d'orchestre, c'est-à-dire le moment où Freud a écrit Ein Kind wird geschlagen, texte d'une sublimité totale, dont tout ce qui a été dit après n'est que la petite monnaie. C'est par l'analyse de ce fantasme de fouet que Freud a véritablement fait entrer la perversion dans sa véritable dialectique analytique. Elle n'apparaît pas comme la manifestation pure et simple d'une pulsion, mais elle s'avère être attachée à un contexte dialectique aussi subtil, aussi composé, aussi riche en compromis, aussi ambigu, qu'une névrose* (LACAN, 1957-1958, p. 230).

Segundo o recorte de Manso (*em orientação*) "Outro (O) abarca a linguagem, a cultura e a função da mãe. O pequeno outro é o semelhante, a imagem no espelho". O *Outro* diz respeito também à alteridade que nos habita - as vozes intra-psíquicas que reverberam em nós.

Em suma, Lacan "cunhou uma terminologia específica (Outro/ outro) para distinguir o que é da alçada do lugar terceiro, isto é, da determinação pelo inconsciente freudiano (Outro) do que é da pura dualidade (outro) no sentido da psicologia" (ROUDINESCO/ PLON, 1998, p. 558). Nesse sentido, toda percepção é necessariamente mediada pela dimensão psíquica do *Outro*, ao passo que o *outro*, com minúscula, refere-se àqueles com quem convivemos, e que possuem corporeidade na realidade compartilhada²³ independentemente de nosso mundo psíquica.

Tomando por base essa distinção proposta por Lacan, reescrevemos a afirmação anterior relativa à descoberta freudiana adotando a nova grafia. O aspecto desconcertante da psique descoberto por Freud, em 1919a, pode ser resumido da seguinte forma: é precisamente através de uma fantasia masoquista, na qual o sujeito ocupa a posição de objeto do *Outro*, que a satisfação sexual é alcançada.

A clínica nos dá notícias que o acesso ao gozo sexual de muitos sujeitos inseridas no campo da neurose e que se situam do lado feminino na partilha dos sexos, implica a fusão anunciada por Freud (1908a/ 2006), a saber, entre uma fantasia e uma atividade física (seja de relação sexual compartilhada com alguém ou solitária). Ou seja, a posição de objeto não está, em última instância, atrelada a alguém específico com quem a pessoa esteja se relacionando no presente. Trata-se de uma posição subjetiva inconsciente que se mantém constante, independentemente de quem incorpore, naquele momento, o lugar do grande Outro.

Por outro lado, faz-se necessário que o pequeno *outro* o parceiro, esteja revestido de algum traço do grande Outro para que a cena fantasmática adquira naquela relação a sua potência. Como bem ressaltou Frederic Vinot²⁴, importa que haja um campo de intercepção entre o pequeno *outro* e o grande Outro para que o investimento libidinal se fixe ali, naquele pequeno *outro* e não nos demais. Nesse sentido, é bem conhecida a queixa de muitas pessoas quando iniciam suas análises, esclarecendo que tem o "dedo podre" para escolher seus parceiros, indicando precisamente que algo relativo à sua posição de gozo está ali inscrita. Evidentemente, esse é um tema raramente explícito nas análises; é inicialmente abordado pelos efeitos que tal posição implica nos demais campos sociais, como no amor, ou no

²³ Termo proposto pela professora Rita Manso em orientação, que se refere a parte da realidade que pode ser testemunhada por dois ou mais sujeitos.

²⁴ Em apresentação do presente trabalho no Seminário de l'Ecole Doctorale em 2014.

trabalho. É precisamente esse o caso da citação inicial da analisanda que pôde, no decorrer da análise, desdobrar o estranhamento que lhe causava a carga emotiva que a relação com sua chefe adquiriu: *"Só não sei por que ainda insisto em querer o seu apreço."*

Miller conta que:

Não é fácil encontrar um exemplo convincente dessa problemática a não ser no campo cultural, literário [...] Lacan toma essa via quando se trata da fantasia [...] a fantasia de Sade. Há uma razão para escolher esse último caminho, e é que é muito difícil contar os próprios casos publicamente. Convém atravessar o Atlântico para isso (MILLER, 1983/ 1987, p. 116).

Atualmente, nem esse cuidado é o suficiente! Ele circunscreve ainda o que seria o instante fantasmático.

Instante que, como diz a fórmula $S \leftrightarrow a$, fixa o sujeito num lugar particular. Observemos que o sujeito do significante, como tal, não tem lugar. Ele se move com o significante, e pode aparecer aqui e acolá sendo sua localização sempre equívoca. Por outro lado, há na fantasia um lugar para o sujeito. Talvez por isso que todo mundo ria quando se conta a fantasia de outro. Mas cada um tem a sua. Esse instante fantasmático [...] ilustra de maneira evidente o que Lacan chama de o instante de ver [...] $S \leftrightarrow a$ [...] É a escritura da fixação do sujeito por um objeto especial (MILLER, 1983/ 1987, p. 116).

Nesse sentido, sustentamos que o gozo sexual, dentro do escopo desta pesquisa, coincida com o instante recalcado da fantasia, o segundo tempo. Gozo, portanto, no qual o sujeito ocupa uma posição frente ao Grande Outro, que obedece a determinadas coordenadas particulares da fantasia de cada um. Nesse sentido, muito embora a posição de sujeito seja sempre inapreensível, pensamos que, no momento do gozo sexual, o sujeito seja capturado por um mote significante que recubra determinado objeto *a* específico, dentro do enquadre da sua singular fantasia fundamental.

Miller traz outra contribuição preciosa quando lembra que "o ser do sujeito do significante [...] movimenta-se em sua cadeia e 'nunca está aí' [...] Mas na fantasia, a questão é diferente. O sujeito está aí" (MILLER, 1983/ 1987, p. 143). Ele esclarece ainda que:

A escritura barrada de S, como $\$$, é isto: falta de substância do sujeito do significante [...] a fantasia é o momento, o instante em que se faz a experiência dessa presença [...] a função da presença na fantasia de Sade [...] não se aplica só à fantasia de Sade, e sim à fantasia enquanto tal (MILLER, 1983/ 1987, p. 142-143).

Embora concordemos com os psicanalistas que argumentam que a posição do sujeito alterne atividade e passividade, sadismo e masoquismo, ressaltamos que acreditamos que essa

alternância diga respeito às posições assumidas nas diferentes esferas da realidade compartilhada, ou seja, entre amigos, no trabalho, na família etc. Porém, neste trabalho, quando nos referirmos à posição do sujeito de desejo na fantasia nos referimos, precisamente, ao instante da fantasia, tempo ao qual o gozo fálico sexual está atrelado, a saber, ao segundo tempo da fantasia. “Por fantasia fundamental me refiro ao que Freud marca como o segundo tempo da análise de *Uma criança é espancada*” (MILLER, 1984/ 1986, p. 21)²⁵.

São os efeitos dessa posição fantasmática específica sobre os demais campos da realidade compartilhada que nos interessa analisar. Nesse sentido, a clínica com pessoas inseridas na neurose e identificados à posição feminina, *não* nos dá nenhuma notícia de que a posição de sujeito, no instante da fantasia, seja outro que não a de objeto do Outro. Tomando a escuta clínica por referência, consideramos que o clímax sexual seja acompanhado de uma fantasia em que o sujeito se insere numa cena em que *sofre uma ferida narcísica* em decorrência da ação do Outro; “desprazer, que não quer dizer outra coisa senão o gozo” (LACAN, 1969- 1970/ 1992, p. 73).

Assim, se a função da fantasia é fornecer uma “resposta ao desejo do Outro” (MILLER, 1983/ 1987, p. 116), argumentamos que o “instante da fantasia”, fixa o sujeito na posição de objeto que serve ao gozo do Outro. “A fantasia é um axioma [...] é o que não se muda em um sistema lógico. Funda o sistema” (MILLER, 1983/ 1987, p. 125). Momento que reduz o sujeito precisamente a essa condição. Acreditamos que a posição do sujeito nesse segundo tempo recalcado da fantasia reverbere em outras áreas de sua vida, como no amor ou no trabalho.

1.5 Masoquismo

Uma das referências mais abordadas neste trabalho refere-se ao masoquismo. Por essa razão, optamos por escrever algumas linhas iniciais sobre o conceito, de modo a situar o leitor frente ao que exporemos a seguir.

Por ter observado uma repetição que contrariava o princípio de prazer, não apenas na literatura, mas também na clínica, Freud empenha-se em pesquisar a relação de anterioridade psíquica entre o sadismo e o masoquismo. Inicialmente, sustenta a hipótese de haver um

²⁵ Livre tradução de: *Por fantasma fundamental me refiero a lo que Freud acentúa como segundo tiempo de lanálisis de Se pega a um niño* (MILLER, 1984/1986, p. 21).

sadismo primário, defendida em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e *Pulsão e suas vicissitudes* (1915). Mas, a descoberta de um masoquismo anterior ao sadismo é anunciada em *Além do princípio do prazer* (1920) e confirmada em *O problema econômico do masoquismo* (1924). No texto de 1920, ao introduzir a segunda teoria pulsional, Freud admite: “chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer” (FREUD, 1920 /1996, p. 31). Em *O problema econômico do masoquismo*, ele robustece sua hipótese de que a repetição recém descoberta guarda uma conexão direta com um masoquismo que seria *originário*.

[...] o sadismo, ou instinto de destruição, antes dirigido para fora, projetado, pode ser mais uma vez introjetado, voltando para dentro, regredindo assim à sua situação anterior. Se tal acontece, produz-se um masoquismo secundário, que é acrescentado ao masoquismo original (FREUD, 1924/ 1996, p. 182).

A motivação para escrever *O problema econômico do masoquismo* (1924/ 2006) provinha da estranha constatação clínica de que tanto o desejo masculino como o feminino articulam-se frequentemente alguma modalidade de masoquismo. No referido texto, Freud distingue três modalidades de masoquismo. A primeira ele denominou de masoquismo erógeno e seria a base corporal de todas as outras; comporia a raiz da psique, unindo pulsão de morte e de vida. A segunda, ele cunhou de masoquismo feminino e estaria atrelada a fantasias sexuais de homens e de mulheres, que se estruturam numa construção frasal apassivada - ser castrado; ser comido; ser evacuado etc. A terceira modalidade, o masoquismo moral, comparece de maneira mais evidente na neurose obsessiva e caracteriza-se pela exposição do sujeito a um martírio moral, que o julga e o condena.

Voltemos ao masoquismo. Ele se oferece a nossa observação em três figuras: como uma condição a que se sujeita a excitação sexual, como uma expressão da natureza feminina e como norma de conduta na vida [...] é possível distinguir um masoquismo erógeno, um feminino e um moral. O primeiro, o masoquismo erógeno, o prazer {satisfação} de sentir dor, se encontra na base das outras duas formas²⁶(FREUD, 1924/ 2007, p. 167).

Ao distinguir as três manifestações de masoquismo - masoquismo erógeno, feminino e moral - Freud os define. "O masoquismo erógeno, o prazer {satisfação} de sentir dor, se

²⁶Livre tradução de: "Volvamos al masoquismo. Se ofrece a nuestra observación en tres figuras: como una condición a la que se sujeta la excitación sexual, como una expresión de la naturaleza femenina y como una norma de la conducta en la vida [...] es posible distinguir un masoquismo erógeno, uno femenino y uno moral. El primero, el masoquismo erógeno, el placer {gusto} de recibir dolor se encuentra también en el fundamento de las otras dos formas" (FREUD, 1924/ 2007, p. 167).

encontra na base das outras duas formas" e é " uma condição a que se sujeita a excitação sexual"²⁷(FREUD, 1924/ 2007, p. 167).Aponta que esse masoquismo erógeno tem suas raízes na pulsão de morte e mescla dor e satisfação. É a origem do masoquismo, feminino e do moral. Clarifica que o masoquismo feminino,sobre o qual a presente pesquisa se apóia, é "o mais acessível à nossa observação, o menos enigmático"(FREUD, 1924/ 2007, p. 167). Já o masoquismo moral é mais facilmente observável na neurose obsessiva; ao emitir julgamento, recriminando moralmente a própria pessoa com críticas e observações que lhe são desfavoráveis. Kaufmann aponta que Freud liga a culpa ao masoquismo moral "isto é, ao desejo inconsciente de ser punido, surrado, pelo pai, desejo muito próximo daquele outro, de ter relações sexuais passivas {'femininas'} com ele" (KAUFMANN, 1996, p. 513).

Interessante observar a proximidade temporal entre as postulações teóricas da pulsão de morte e do masoquismo primário, praticamente concomitantes, destacadas por Rudge (2006): “não é à toa que a pulsão de morte e a noção de um masoquismo que é primário fazem sua entrada na psicanálise na mesma época, e respondendo a um mesmo conjunto de problemas levantados pela clínica psicanalítica” (RUDGE, 2006, p. 81). Jorge (2007) também aponta que, apesar do anúncio da pulsão de morte só ter ocorrido em 1920, essa repetição destoante ao princípio de prazer já fora abordada em– *Uma criança é espancada*(1919a) e no *O estranho* (1919b).

Acompanhando Rudge e Jorge, acreditamos que os “problemas levantados pela clínica” têm seu ápice na análise cuidadosa que Freud faz da fantasia de espancamento e sua ligação com a satisfação sexual, instrumentalizando-o para apresentar a segunda tópica e a pulsão de morte no ano seguinte. Em *Uma criança é espancada* (1919a) Freud observa que essa repetição avessa ao princípio de prazer comparece no fato de a pessoa que fantasia associar a sua posição passiva - de quem sofre a ação do outro - à excitação sexual e à culpa.

A análise dessa fantasia parece ser a expressão do empenho de Freud em investigar os enigmas que a repetição estranha ao princípio de prazer, e ao mesmo tempo fonte de prazer, lhe impunha. Em 1919, Freud ainda não tinha alterado publicamente sua posição quanto à anterioridade do sadismo ou do masoquismo na constituição psíquica. Segundo a nota do

²⁷Livre tradução de: "Volvamos al masoquismo. Se ofrece a nuestra observación en tres figuras: como una condición a la que se sujeta la excitación sexual, como una expresión de la naturaleza femenina y como una norma de la conducta en la vida [...] es posible distinguir un masoquismo erógeno, uno femenino y uno moral. El primero, el masoquismo erógeno, el placer {gusto} de recibir dolor se encuentra también en el fundamento de las otras dos formas" (FREUD, 1924/ 2007, p. 167).

editor inglês James Strachey²⁸, em sua correspondência a Ferenczi, o pai da psicanálise se refere ao artigo *Uma criança é espancada* (1919) como um estudo sobre o masoquismo.

Salientamos que abordamos o gozo masoquista oriundo da fantasia *Uma criança é espancada*, paradigma da fantasia fundamental, não nos restringindo ao sentido empregado no senso comum de obter prazer, exclusivamente, com a dor física. Em 1919a/ 2006, Freud ensina que a experiência concreta de dor, relativa a si ou a outrem, não oferece nenhum prazer sexual aos pacientes neuróticos que descrevem tais fantasias. O que chama a sua atenção é o fato de o sujeito *fantasiar* situações nas quais se coloca como objeto batido e/ou humilhado pelo outro. Propomos por isso tratar-se, em última instância, da fantasia de vivenciar uma *dor psíquica*.

Um analisando bem ilustra essa dimensão masoquista da fantasia ao relatar que na “hora do gozo” costuma lhe “passar pela cabeça a ideia de que existiria outro homem capaz de fazer gozar mais intensamente” a sua namorada. Embora não haja nenhuma referência explícita à dor física, é perceptível a posição de objeto vilipendiado na fantasia que acompanha o seu gozo sexual.

Importa chamar a atenção do leitor para o fato de que, para os analisandos de Freud (1919/ 2006) e para tantos outros que a escuta clínica nos permite teorizar a respeito, a fantasia que chancela o gozo sexual articula-se à determinada tomada de posição na fantasia, através da qual o sujeito extrai um gozo masoquista, de objeto vilipendiado na relação com o desejo do Outro.

No *Seminário, livro 17, O avesso da Psicanálise* (1969- 1970/ 1992), Lacan esclarece que a repetição intrínseca ao gozo está conectada, não necessariamente à dor, mas ao desprazer, "o prazer [...] cede ao desprazer [...] não forçosamente à dor, mas ao desprazer, que não quer dizer outra coisa senão o gozo" (LACAN, 1969- 1970/ 1992, p. 73).

Lacan parte precisamente dessa pergunta: que tipo de frase é a fantasia fundamental? [...] é esse tipo de frase que, em lógica, se chama axioma [...] a fantasia, enquanto simbólica, [é] definida como um axioma lógico, mas naturalmente é algo que tem a ver com esse (/A), com essa falta no campo significante (MILLER, 1983/ 1987, p. 113).

Nesse sentido, objetivamos analisar a fantasia fundamental, sua estrutura e os efeitos dela na sexualidade feminina. Acreditamos que decantar essa posição singular seja a principal tarefa da prática psicanalítica, uma vez que a relação ali representada reverbera nos demais

²⁸ (FREUD, 1919/1996, p. 193).

campos da vida de cada um, exteriores ao jogo sexual. "O próprio comportamento do sujeito é uma demonstração de suas fantasias" (MILLER, 1983/ 1987, p. 105).

Ocorre que enquanto a fantasia conjugada à prática sexual pode trazer satisfação libidinal, um comportamento que inconscientemente copie essa relação fantasmática nos demais campos, como no trabalho, na amizade, enfim, nos outros laços sociais, costuma trazer sofrimento e prejuízos, devido a essa conexão da fantasia com o masoquismo.

Quando começou seu tratamento, X considerava processar o companheiro, baseando-se na lei Maria da Penha²⁹, pelas agressões verbais que esse lhe dirigia. A narrativa utilizada na descrição desse parceiro girava em torno de alguns significantes principais. Sua fala era particularmente afetada, intercalada com silêncio, ao descrever determinadas situações em que parecia escolher as palavras. Algumas vezes, a reação descrita parecia ser bastante desproporcional ao fato que a teria provocado. Transcorrido um bom tempo de análise, a jovem pôde se interrogar sobre o estranho fato de "eu não queria, mas sou louca por esse imbecil, precisamente pelas coisas que ele me diz".

A jovem em questão, apesar de almejar ser cortejada pelo parceiro na realidade compartilhada, reconheceu que era precisamente o modo como ele lhe tratava que a aprisionava naquela relação. O caso dessa moça "que gosta de quem não lhe merece", expressão com que ela descrevia o parecer de suas amigas, não é tão raro como se poderia supor. "É frequente encontrarmos em análise mulheres feministas com fantasias masoquistas [...] contradizem seus ideais. São por isso, às vezes, causa de muito sofrimento" (MILLER, 1983/ 1987, p. 102).

Foi a escuta em análise de mulheres inseridas no campo da neurose com problemáticas semelhantes ao caso citado que nos conduziu a interrogar em que medida a fantasia masoquista que chancela o gozo sexual produz efeitos nos demais campos de suas vidas.

Cabe indicar que Soler (1998), fazendo referência a uma passagem de Lacan, argumenta que ligar o feminino ao masoquismo é um "preconceito monstruoso". Sua relevante contribuição no campo psicanalítico nos convoca a dialogar de saída com essas observações e, assim, o faremos logo a seguir. Antes disso, porém, convém fazer um breve apanhado das conseqüências psíquicas, apontadas por Freud, do fato de ser mulher e sobre as peculiaridades da posição feminina, segundo Freud e Lacan, já que esse é o escopo a que se restringe essa pesquisa.

²⁹Importante Lei 11.340 federal brasileira de 7/8/2006, que pune variadas formas de violência contra mulher.

1.6 Decorrências psíquicas de ser uma mulher e de situar-se na posição feminina

Continuando nossa reflexão, vejamos agora, de acordo com Freud, quando o sujeito em questão é uma pessoa marcada pelo sexo do gênero mulher. Atentar para essa especificidade é de suma importância porque Freud (1925/1996) observa que há diferenças na entrada e na saída do complexo de Édipo para meninas e meninos.

A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação aí envolvida (FREUD, 1925/1996: 283).

Freud (1933 [1932]/ 1996) observa que, ao perceber a diferença sexual e constatar que algo lhe falta, a menina afasta-se da mãe, atribuindo-lhe tal responsabilidade. Ressentida com a genitora e diante da diferença sexual, a menina entra no Complexo de Édipo, passando a tomar o pai como objeto de amor e desejo. Essa mudança de objeto de amor da mãe para o pai se dá acompanhada de intensa agressividade para com a primeira. Configuram-se então, segundo Freud, três saídas: abandonar toda a atividade sexual; vivenciar o complexo de masculinidade identificando-se ao pai ou percorrer o caminho da feminilidade.

1.7 O caminho da feminilidade em Freud

Freud (1933 [1932]/ 1996) explica que, no caminho da feminilidade, a menina endereça à mãe a fúria por não ter recebido o que supõe ser o falo, supondo que os meninos o teriam recebido. Essa animosidade dirigida à mãe permite que ela entre no complexo de Édipo. Como o pai também não lhe dá o falo, a menina precisa fazer novo trabalho psíquico, dirigindo-se a um novo objeto amoroso para receber dele um substituto fálico, que segundo Freud (1931/ 1996) seria um filho. Ele lembra ainda que o parceiro é o substituto do investimento libidinal que fora endereçado ao pai, mas que, de fato, ele é herdeiro da relação da mulher com a mãe. Isso porque, ele percebera que a sexualidade feminina conserva, a despeito de um *recalque inexorável*, uma poderosa ligação com a mãe, que a erotizou pelos cuidados corporais. Em síntese, para Freud (1925/1996), a feminilidade implica numa

restituição fálica através da maternidade. Considera também que nela haja a prevalência de fins passivos.

1.8 A posição feminina para Lacan

Lacan concorda com essa última característica, mas é radicalmente contrário a situar uma mulher, enquanto mãe, do lado feminino, já que na relação com o bebê os atributos fálicos lhe são atribuídos. Ele acrescenta à problemática da feminilidade em Freud - que coloca a questão *o que quer uma mulher?* - o seguinte complemento: *o que quer uma mulher, além de ser mãe?*

Segundo Lacan (1957/1995), uma mulher na posição feminina se reveste da imagem de falo. Ela o faz ocupando, na fantasia, a posição de objeto *a*, invólucro do vazio. Daí decorre uma dissimetria entre a resposta que o complexo de Édipo constrói para aquele que sendo mulher se coloca na posição feminina - de **ser** a imagem do falo-, e para os que se colocam do lado homem – de fazer *semblant* de **ter** o falo. “O sujeito feminino é sempre convocado, quando se dá o encontro com o homem, a inscrever-se numa sorte de redescoberta, que o situa, de saída, numa posição caracterizada pela ambiguidade das relações naturais e simbólicas” (LACAN, 1957 /1995, p. 95).

Ele propõe pensar o feminino, não pela localização anatômica do gozo sexual, nem tampouco, relacionando-o à aquisição da maternidade, mas a partir da lógica do **ter** ou do **ser** fálico. “Resta, com efeito, um elemento fantasístico, essencialmente imaginário, que é a prevalência do falo, mediante o que há [...] os [...] que têm o falo e [...] os que são castrados” (LACAN, 1957/ 1995, p. 124).

Lacan indica que, uma vez que a anatomia da mulher não tem o suporte imaginário do falo, o pênis, ela localiza a sua falta a ser, característica de todo ser humano mergulhado na linguagem, no órgão que lhe falta. Uma mulher pode aliar, dessa forma, a indagação sobre o enigma do desejo do Outro, *Che vuoi?*, à constatação da diferença sexual, interpretando que aquilo que lhe falta para obturar o desejo do Outro arcaico/materno lhe falte no corpo. Depois de ingressar no complexo de Édipo, para reparar a falha narcísica junto ao pai, uma mulher pode se empenhar, em tornar-se uma imagem do falo para um homem, engendrando-se na falta-ser daquele que supõe ter a posse do falo.

Lacan (LACAN, 1957/ 1995, p. 124) acredita que a partilha psíquica dos sexos seja decorrente da posição do sujeito em relação ao falo, na qual a posição feminina diz respeito àquele que se presta a ocupar o lugar de objeto na fantasia $\$ \leftrightarrow a$; enquanto a posição masculina corresponde àquela ocupada por quem faz *semblant* de ter o falo; seja ele anatomicamente homem ou mulher.

Todo esse percurso e manobras psíquicas realizadas até a posição feminina indicam que a função paterna, o significante Nome-do-Pai (nomenclatura lacaniana) ou o complexo de Édipo (correspondente freudiano) foi inscrito. A metáfora paterna, pois, concerne à função do pai, como se diria em termos de relações inter-humanas [...] O que o inconsciente revela, no princípio, é, acima de tudo, o complexo de Édipo. (LACAN, 1957-1958/1999, p. 166-167). Dito de outro modo, nem todas as mulheres frequentam a posição feminina; quando o fazem, se situam como objeto a na fantasia $\$ \leftrightarrow a$. A presença dessa fantasia indica que a pessoa em questão está inserida no campo da neurose e que, por conseguinte, o significante Nome-do-Pai se inscreveu, produzindo efeitos.

Lacan também enfatiza que uma mulher que se situa na posição feminina está submetida à Lei da norma fálica, mas não totalmente. Porta também um aquém à referência ao Édipo. Situa-se frente ao parceiro amoroso numa posição mediada pela lógica fálica, por que fora atravessada, mas enquanto ocupante dessa posição está muito próxima da primeira posição de objeto de gozo do Outro materno/arcaico a que esteve submetida antes da mediação fálica. Dito de outro modo, a posição feminina conserva uma perigosa proximidade com a posição de objeto do Outro materno.

Perigosa semelhança na medida em que a posição feminina, ou seja, a de objeto a na fantasia, deveria ser ocupada, preferivelmente, apenas em determinadas ocasiões e não a todo momento; para que a pessoa possa galgar conquistas no trabalho, nos afetos, no amor etc.

A posição na qual todo *falaser*, chega ao mundo - a de objeto na relação com o Outro materno - é modificada graças a todos esses percalços e a entrada no complexo de Édipo. Quando ocupa, em determinados momentos, a posição feminina, um sujeito já foi atravessado pelo complexo de Édipo, no qual a Lei e o desejo passam a operar. Dito de outra forma, além de ocupar a posição de objeto de gozo e de desejo para um parceiro, um sujeito, estruturado na neurose e na posição feminina, tem uma fantasia inconsciente que o estrutura, fantasia que o apartou da posição exclusiva de objeto de gozo do Outro materno. Não obstante todo esse trabalho, a posição de objeto assemelha-se à do bebê que está imerso nessa posição, e um sujeito ocupante da posição feminina a frequenta em certas ocasiões.

Freud considera a permanência na posição de objeto materno, uma catástrofe, enquanto Lacan a caracteriza como devastação: “a transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam a catástrofe”³⁰ (FREUD, 1931/ 1996, p. 247).

Contudo, jamais deixará esse período, chamado por Freud de *minóico-micênico*, desaparecer tomando-o, inconscientemente, como modelo de suas relações posteriores, ou seja, servindo de protótipo para as suas relações vindouras com um homem (MANSO,1999, p. 63).

Assim, apesar da íntima conexão entre esses dois modelos de relação, pré-edipiana e com o parceiro, há essa diferença importante entre as duas. Na posição feminina, um sujeito se oferece como objeto de *desejo e gozo* do parceiro, enquanto que na relação que manteve com o Outro materno ocupava exclusivamente o lugar de objeto de *gozo*.

Enfatizamos que o sujeito de desejo só entra em cena por ocasião da castração simbólica, portanto, no complexo de Édipo, momento lógico em que se constitui uma determinada fantasia nos moldes de *Uma criança é espancada* (1919a/ 2006), que é o *resíduo* do complexo. Genevieve Morel (2007a) considera essa fantasia estruturante, a fantasia fundamental, o próprio sintoma separador do gozo materno³¹. Então, apesar de traços do gozo materno persistirem e reaparecem provocados pela proximidade da posição feminina com a posição do *infans* existe uma diferença crucial entre elas. O *infans* na relação arcaica com o Outro primordial ainda não tem o ponto de basta que a mediação edípica lhe fornece; a posição feminina, ao contrário, pressupõe um sujeito dividido que desliza entre a posição de objeto e a de sujeito.

1.9 Ainda uma nota sobre o "não toda fálica"

Lacan considera que uma mulher que ocupe a posição feminina se situa, em parte, dentro da lógica fálica, mas por outro, algo nela não está submetido à norma fálica. Ou seja, ela é não-toda toda submetida à norma fálica.

³⁰El tránsito al objeto-padre se cumple con ayuda de las aspiraciones pasivas en la medida en que estas han escapado al ímpetu subvirtiente {Umsturz} (FREUD,1931/2007, p. 240-241) – Umsturz:subversão, revolução (IRMEN, 1982, p. 1118)

³¹ Tema já desenvolvido na dissertação de mestrado. Ver D'Icarahy 2010.

Morel (1995) descreve a diferença entre o emprego do termo ‘não-toda’, em Lacan, e o de *nem toda*, que caracteriza a assertiva ‘particular negativo’ na lógica aristotélica. Na lógica aristotélica, um exemplo, de assertiva ‘universal afirmativa’ seria: todo homem é branco; de ‘universal negativa’: nenhum homem é branco; e de ‘particular afirmativa’: alguns homens são brancos; finalmente, de ‘particular negativa’: **nem** todo homem é branco. A partícula negativa ‘nem’, da assertiva ‘particular negativa’, aponta para uma exceção lógica à afirmação universal. A exceção pressupõe a existência real daquilo que invalida a assertiva afirmativa universal; e assim existiria pelo menos um homem que não fosse branco.

Para Lacan, o universal e o existencial não estão absolutamente sobre o mesmo plano. O universal é da ordem do significante, enquanto que a existência tem um peso mais real. Lacan situa < existe um x > do lado do pai, como verdadeiramente o alicerce necessário à existência da função fálica. Alguma coisa, o pai, se coloca como uma existência por causa de uma enunciação, de alguma coisa do real, de uma afirmação. Mas se trata de alguma coisa, no entanto, que precisa ser mostrada ou demonstrada (MOREL, 1995, p. 164).³²

Como mostra a passagem acima ainda, o universal para Lacan corresponde a uma enunciação, por exemplo: todo sujeito marcado pelo significante Nome-do-Pai está submetido à norma fálica. Para aquele que se coloca do lado masculino na partilha dos sexos, que faz *semblant* de ter o falo, essa enunciação é verdadeira e, portanto, universal. Para aquela que, na partilha, se situa na posição feminina, a enunciação “todo sujeito marcado pelo significante Nome-do-Pai está submetido à norma fálica” (MOREL, 1995, p. 164) indica que ela está na norma fálica, não obstante, Lacan aponta que uma mulher não está toda na norma fálica. Isso porque se ocupar a posição feminina, ela guarda uma proximidade com o *não-toda* referida à lógica fálica.

O que ocorre é que essa exceção, indicada pelo ‘não toda’, em Lacan, não localiza nenhuma existência do que se poderia chamar de essência feminina. Enquanto em Aristóteles se existe uma exceção que faça com que a assertiva universal passe a ser lida com o “*nem todo*” na frente - *nem todo homem é branco*-, a exceção que invalida a assertiva universal pressupõe a existência daquilo que constitui a exceção.

Diferentemente da posição de Aristóteles, para Lacan a exceção só ganha existência se estiver ancorada num real que possa ser mostrado. A existência de uma mulher, em sua face

³²Livre tradução de: *Pour Lacan l'universel et l'existentiel ne sont pas du tout sur le même plan. L'universel est de l'ordre du signifiant, alors que l'existence a un poids plus réel. Lacan situe, <<il existe un x >> du côté du père, comme vraiment le fondement nécessaire à l'existence de la fonction phallique. Quelque chose, le père, se pose comme existence par une énonciation, par quelque chose de réel, par un dire. Mais il s'agit néanmoins de quelque chose qui doit se montrer ou se démontrer.* (MOREL, 1995, p. 164).

não-toda, não pode ser mostrada porque está conectada ao gozo mortífero, onde ela se situa como objeto *a* na fantasia. “Esse é um dos sentidos de *A mulher não existe* [...] Não se pode passar da negação do todo à existência de uma exceção (MOREL, 1995, p. 164).³³ Ou seja, “a mulher não existe”, no sentido de que, enquanto ocupante da posição feminina, seu lugar se define frente ao Outro como imagem de objeto *a*, e o objeto *a* é por definição é contorno do vazio, da Coisa, não pode ser mostrado enquanto existência. Sujeito dividido e objeto *a* adquirem existência na relação que estabelecem entre si, mais precisamente na fantasia fundamental.

1.10 O conceito de gozo na teoria psicanalítica

No contundente curta-metragem *Linguagem* do diretor Luiz Rosemberg Filho, a narradora, posicionando-se contra o armistício, se interroga diante de um bombardeio: *não seria melhor gozar?* O editor do filme, Gustavo Herdt, sincronizando a indagação com uma imagem erótica e um cartaz onde se lê 'Mais amor, por favor', permite perceber que no filme, *gozar* está sendo empregado estritamente com a conotação do ato sexual da palavra. Cabe aproveitar a multiplicidade de concepções do termo na cultura para circunscrevermos o que o gozo significa para a Psicanálise.

Marcel Ritter (2009) avalia que "a noção de gozo constitua, sem dúvida alguma, uma das questões mais difíceis do campo psicanalítico"³⁴(RITTER, 2009, p. 13). Patrick Valas (1998/2001) ensina que, apesar de Freud não ter utilizado o termo *gozo* como um conceito psicanalítico próprio, delimitou o seu campo. Graças à sua percepção clínica e à conseqüente formulação do conceito de *pulsão de morte*, o pai da Psicanálise indica como o gozo é uma das "*molas mestras*" do funcionamento psíquico: "quando Freud quer sublinhar o caráter excessivo de um prazer, em vez de usar a palavra *Lust*" -que se traduz como prazer, apetite, desejo -"utiliza a palavra *Genuss* (gozo), conotando-o, em certas situações, como horror, ou com o júbilo mórbido". (VALAS, 1998/2001, p. 7).

³³Livre tradução de : *C'est un des sens de <<La femme n'existe pas. On ne peut pas passer de la négation du tout à l'existence d'une exception* (MOREL, 1995 :164).

³⁴Livre tradução de: "*La notion de jouissance constitue sans aucun doute une des questions les plus difficiles du champ psychanalytique*" (Ritter, 2009, p. 13).

A partir dessas primeiras referências já é possível perceber que, de acordo com a Psicanálise, a guerra, como a retratada no filme mencionado, também constitui uma forma de gozo. Isso porque, com Freud (1920/1996) e Lacan, podemos compreender o gozo como tudo aquilo que no psiquismo se apresenta como um excesso ao princípio de prazer. Nesse sentido, muitos aspectos que não possuem um caráter genital ou sexual podem estar açambarcados dentro da nomenclatura de gozo para a Psicanálise. O psicanalista afirma que “já disse sobre ele o suficiente para que saibam que o gozo é o tonel das Danaides, e que uma vez que ali se entra não se sabe aonde vai dar. Começa com as cócegas e termina com a labareda de gasolina. Tudo isso é, sempre, gozo” (LACAN, 1969- 1970/ 1992, p. 68).

Ritter (2009) conta que Lacan se dedicou ao conceito de maneira mais intensa entre os anos 1957 e 1976; mas fora desse período já há "momentos de precipitação" e de esclarecimento do termo. Ele observa que *gozar* é empregado em 1938, em *Les complexes familiaux* "dentro do enquadre de escravização imaginária do sujeito pelo outro"³⁵ (RITTER, 2009, p. 101, em nota de pé de página).

Em 1953, o termo reaparece nos *Escritos*, em *Função e campo da palavra e da linguagem em Psicanálise*. Depois, em 1957 no *Seminário*, livro 4, *As relações de objeto*, na lição de 16 de Janeiro de 1957. A terminologia é utilizada para caracterizar "as frustrações no enquadre das primeiras relações da criança com a mãe"³⁶(RITTER, 2009, p. 101).

Ritter esclarece que inicialmente Lacan teria abordado o gozo como uma noção e, mais adiante, como um campo, ao qual aspiraria que fosse nomeado de campo lacaniano: "No que diz respeito ao campo do gozo - é pena, jamais será chamado de campo lacaniano, pois certamente não vou ter tempo sequer para esboçar suas bases, mas almejei isto" (LACAN, 1969-1970/ 1992, p. 77)³⁷.

Valas (1998/ 2001) lembra também que Lacan extrai o conceito de gozo do campo jurídico, cuja essência seria "repartir, distribuir e retribuir o gozo" (VALAS, 1998/2001, p. 8). Discutindo a função do *Bem*, em *A ética da Psicanálise* (1959-1960/ 1997), Lacan mostra que, embora as necessidades do homem sejam pautadas pelo que lhe é útil, "além de seu valor de uso - há sua utilização de gozo"; no sentido de que "dispor de seus bens é ter o direito de privar os outros de seus bens [...] privar os outros de seus bens, eis um laço fortíssimo de onde

³⁵ Livre tradução de: "*dans le cadre d'asservissement imaginaire du sujet à l'autre*" (RITTER, 2009, p. 101, em nota de pé de página).

³⁶ Livre tradução de: "*des frustration dans le cadre des relation primordiales de l'enfant et de la mère*" (RITTER, 2009, p. 101).

³⁷ LACAN, 1969-1970: 235, Paris, Seuil.

vai surgir o outro como tal" (LACAN, 1959-1960/ 1997, p. 279). No *Seminário, livro 17, O avesso da Psicanálise*³⁸(1969-1970/ 1992), o conceito também é articulado à termodinâmica e à Economia.

Em coerência com a distinção freudiana entre *Lust* e *Genuss*, apontada por Valas (1998/ 2001), Ritter ressalta a diferença apresentação por Lacan entre desejo e gozo, na lição de 5 de Março de 1958, no *Seminário, livro 5, As formações do inconsciente*:

A partir deste momento inaugural, momento da nomeação, o gozo é considerado um conceito oposto ao de desejo, embora haja implicação entre eles - o que indica a relação do gozo com o significante, logo, com a linguagem via essa referência ao desejo. Dizer que o gozo está implicado na noção de desejo significa que o gozo é tanto o fundo como o horizonte, a estrutura invisível que sustenta o desejo, sua referência permanente, embora radicalmente distinta³⁹(RITTER, 2009, p. 15).

Consideramos essa passagem muito importante, por colocar em evidência a dependência e a relação do desejo em relação ao gozo; o gozo é "a estrutura invisível que sustenta o desejo". Isso nos interessa em particular, na medida em que, neste trabalho, pensamos o sujeito do inconsciente dividido pelo desejo, a partir da perspectiva do seu gozo, a saber, dentro do enquadre da fantasia fundamental, $\$ \llcorner a$, argumentando que ela é a "sua referência permanente" (RITTER, 2009, p. 15).

Ritter (2009) propõe pensar a psicanálise a partir de duas perspectivas: de um lado, o campo freudiano, cuja ênfase recai sobre o pólo do desejo e de outro, o campo lacaniano, que destaca o pólo do gozo. Observa que:

Não se trata absolutamente de opor Freud a Lacan através dessa polaridade desejo-gozo. Digamos para simplificar que o campo freudiano se situa mais do lado do desejo, o inconsciente deseja [...], e o campo lacaniano está mais do lado do gozo [...] o inconsciente goza⁴⁰(RITTER, 2009, p. 17).

Ele avalia que o ensino de Lacan, no que tange ao gozo, possa ser dividido em: até o *Seminário livro 20, Mais, ainda* (1972-1973) e o período posterior, quando apresentou A

³⁸Lacan. *Le séminaire, Livre XVII, L'envers de la psychanalyse*, 1969- 1970, Paris, Seuil, 1991, p 93.

³⁹Livre tradução de: "à partir de ce moment inaugural, moment de sa nomination, la jouissance est considérée comme une notion opposée à celle du désir, tout en y étant impliquée- ce qui indique son rapport au signifiant, donc au langage via cette référence au désir. Dire qu'elle est impliquée dans la notion de désir signifie qu'elle est autant l'arrière-plan que l'horizon, soit l'envers du décor de la scène où se joue la partie du désir, sa référence permanente, tout en étant radicalement séparée" (RITTER, 2009, p. 15).

⁴⁰Livre tradução de: "il ne s'agit nullement d'opposer Freud et Lacan à travers cette polarité désir-jouissance. Disons pour simplifié que le champ freudienne se situe plutôt du côté du désir [...] l'inconscient est désir et le champ lacanienne plutôt du côté de la jouissance [...] l'inconscient joui" (RITTER, 2009, p. 17).

terceira (1974) e o *Seminário RSI* (1974-1975). Nesses últimos trabalhos, Lacan estuda o gozo dentro da perspectiva do nó Borromeu.

Em Matemática, e mais precisamente na teoria dos nós, os anéis borromeos consistem de um entrelaçado de três círculos (no sentido topológico) que não podem ser separados uns dos outros, mesmo que os deformando, de modo que a remoção de qualquer dos círculos libera os dois restantes⁴¹ (*Anneaux borroméens* in WIKIPÉDIA, em 14/12/2014).

Vivès esclarece que, depois de trabalhar a matematização e os discursos,

Lacan se aproxima da topologia para tentar transmitir a Psicanálise. Nessa ocasião, ele introduz o *sinthoma* como um quarto círculo capaz de sustentar a amarração dos registros real, simbólico e imaginário. Esse quarto nó é uma invenção, diversa de uma suplência, que ele qualifica de *Père-du-Nom*, cuja função é de nomeação⁴² (VIVES, 2014, em orientação em 1/12/2014).

Lacan, utilizando os recursos da nova ciência, propõe o *sinthoma*, como um quarto círculo capaz de organizar as dimensões simbólica, real e imaginário, dentro da lógica do nó borromeo. O *sinthoma*, na referência borromeana; "identifica um sujeito com a mesma vacuidade de um nome próprio" (MANSO/ CALDAS, 2013)⁴³.

Segundo Ritter, Lacan teria concluído que "todos os gozos se organizam em torno do, ou conectadas ao, objeto *a*, que está no lugar do mais-gozar"⁴⁴ (RITTER, 2009, p. 501), e como apontado, até o *Seminário livro 20, Mais ainda* (1972-1973), Lacan dividia o gozo em mortal e sexual. A tênue linha entre essas duas modalidades de gozo é esplendidamente retratada no filme *Império dos sentidos*, 1976, dirigido por Nagisa Oshima.

⁴¹Livre tradução de: "En mathématiques et plus précisément en théorie des nœuds, les anneaux borroméens constituent un entrelacs de trois cercles (au sens topologique) qui ne peuvent être détachés les uns des autres même en les déformant, mais tel que la suppression de n'importe quel cercle libère les deux cercles restants" (*Anneaux borroméens* in http://fr.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Accueil_principal, extraído em 14/12/2014).

⁴²Livre tradução de: "d'après l'abandon de la mathématisation (quantité de la sexualité et les discours) Lacan se tourne vers la topologie pour tenter de transmettre la psychanalyse. Il introduit alors le sinthoma comme un quatrième rond permettant de faire tenir les registres RSI lorsque le nouage est problématique. CE quatrième rond est une invention, une trouvaille (différent de la suppléance) que Lacan a pu également qualifier de Père-du-Nom (celui qui a une fonction de nomination)" (VIVES, 2014, en réunion d'orientation).

⁴³In: Escrita no corpo: gozo e laço social in: MANSO e CALDAS, *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, versão impressa ISSN 1516-1498, Ágora (Rio J.) v.16 no.spe Rio de Janeiro abr. 2013. Extraída em 14/12/2014 de <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982013000300008>.

⁴⁴Livre tradução de: "tous les jouissances sont organisées autour de, ou branchées sur l'objet *a*, qui est à la place de plus-de-jouir" (RITTER, 2009, p. 501).

Ritter (2009) observa que, a partir da análise de Freud, em *Totem e Tabu* (1912-1913/2006), o que se configuraria como um gozo absoluto passa a ser concebido como da ordem do mito, gozo para sempre perdido, referente a um sujeito hipotético. Fora disso, o que há é "<o gozo efetivo>, a ser compreendido como o gozo que seria adequado à relação sexual - se ela existisse"⁴⁵ (RITTER, 2009, p. 491).

A idéia de gozo mortal ou fundamental foi trazida em *O seminário, livro 7: A ética da Psicanálise* (1959-1960), quando ele apresenta o gozo da Coisa. Esse é "o lugar do mal e da destruição, logo, da pulsão de morte"; "concerne ao corpo e, em primeiro lugar, o próprio corpo"; à "repetição"; "dirigida contra a própria vida"; [com] uma ressonância sádica [...] gozar de um corpo" (RITTER, 2009, p. 492-493).⁴⁶ Esse gozo se opõe ao "gozo da vida"⁴⁷ (LACAN, 1969- 1970/1992). Novamente o filme de Nagisa Oshima é uma excelente ilustração.

Vejamos, então, como ele define o gozo sexual:

É preciso colocar de saída a inexistência da relação sexual, logo, do gozo; no sentido de gozo sexual do corpo do Outro sexo. Disso resulta a necessidade de uma suplência no encontro sexual [...] O gozo sexual é, portanto, gozo fálico, que é suplência do que seria o gozo sexual se a relação sexual existisse [...] é designado fálico porque o gozo fundamental ou mortal foi sexualizado por meio do falo⁴⁸(RITTER, 2009, p. 492- 495).

O gozo sexual decorre, por conseguinte, da impossibilidade do gozo absoluto, que é aquele ao qual se atribui miticamente ao pai da Horda⁴⁹. A suplência desse gozo impossível é o que Lacan chama de gozo fálico sexual, "que se articula com a Lei e com a castração"⁵⁰. Essa é a particularidade do gozo sobre o qual nos aprofundaremos nesta tese. É um gozo

⁴⁵Livre tradução de: "<la jouissance effective>, à entendre comme la jouissance qui serait adéquate au rapport sexuel - s'il existait" (RITTER, 2009, p. 491).

⁴⁶Livre tradução de: "le lieu du mal et de la destruction, don la pulsion de mort"; "concerne le corps, et en premier lieu le corps propre", "du répétitions"; "dirigée contresa propre vie"; prends alors une résonance sadienne"; "jouir d'corps" (RITTER, 2009, p. 492- 49).

⁴⁷ Livre tradução de: "jouissance de la vie" (LACAN, 1969- 1970/1992).

⁴⁸Livre tradução de: "Il faut poser au départ l'inexistence du rapport sexuelle, d'où l'impossibilité de la jouissance, dans le sens de la jouissance sexuelle, du corps de l'Autre sexe. Il en résulte la nécessité d'une suppléance dans le rencontre sexuelle [...] La jouissance sexuelle, c'est donc la jouissance phallique, laquelle est la suppléance de ce qui serait la jouissance sexuelle si le rapport sexuelle existait [...] est appelle phallique parce que la jouissance fondamentale ou mortelle se sexualise par le biais du phallus"(RITTER, 2009, p. 492- 495).

⁴⁹FFREUD, (1912-1913/ 2006).

⁵⁰Livre tradução de: "s'articule avec la loi, donc avec la castration"(RITTER, 2009, p. 492- 495).

ligado à palavra, à linguagem e, portanto, ao simbólico, mas "não se refere ao Outro como tal, no sentido de outro do Outro sexo, sequer ao parceiro sexual" ⁵¹ (RITTER, 2009, p. 496). Ou seja, "só se goza de suas fantasias"⁵²(LACAN, 1971-1972) O gozo fálico sexual não implica diretamente o outro, enquanto parceiro sexual, Lacan indica que ele se refere ao universo de fantasias inscritas pela linguagem.

Ritter (2009) comenta que Lacan aborda também um gozo que difere do gozo fálico sexual, o gozo Outro "um gozo suplementar das mulheres e também dos místicos" ⁵³(RITTER, 2009, p. 497). Observe-se que uma mulher pode usufruir de um gozo fálico sexual, acessível àqueles marcados pela castração simbólica e pela Lei; e também ser arrebatada por um gozo Outro. Ele distingue ainda o "gozo esperado" do "gozo obtido"⁵⁴(RITTER, 2009, p. 500), pois não são coincidentes.

Depois do *Seminário livro 20: Mais, ainda* (1972-1973), em *A terceira* (1974) e no *Seminário RSI* (1974-1975), trabalhando o enodamento borromeano, Lacan estuda o "gozo do corpo". Embora o corpo seja marcado pelas representações imaginárias, "há um furo do imaginário [...] recoberto pelos diferentes objetos *a*"⁵⁵ (RITTER, 2009, p. 502). Por essa razão, apesar do corpo ser marcado pelo imaginário, "o gozo do corpo é da ordem do real [...] Esse real [é] o objeto *a*" ⁵⁶. Isso porque o gozo do *fallasser*, aquele marcado pela conjunção da linguagem com a pulsão, está atrelado ao objeto *a* e difere do gozo "natural" dos animais. Esse gozo do corpo próprio ou gozo da vida é um gozo limitado, mas é "o gozo possível [...] situa-se na interseção do real e do imaginário"⁵⁷ (RITTER, 2009, p. 503).

Por outro lado, o gozo Outro é impossível, corresponde a um furo no real, independentemente de quem desejássemos que ocupasse esse lugar; uma vez que "não há

⁵¹Livre tradução de: "ne se rapport pas à l'Autre comme tel, dans le sens de l'autre de L'Autre sexe, soit le partenaire sexuel"(RITTER, 2009, p.492- 496).

⁵²Livre tradução de: "On ne joui que de ses fantasmes"(LACAN, 1971- 1972).

⁵³Livre tradução de: "jouissance supplémentaire de la femme, mais aussi, des mystiques" (RITTER, 2009, p.492-497).

⁵⁴Livre tradução de: "jouissance attendue et effective" (RITTER, 2009, p.492- 500).

⁵⁵Livre tradução de: "trou de l'imaginaire [...] occupé par les différents objets *a*" (RITTER, 2009, p.492- 502).

⁵⁶Livre tradução de: "la jouissance du corps est de l'ordre du réel [...] c'est réel, l'objet *a*" (RITTER, 2009, p.492- 502).

⁵⁷Livre tradução de: "la jouissance possible [...] sa place à l'intersection de réel et de imaginaire" (RITTER, 2009, p.492- 503).

Outro que responda como parceiro" ⁵⁸(LACAN, 1975-1976/ 2007). Nesse sentido, Lacan (1973-1974) assevera que *dois corpos não farão um*, há sempre um mal-entendido, "pois uma mulher, tanto como um homem, é um objeto *a*. É, no entanto, por aí que o gozo do Outro se bifurca no objeto *a*, mas na fantasia fundamental, o objeto *a* sendo o substituto do Outro"⁵⁹ (RITTER, 2009, p. 504).

Ritter (2009) chama atenção ainda para o fato do gozo fálico se caracterizar pelos equívocos da língua na relação particular do inconsciente com o simbólico; e Lacan o situaria "na interseção do simbólico com o real"; "constitui a única relação possível com o parceiro, é suplência ao fato da relação sexual não existir"⁶⁰ (RITTER, 2009, p. 506).

Apresentadas as dimensões do gozo em Lacan e revisadas as características peculiares da posição feminina em Freud e em Lacan, vejamos à seguir as observações de Soler sobre o masoquismo feminino, que optamos por expor já no primeiro capítulo, uma vez que tem uma relação importante com a fantasia fundamental.

1.11 Soler e o masoquismo feminino

A denominação de Freud (1924/2007) *masoquismo feminino*, segundo Soler (1998), teria contribuído para fato de alguns psicanalistas atribuírem às mulheres um prazer em tais circunstâncias. Soler (1998) empenha-se por desfazer essa confusão, porém, algumas vezes propõe argumentos aos quais faremos determinadas ressalvas.

Ela aborda o tema do masoquismo feminino em vários artigos e livros. Sustenta (2003/2005) que nem a mulher, nem o desejo feminino sejam necessariamente masoquistas. Retomando o estudo lacaniano sobre a partilha dos sexos, enfatiza que uma mulher divide-se entre a posição de sujeito de desejo no seu próprio inconsciente e a posição de objeto na fantasia do parceiro. Crê que "haja alguma coisa que se preste à confusão", por isso propõe

⁵⁸Livre tradução de: "*il n'y a pas d'Autre qui répondrait comme partenaire*"((LACAN, 1975-1976/ 2007).

⁵⁹Livre tradução de: "<car une femme, pas plus qu'un homme, n'est un objet *a*>. CC'est pourtant par là que la jouissance de l'Autre se branche sur l'objet *a* mais dans le fantasme, l'objet *a* étant le substitut de l'Autre" (RITTER, 2009, p.492- 504).

⁶⁰Livre tradução de: "*Située à l'intersection du symbolique et du réel [...] Constituant le seul rapport possible avec le partenaire sexuel, elle est ainsi ce qui supplée au fait du non-rapport sexuel*" (RITTER, 2009, p.492-506).

"uma clínica diferencial da posição masoquista e da posição feminina" (SOLER, 1998, p. 214). Acompanhem-na em sua distinção:

Quando falamos do ser da mulher, não esqueçamos de que este é um ser dividido entre o que ela é para o Outro e o que ela é como sujeito de desejo, entre seu ser complementar da castração masculina, por um lado, e seu ser com sujeito do inconsciente, do outro. Lacan observa em dada ocasião que seu lugar no casal sexual não tem como causa direta seu desejo próprio, mas o desejo do outro. (SOLER, 1998, p. 214).

A psicanalista alude ao fato que uma mulher, em parte, se presta a ser objeto de gozo na fantasia do parceiro, posição que não lhe exige de engajar-se num desejo que lhe é próprio. Nesse sentido, avalia que "a posição feminina [...] não designa diretamente o que chamamos de uma posição subjetiva. Refere-se antes a uma posição no par sexual" (SOLER, 2003/ 2005, p. 59). Indicamos a seguir a raiz de nossa divergência com a célebre psicanalista.

Pensamos que "o que ela é para o Outro" corresponda precisamente ao "que ela é como sujeito de desejo". Isso porque entendemos que, na partilha dos sexos, parceiro seja todo aquele capaz de remeter um sujeito, em sua própria fantasia, à posição de objeto *a*. Cada sujeito deseja e almeja coisas. Porém, se tomarmos *desejo* como "vontade de gozo" (LACAN, 1963/ 1998, p. 784), precisaremos delimitar que é quando catapultado à singular posição de objeto *a* na relação com o Outro, estabelecida na fantasia que articula a pulsão sexual à pulsão de morte, que um "sujeito de desejo" emerge, visto ser precisamente assim que se é tomado pela vontade de gozo.

Evidentemente, uma mulher inserida no campo da neurose é dividida, porém *não* cremos tratar-se de uma cisão "entre o que ela é para o Outro e o que ela é como sujeito de desejo" (SOLER, 1998, p. 214). Diferentemente de Soler, pensamos que os dois lados dessa oração sejam absolutamente equivalentes. Nossa escuta clínica indica que a inserção de uma mulher na posição feminina pressupõe que, em *sua* fantasia fundamental, ela previamente se situe, enquanto sujeito de desejo, identificada à posição de objeto *a* do Outro.

Por essa razão, a citação nos pareceria melhor formulada caso diferenciasse o que uma mulher pode ser para o *outro* (com minúscula) daquilo que ela é como sujeito de desejo. Ai, sim, haveria duas posições distintas. A citação de Soler, ao contrário, distingue dois arranjos que, a nosso ver, são idênticos: *o que ela é para o Outro e o que ela é como sujeito de desejo*.

Pensamos que o que uma mulher inserida no campo da neurose e inscrita na posição feminina "é como sujeito de desejo" corresponda justamente à posição ao qual ela é catapultada em sua própria fantasia de relação com o Outro, a saber, à posição de objeto *a* do

Outro. Ao passo que o que se é para o outro, com minúscula, exige de si a *atividade* de se emprestar como objeto para o parceiro, mas por si só não caracteriza nenhum masoquismo.

Soler (2003/ 2005), muito pertinentemente, lembra que a posição feminina, de objeto do parceiro, não é exclusiva das mulheres. Mas recorrendo ao texto de Lacan, pronuncia uma ferrenha crítica à associação da sexualidade feminina ao masoquismo:

A questão na qual Freud tropeçou "o que quer a mulher? [...] Circulou uma resposta que dizia: ela quer sofrer. Os enunciados culpáveis desta tese são de Freud, especialmente em seus dois textos *Uma criança é espancada* (1919) e *O problema econômico do masoquismo* (1924). A tese não consiste em dizer que há mulheres masoquistas [...] tampouco se contenta em afirmar que mulheres sofrem [...] sustenta que o desejo feminino é essencialmente masoquista, que ela visa gozar da dor e mesmo fazer-se mártir do Outro. Preconceito, diz Lacan, e 'monstruoso' (SOLER, 1998, p. 209).

Vejamos, então, o diz Lacan. Em *Para um congresso sobre a sexualidade a sexualidade feminina* (1960-[1958]/1998), num trecho que recebe o sub-título de "desconhecimentos e preconceitos", Lacan **interroga**: "segue-se o problema do masoquismo feminino [...] Será que podemos nos fiar no que a perversão masoquista deve à invenção masculina, para concluir que o masoquismo da mulher é uma invenção masculina?" (LACAN, 1960 [1958]/ 1998, p. 739- 740).

Empenhado em distinguir os fenômenos psíquicos de qualquer determinação anatômica, Lacan discute, nesse texto, o equívoco de se analisar a sexualidade feminina exclusivamente a partir das localizações dos genitais e da anatomia: "é preciso denunciar a debilidade irresponsável que pretende deduzir as fantasias de invasão das fronteiras corporais de uma constante orgânica" (LACAN, 1960 [1958]/ 1998, p. 739- 740). Expõe o "suposto desconhecimento da vagina" e aborda a mediação fálica para distinguir pulsão de "instinto materno".

Chama a atenção também para a "oportunidade de distinguir entre inconsciente e preconceito", indagando novamente: "estaremos lembrados da recomendação, que Freud repete com frequência de não reduzirmos o suplemento feminino para o masculino ao complemento do passivo para o ativo?"⁶¹ (LACAN, 1960 [1958]/ 1998, p. 740).

Finalmente, adverte que é preciso cautela, pois à posição de objeto a que a mulher se submete facilita que lhe seja imputado todo tipo de "monstruosidade". Anos mais tarde, em

⁶¹<Suit le problème du masochisme féminin [...] Peut-on se fier à ce que la perversion masochiste doit à l'invention masculine, pour conclure que le masochisme de la femme est un fantasme du désir de l'homme ? [...]Souvenons-nous de l'avis que Freud répète souvent de ne pas réduire le supplément du féminin au masculin au complément du passif à l'actif?> (LACAN, 1960- 1958, p. 730-731, virtuelle).

1974, na *Terceira*, Lacan reforça a mesma idéia ao dizer "que a mulher seja o objeto "a" do homem de vez em quando, isso não quer dizer de jeito algum que tenha gosto em sê-lo".

Como destacado, frente a esse conjunto de questões relativas à mulher, Lacan sugere cautela para que não lhe seja imputado todo tipo de monstruosidade. Quanto à questão específica do masoquismo, ele interroga (não afirma!) se o masoquismo feminino seria uma invenção masculina. Mas a psicanalista francesa conclui: "Lacan, ao dizer que o masoquismo feminino 'é uma fantasia do desejo do homem', fornece-nos a chave" (SOLER, 2005, p. 64).

A relação do feminino com o masoquismo é um tema que provoca a psicanalista francesa de tal maneira, que depois de abordar o tema em *Psicanálise na Civilização* (1998), volta-se novamente à mesma questão em *O que Lacan dizia das mulheres* (2003/ 2005). Num capítulo intitulado 'A mulher, masoquista?', Soler comenta: "os psicanalistas com dificuldade de captar a essência da feminilidade forjaram a tese do masoquismo feminino. Como se lhes parecesse inconcebível que um sujeito pudesse se oferecer como objeto [...] sem ser masoquista!" (SOLER, 2003/ 2005, p. 58).

No artigo precedente, referindo-se à análise feita por Freud sobre a fantasia de um de seus analisandos, no texto freudiano *Uma criança é espancada* (1919/ 2006), Soler diz que considera um equívoco "a insistência de Freud em frisar a ligação da fantasia masoquista com o desejo edipiano e a identificação fortemente afirmada do outro que bate com o pai - mesmo quando na imaginação consciente do sujeito é a mãe" (SOLER, 1998, p. 210). Acrescenta que: "Freud não tem senão uma bússola para distinguir o homem e a mulher: os avatares da castração, só uma referência verificável. Ele, portanto, só aborda a especificidade da mulher pela subjetivação da falta fálica" (SOLER, 1998, p. 211).

No texto em que apresenta a denominação masoquismo feminino, ao lado do erógeno e do moral, Freud esclarece que tal especificidade compõe o escopo do humano. "Desse tipo de masoquismo no homem (a que me limito aqui, em razão do material disponível) nos dão suficientes notícias das fantasias masoquistas"⁶². Ao dizer que *desse* tipo de masoquismo, se limitaria a usar exemplos masculinos, implica dizer que o masoquismo feminino não se trata apenas de uma fantasia masculina. Lembremos que cinco anos antes de cunhar o masoquismo feminino, Freud (1919a/2006) descrevera casos de mulheres, cujas fantasias apresentavam a mesma natureza das que viriam a ser descritas em 1924/ 2007, a saber, com a sintaxe das orações que as sintetizavam na forma passiva (ser surrado/ ser castrado, etc).

⁶² Livre tradução de: "De esta clase de masoquismo en el varón (a que me limito aquí, en razón del material disponible) nos dan suficientes noticias las fantasías de personas masoquista" (FREUD, 1924/ 2007, p. 167).

Na primeira ocasião, embora tivesse anunciado que pretendesse restringir-se aos exemplos femininos, recorreu a casos masculinos de perversão. Já em 1924/ 2007, ao descrever essa modalidade de masoquismo, preferiu utilizar as cenas oriundas da imaginação de varões. Ao fazer tal opção, esclareceu que "as encenações {*Veranstaltung*} na vida compartilhada que os perversos realizam correspondem ponto a ponto a essas fantasias"⁶³(FREUD, 1924/ 2007, p. 167). Consideramos que, em ambos os artigos, no de 1919a/ 2006 e no de 1924/ 2007, Freud descreva o masoquismo feminino através das fantasias tanto de homens, como de mulheres.

Em *A Psicanálise na civilização* (1998), Soler destaca as três figuras apontadas por Lacan, ao longo de sua obra, que se prestam a bancar o objeto: a mulher, o masoquista e o analista. "O masoquista se quer objeto rebaixado, ele cultiva a aparência de rebotalho [...] A mulher, ao contrário, veste-se de brilhante fálico [...] Quanto ao analista [...] passa [...] de suposto saber [...] ao estado de rejeito [...] no final" (SOLER, 1998, p. 216).

Ela enfatiza a distinção entre a posição do masoquista e a de uma mulher. Essa última no jogo amoroso seria apenas condescendente com o parceiro, emprestando-se como objeto. "Eu disse *bancar o objeto*, pois a expressão tem o mérito de comportar uma nuance de artifício frisando bastante que o ser para o Outro não poderia realizar-se sem a mediação do *semblante*" (SOLER, 1998, p. 215).

Colette Soler nomeia o artifício utilizado por algumas mulheres de mascarada masoquista. "A mascarada tem muitas facetas [...] Mas há uma mascarada masoquista, que [...] faz ostentação da falta, da dor ou da dor da falta" (SOLER, 1998, p. 216). A psicanalista ilustra essa modalidade de mascarada com um caso clínico em que a analisanda costumava ficar "a descoberto" no banco. Depois de brigas e choros, o marido, contrariado, cobria a conta bancária. A situação se desequilibra quando ela recebe uma pequena herança. Frente à queixa do marido de que agora ela estaria "insolente", a analisanda pondera que não deveria ter jamais mencionado nada ao marido sobre o dinheiro herdado. Soler considera que tal constatação não reflita qualquer avareza da analisanda, mas diga respeito à sua mascarada de pobre sofredora por falta de dinheiro e, nessas condições, ocupante da posição de objeto precioso naquele arranjo amoroso.

Excetuando o papel que nela desempenha o *semblante*, a mascarada masoquista difere grandemente do cenário perverso. Na mascarada, uma mulher se submete às

⁶³ Livre tradução de: "*masoquismo femenino, es el más accesible a nuestra observación, el menos enigmático*" [...] "*Las escenificaciones {Veranstaltung} reales de los perversos masoquistas responden punto por punto a esas fantasías*" (FREUD, 1924/ 2006, p. 167).

condições de amor do Outro para que a fantasia do homem nela encontre 'sua hora da verdade' (SOLER, 1998, p. 218).

Novamente, apontamos nosso ponto de discordância da psicanalista francesa, no que tange à grafia de *Outro*, reescrevendo diferentemente a passagem acima. Pensamos que "na mascarada, uma mulher se submete às condições de amor" do *outro*, do *parceiro*, "para que a fantasia do homem encontre nela sua hora da verdade". A divergência apontada não é um detalhe irrelevante, uma vez que permitiriam diferenciar justamente a posição de uma mesma mulher frente ao seu parceiro, *outro*, por quem se quer amada; da sua posição inconsciente em sua própria fantasia fundamental de relação com o Outro.

A disponibilidade de se emprestar como objeto da fantasia do *outro*, evidentemente, não caracteriza nenhuma natureza masoquista; ao contrário, visa apenas abocanhar o amor dele. Nesse sentido, quando uma mulher *banca* o objeto, seja vestindo-se de brilho fálico, seja através da mascarada de sofredora sem dinheiro, não se pode, de fato, imputar a ela nenhum gozo masoquista.

Porém, quando se trata da posição da mesma mulher como objeto na própria fantasia inconsciente, partilhamos da opinião de Freud (1919a/2006) e, diferentemente de Soler (2003/2005), desconhecemos a possibilidade do gozo daí advindo não ser masoquista. Entendido masoquismo como ressaltamos no início: *dor psíquica* atrelada à culpa, oriunda da inscrição da Lei de proibição do incesto, que caracteriza o ingresso no campo da neurose. Masoquismo que repete determinada versão particular de *perda do amor do Outro, de ferida narcísica* que, ao se atualizar *em fantasia*, chancela o gozo sexual.

Ainda sobre esse tema, Soler volta a defender a ideia de que contrariamente ao masoquista, as mulheres deploram aquilo que precisam suportar como ocupantes da posição de objeto.

É claro que o masoquista [...] empenha-se em dar uma demonstração 'irônica' de um 'faça de mim o que quiser'. As mulheres, por sua vez, deploram em altos brados o que a alienação própria de sua posição as leva a suportar. A tal ponto, de fato, que nós perguntamos o que pode levá-las a assumir essa posição, uma vez que nada as obriga a fazer quando não querem (SOLER, 2003/2005, p. 58).

Embora se interrogue sobre a razão pela qual muitas mulheres aceitem essa condição; a psicanalista opõe-se com veemência a idéia que o desejo na mulher mantenha qualquer relação particular com o masoquismo, uma vez que, diferentemente dos verdadeiros masoquistas, elas "deploram em altos brados" seu penar.

Nossa escuta clínica nos obriga a marcar um entendimento diverso do de Soler. Sabemos com Lacan que o amor tem uma função muito especial para as mulheres. Pensamos que quando deploram em altos brados o seu penar, deploram as agruras de seus relacionamentos amorosos, nas quais se situam como objeto da fantasia do *outro*. Coisa absolutamente distinta é a posição de objeto do Outro na própria fantasia, que lhe distingue como sujeito de desejo. Dessa posição de objeto do Outro, na sua fantasia fundamental, acreditamos, extrair-se o gozo do masoquismo feminino. Miller enfatiza que "a fantasia fundamental não é algo especialmente elevado" (MILLER, 1983/ 1987, p. 125).

Isso, evidentemente, não autoriza a proclamar um masoquismo das mulheres, como bem sinalizam Lacan e Soler. Embora não se possa atribuir um masoquismo às mulheres, o que, de fato, seria uma monstruosidade, pensamos que o analista não deva se furtar a escutar a fantasia, cujo cerne, pensamos referir-se a um gozo masoquista e sobre o qual os analisandos costumam manter "boca de siri" (MILLER, 1983/ 1987, p. 101).

Mas Soler (1998, 2003/2005) argumenta que as metonímias das representações masoquistas de gozo, ouvidas por Freud na clínica, são decorrentes do fato de ele explorar apenas *uma* "das versões do objeto complementar ao desejo masculino".

[Freud] declina: as metonímias das representações de gozo, a saber, fazer-se amordaçar, amarrar, bater, chicotear, maltratar de um jeito ou de outro, forçar-se a uma obediência incondicional, desonrar, rebaixar (ibid)[...]enfim a série das encarnações do objeto: a criança dependente, a criança malvada, a mulher como castrada e submetendo-se ao coito. É visível que Freud explora metodicamente uma das versões do objeto complementar do desejo masculino (SOLER, 1998, p. 210).

Observa também que a "falta é o que abre precisamente a possibilidade de ser objeto sem ser objeto batido" (SOLER, 1998, p. 211). Cabe interrogar em que nível se "pode ser objeto sem ser objeto batido". Nas relações amorosas? Profissionais? Familiares e de amizade? Sim, estamos inteiramente de acordo que nessas relações é perfeitamente possível⁶⁴ ser sujeito e/ ou objeto fora do enquadre masoquista apontado por Freud em 1919a e em 1924.

Porém, cabe ressaltar que a ética da Psicanálise incide, segundo Miller (1983/1987), justamente no trabalho com a fantasia, lembrando que recebera analisandos que jamais haviam mencionado, em análises anteriores, as fantasias das quais extraíam seus gozos masoquistas. A especificidade da ética psicanalítica, sustentada pelo que Lacan designou de desejo do analista, difere do discurso médico e da prática terapêutica, que presa pelo bom funcionamento do indivíduo.

⁶⁴ É possível, mas não obrigatório. Voltaremos a tratar da contaminação de demais campos da vida social pela identificação do sujeito à sua posição privilegiada na fantasia.

É verdade que "há uma parte da experiência e da prática do analista que consiste em tranquilizar e moderar o paciente [...] mas não é isso a totalidade da análise" (MILLER, 1983/1987, p. 98). A dimensão ética da Psicanálise distingue-se justamente pela escuta do desejo inconsciente, sintetizado na estrutura da fantasia fundamental. Por essa razão, espera-se que o analista, além do conhecimento teórico angariado, tenha percorrido em sua análise pessoal os meandros de sua própria fantasia, munindo-se de habilidade e de sensibilidade necessárias à condução das análises que lhe são confiadas.

Dizer que o fim da análise se situa no nível da fantasia é dizer também que se espera que o analista se volte um pouco para trás da sua própria. Não que não a tenha mais, mas sim que obtenha um ponto de vista sobre o seu próprio comportamento no mundo e sobre a sua maneira de responder ao desejo do Outro [...] A travessia da fantasia é dar uma volta pelos bastidores para saber como funciona (MILLER, 1983/1987, p. 147).

Em suma, quanto à atribuição de um masoquismo peculiar ao gênero mulher, evidentemente, endossamos a cautela recomendada por Lacan (1960 [1945]/ 1998) e pela enfática crítica de Soler (1998). Não obstante esses cuidados indispensáveis, analisamos nesta tese o gozo masoquista, sobre o qual a clínica nos autoriza a tratar. Enfatizamos: gozo masoquista advindo da fantasia que é própria ao sujeito, e não da fantasia do parceiro.

Assim, embora estejamos de acordo com a célebre psicanalista de que a posição de objeto no jogo amoroso não deva ser denominada de masoquista, simplesmente por fazer semblante do que quer que seja por estar imbuída da tarefa de se fazer desejar ou amar; nosso intuito nesta tese é analisar a constatação, dentro do escopo de nossa clínica, de que há sujeitos inseridos no campo da neurose e identificados ao significante e ao gênero mulher que frequentam a posição feminina e que, ao levarem longe o suficiente suas análises, relataram extrair um gozo masoquista da posição que ocupavam na relação com o Outro na *fantasia fundamental*. Isso não significa que gostem de sofrer, nem tampouco de sentir dor.

Conduzimos também análises de outros sujeitos identificados ao gênero e ao significante homem que se queixavam de suas mais secretas fantasias, das quais extraíam um gozo masoquista nas alegorias construídas para cancelar o gozo sexual, a saber, posição de objeto *exibido*, *explorado* entre outros.

Embora esse campo também merecesse um estudo, respeitaremos o escopo da pesquisa, restringir-nos-emos ao universo dos sujeitos identificados ao significante e ao gênero mulher, que frequentem a posição feminina, estando inseridos no campo da neurose. Rematamos essas observações sobre o masoquismo e o universo feminino, com a importante

observação de Soler a qual fazemos eco: "não é a transposição dos limites do princípio do prazer que constitui o masoquismo, ou então trata-se do masoquismo universal do ser falante" (SOLER, 2005, p. 58).

Em síntese, cremos que a relação da sexualidade feminina com uma estrutura masoquista de gozo seja um tema da maior relevância, que revele uma raiz crucial do sofrimento psíquico sobretudo nos imbróglis amorosos. Enquanto a reivindicação de Soler parece consistir em que seria preconceituoso falar em satisfação masoquista para as mulheres; nossa argumentação defende a idéia que, na posição feminina, há uma dimensão masoquista presente na fantasia que acompanha o gozo sexual, na qual cada sujeito se coloca como objeto *dos excessos do Outro*. Consideramos essa hipótese verdadeira, mesmo que um sujeito identificado ao gênero e ao significante mulher não usufrua de nenhum *prazer* masoquista conscientemente.

Nesse sentido, defendemos com Freud (1919/ 2006 e 1924/2006) e com as posteriores contribuições de Lacan, que o sujeito de desejo, através da fantasia inconsciente que chancela seu gozo, desfrute de um gozo masoquista feminino, no qual se situa como objeto dos excessos do Outro, numa cena em que o desejo do Outro se dirige a alhures.

Para que uma criança se constitua dentro do campo da neurose, como um sujeito desejante, um longo percurso se faz necessário. Para melhor compreender esse elaborado processo, impõe-se um resumo das contribuições de Freud e de Lacan quanto ao desenvolvimento psíquico do bebê, desde o seu nascimento até a constituição da fantasia, condição através da qual o sujeito dividido pelo desejo emerge. Acompanhem, a seguir, alguns dos marcos teóricos apresentados por Freud e por Lacan ao analisarem a passagem do *infans* - um punhado de carne e ossos, desabitado pela linguagem - a um sujeito dividido. É o que faremos no próximo capítulo.

2 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

2.1 O *infans*

Neste capítulo, abordaremos sucintamente marcos teóricos relativos aos primórdios da constituição psíquica do sujeito: a dependência do bebê humano frente àqueles que se encarregam de seu cuidado; a importância daí decorrente da "lei da mãe" e do desejo do Outro na constituição psíquica do *infans*; *das Ding* e o núcleo do inconsciente; o narcisismo primário e a importância da inscrição da criança no desejo do Outro; as primeiras macas de diferenciação entre o campo do eu e o campo do outro; o movimento de alternância da libido entre esses dois campos; as lições que Freud extraiu da parafrenia e da megalomania; o sintoma separador da lei da mãe; a castração simbólica e a metáfora paterna; a função do aparelho psíquico; a diferenciação entre o objeto impossível e o objeto proibido e, finalmente, examinaremos a fantasia "mata-se uma criança" analisada por Serge Leclaire. Lembramos ao leitor, como já ressaltado no início, que grafamos Eu com maiúscula sempre que pretendemos valorizar as características da instância psíquica; e eu com minúscula, quando abordamos aspectos iniciais de sua constituição ou quando o termo está sendo utilizado por outros campos de saber. A seleção desses temas teve como objetivo dar relevo à dimensão do desejo na constituição do sujeito. Esperamos que esse percurso facilite ao leitor dimensionar a importância da fantasia fundamental na constituição psíquica, particularmente no caso da neurose.

2.2 Pulsão de morte, *Eros* e narcisismo primário

A vida [...] é o conjunto de forças que resiste à morte.

BICHAT, apud LACAN, 1969-1970/ 1992, p. 16.

Freud, no artigo metapsicológico *Além do Princípio do Prazer* (1920/ 1996), anuncia sua última divisão pulsional: pulsão de vida ou *Eros* ou pulsão sexual, e pulsão de morte. De

acordo com o novo dualismo, a pulsão de auto-conservação passa a fazer parte da pulsão sexual e a ser designada pulsão de vida. A pulsão de morte, mais primitiva, permanece ativa desde o início da vida até seu final. Já *Eros*, para se instaurar no bebê, depende de um investimento libidinal que vem do Outro, que imiscuído à pulsão de morte, toma o próprio corpo como seu primeiro objeto.

O investimento dos pais dirigido ao bebê caracteriza o narcisismo primário, conceito freudiano de difícil observação clínica direta que é, no entanto, suporte da sua teoria libidinal. Freud circunscreveu o narcisismo primário “mediante uma inferência retrospectiva [...] a atitude terna dos pais para com os filhos, devemos discerni-la como o renascimento e reprodução do narcisismo próprio, há muito abandonado”⁶⁵ (FREUD, 1914/ 2007, p. 87).

A partir da observação do investimento que os pais fazem em relação a seus filhos pequenos, Freud infere haver um narcisismo primário. Ele supõe que o narcisismo primário dos pais seja re-aceso e transpareça tanto nas esperanças de que o filho restitua-lhes a completude e perfeição há muito perdidas, como também no medo de que estórias familiares trans-geracionais, muitas sob o interdito do não-dito, se concretizem. Dito de outro modo, o narcisismo primário caracteriza-se pela projeção dos narcisismos primários de seus pais, que ressurgem, no momento de expectativa de nascimento de um novo filho, através dos planos, projetos e medos em torno dele.

É justamente esse investimento que fornece ao bebê aderência à vida, dando-lhe sustentação para vencer a primitiva pulsão de morte e sua poderosa tendência de retorno ao inanimado. É um investimento que se apresenta para o bebê como um caldo simbólico, sem distinção entre o que, mais tarde, constituirá o seu Eu e o outro. Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, no *Dicionário de Psicanálise*, afirmam no verbete *narcisismo* que Freud, a partir da segunda tópica, localiza o narcisismo primário “como o primeiro estado de vida, portanto, anterior à constituição do Eu” (ROUDINESCO/PLON, 1998, p. 531). Ou seja, o narcisismo primário que constitui o ser humano não pode ser observado diretamente, apenas inferido retrospectivamente quando a criança cresce e torna-se pai ou mãe.

⁶⁵ Livre tradução de: *mediante una inferencia retrospectiva [...] la actitud de padres tiernos hacia sus hijos, habremos de discernirla como renacimiento y reproducción del narcisismo propio, ha mucho abandonado.*

2.3 O narcisismo

O termo narcisismo foi utilizado inicialmente por Havelock Ellis e, depois, empregado por Paul Näcke, em 1899, para descrever a atitude de algumas pessoas de acariciar e admirar o próprio corpo até atingir à satisfação sexual. O mito de Narciso, que sucumbiu fascinado ao fixar seu olhar e corpo na própria imagem refletida nas águas de um lago, cuja versão mais conhecida consta no livro de Ovídio, *Metamorfoses*, foi a fonte maior para a denominação. Aqui, mais uma vez, a literatura antecipa aquilo que a ciência mais tarde delimitará.

A palavra narcisismo foi retomada por Freud na reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena em 10 de novembro de 1909⁶⁶. Ele aproveita o termo também em nota de pé de página, na segunda edição dos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905); depois, no artigo sobre *Leonardo da Vinci* (1910); outra vez, no estudo sobre o presidente *Schreber* (1911) e, ainda, em *Totem e Tabu* (1912-1913). Mas é somente em 1914, argumentando contra as posições defendidas por Jung e Adler, que Freud dedica um artigo ao tema.

Retomando a descrição de Näcke e recorrendo a exemplos clínicos nos quais alguma patologia física ou psíquica emerge, Freud (1914) sustenta que, em alguma proporção, traços de narcisismo encontram-se presentes no desenvolvimento sexual de todos os seres humanos. Pondera também que a diferenciação entre o campo do eu e o campo do outro é fruto de um longo e complexo processo. Dedicando-se ao estudo do que constituiria um “narcisismo primário e normal” - adjetivos aos quais, com Lacan, poder-se-ia acrescentar ‘estrutural’-; Freud afirma que tanto a ideia de eu; como o narcisismo, como a complexa instância Eu precisam ser desenvolvidos; fato sobre o qual já chamamos a atenção do leitor anteriormente. Ocorre que “é necessário supor que não haja desde o início no indivíduo uma unidade comparável ao Eu, o Eu precisa ser desenvolvido” (FREUD, 1914/2006, p. 74). E nesse sentido, o conceito de libido ajuda a compreender como ocorrem as primeiras separações entre o campo do Outro e o que se constituirá, mais adiante, como a instância Eu.

⁶⁶ STRACHEY, J. in: FREUD, Introdução ao Narcisismo (1914/ 2006), Nota introdutória, fazendo referência às anotações de Ernest Jones (1955: 304).

2.4A libido

A energia pulsional (entre o somático e psíquico) que conecta o sujeito aos seus objetos de investimento afetivo, Freud (1914) chama de *libido*. Segundo Laplanche e Pontalis (2001) e (1967), o termo *libido* tem a sua origem no latim, significando vontade, desejo. Freud o teria recuperado através de A. Moll para analisar as características de seu deslocamento na relação com os objetos e melhor compreender o narcisismo. Esclarece que “um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele [...] estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos” (FREUD, 1914/ 1996, p. 95).

No *Dicionário de Psicanálise*, Laplanche e Pontalis delineiam também a definição de libido para Freud:

[...] substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto à meta (sublimação, por exemplo) e quanto à fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas) (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001: 266 e 1967, p. 224).

Empenhado em compreender o narcisismo, Freud (1914) analisa o deslocamento da libido, distinguindo *libido do Eu*⁶⁷ e *libido do objeto*. Argumenta que a clínica o conduziu a fazer essa diferenciação, pois ela lhe permite distinguir a neurose obsessiva e a histeria, por um lado; e a psicose -“parafrenia”- por outro. Destaca que as duas características principais que acometem os parafrênicos são: a megalomania e a evasão do interesse pelo mundo externo. A teoria da libido se revela eficaz para examinar esses dois aspectos da parafrenia, quando todas as tentativas anteriores fracassaram e mostraram-se “inteiramente infrutíferas” (FREUD, 1914/ 1996, p. 85).

Enfatiza que o movimento da libido nos casos de parafrenia permite observar com mais nitidez um fato que sucede, em alguma medida, a todos. Inicialmente as pulsões são auto-eróticas e o investimento libidinal é dirigido ao eu, que está começando a se esboçar. Porém, parte dessa libido “é posteriormente transmitida a objetos” (FREUD, 1914/ 1996, p. 83). Há, no entanto, uma proporção que permanece dirigida ao próprio eu, que, longe de indicar necessariamente uma perversão, constitui um componente crucial do desenvolvimento psíquico, e Freud passa a designá-la como narcisismo.

⁶⁷ Na constituição psíquica, a libido se dirige ora a um objeto, ora a um inicial contorno de eu; quando a instância do Eu já se configurou a alternância da libido ocorre entre os objetos e o Eu.

Dessa feita, a libido enquanto força que exerce ‘pressão’ sobre os investimentos objetivos, é definida por Freud como a energia da pulsão sexual. "É esse aspecto quantitativo que vai prevalecer no que se tornará, a partir da concepção de narcisismo e de uma libido do Eu, a teoria da libido" (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 267; LAPLANCHE; PONTALIS, 1967, p. 225).

Recorrendo ao conceito de libido, pode-se compreender o narcisismo como a particularidade do investimento libinal, quando dirigido ao Eu. Como a libido dirige-se ora ao Eu, ora aos objetos do mundo externo, “quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia” (FREUD, 1914/ 1996, p. 83). Para ilustrar essa comunicabilidade entre os destinos da libido, Freud lembra que uma pessoa intensamente apaixonada dirige muito de sua libido ao objeto amoroso em detrimento do investimento ‘narcísico’. Em contrapartida, “o homem enfermo coloca seus investimentos libidinais de volta no seu próprio eu, e os põe para fora novamente quando se recupera” (FREUD, 1914/ 1996, p. 89).

Na hipocondria, outro quadro que compõe o campo das psicoses, embora não haja nenhuma doença orgânica de base, a libido objetal é retraída tal como ocorre frente a uma dor física intensa. Outro exemplo, recolhido do cotidiano e explorado por Freud, é o do estado de sono, no qual o interesse pelo mundo termina e a libido volta-se para o corpo com o único intento de dormir. É justamente esse movimento da libido que caracteriza o narcisismo. Freud (1914/1996) postula que a libido normalmente circula e se alterna entre o Eu e o objeto, salvo nas patologias graves nas quais o investimento objetal é abandonado.

A análise de Freud (1917 [1915]) sobre o movimento libidinal, que envolve uma alternância de destinos, seja para o Eu, seja para o objeto, nos interessam, pois apontam para a complexidade da relação entre identificação e desejo, cujos imbróglis constituem o foco desta pesquisa.

2.5 A função do aparelho psíquico

Freud observa que um “egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se [...] formos incapazes de amar” (FREUD, 1914/ 1996, p. 92). Ele atesta que uma marcante frustração costuma ser a responsável pelo retraimento da libido objetal. Nas afecções parafrênicas, a libido reinvestida no Eu, tornar-se dominante, como nas

megalomanias, e não mais flutuante. Já nas neuroses de transferência, histeria e neurose obsessiva, “a libido liberada pela frustração” “permanece ligada a objetos na fantasia” (FREUD, 1914/ 1996, p.93). Nesse sentido, considera que a função primordial do aparelho mental seria criar mecanismos a fim de que as excitações e as frustrações sejam descarregadas trazendo o menor prejuízo possível para o Eu.

[...] acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas [...] sua elaboração na mente auxilia de forma marcante um escoamento das excitações que são incapazes de descarga direta para fora, ou para as quais tal descarga, é no momento, indesejável [...] é indiferente que esse processo interno de elaboração seja efetuado em objetos reais ou imaginários (FREUD, 1914/ 1996, p. 92).

Ao definir a função do aparelho mental como o escoamento das excitações e frustrações de maneira menos *indesejável*, Freud parece indicar igualmente o decisivo papel da fantasia neurótica: o revestimento dos objetos do mundo compartilhado por aqueles que ficaram fixados na fantasia. Por outro lado, cabe indagar como esse revestimento dos objetos pode, no que tange à sexualidade feminina, trazer o mínimo de frustrações no campo amoroso e/ou profissional.

A indicação freudiana sobre a função do aparelho psíquico e uma indagação sobre a especificidade dos efeitos da fantasia *Uma criança é espancada* (1919/ 2006) se prestam na medida em que, por um lado, a função do aparelho psíquico é descarregar a excitação e a frustração, mas por outro lado, naquela fantasia, se atualiza uma frustração, que conduz à satisfação sexual. A questão que se coloca, portanto, é como a particularidade dessa fantasia, que reveste os objetos do mundo, pode também trazer o mínimo de prejuízos à vida de um sujeito. É outra questão que procuraremos alcançar responder ao final desta tese, na conclusão.

2.6 Parafrenia e megalomania

Em 1914, Freud intui que sua teoria da libido lhe facilita compreender e diferenciar alguns aspectos importantes da parafrenia e da neurose. Enquanto o neurótico obsessivo e o histérico retiram parte da libido dos objetos do mundo exterior e mantém o investimento nos objetos da fantasia, “mistura[m] os primeiros com os segundos[...] o parafrênico [...] parece

realmente ter retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras da fantasia” (FREUD, 1914/ 1996, p. 82).

As duas principais características observadas por Freud (1914/ 1996) na parafrenia são a megalomania e a retirada do interesse pelo mundo externo, a sua teoria da libido lhe oferece subsídios que lhe permitem aclarar a conexão entre essas duas peculiaridades. A primeira é efeito da segunda, ou seja, a megalomania é precisamente o efeito visível da retirada da libido dos objetos do mundo externo e o consequente reinvestimento maciço da libido no próprio corpo. Acrescente-se a esse quadro a frequente percepção de ‘fim de mundo’ que acomete o paranóico.

É precisamente dentro do escopo de alternância e de deslocamento libidinal que Freud delimita o campo do narcisismo: “a libido afastada do mundo externo é dirigida para o Eu e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo” (FREUD, 1914/ 1996, p. 82).

O psicanalista atesta também que o narcisismo dirigido ao corpo é anterior ao dirigido aos objetos: “o narcisismo que surge através da indução dos investimentos objetais [...é] secundário, superposto a um narcisismo primário que é obscurecido por diversas influências diferentes” (FREUD, 1914/ 1996, p. 82). Inicialmente, a libido concentra-se em si, a seguir, uma porção dessa libido volta-se aos objetos do mundo externo.

2.7 O protótipo do eu a partir da relação com Outro arcaico

Garcia-Roza explica que Freud, no *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]), considera o eu real (real *Ich*) constituído por “organizações parciais [...] eus parciais [...] não [...] unificados [...] sínteses passivas [...], primeiros esboços de organização do aparato psíquico” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 56). Essas organizações auto-eróticas adquirem, no Estádio de Espelho⁶⁸, uma unidade – que é sempre renovada - numa imagem corporal, que corresponde ao narcisismo. Esse narcisismo é construído pelo discurso dos pais, e corresponde a uma das formas do eu, a saber, ao eu ideal. O eu ideal é, portanto, uma imagem “construída na sua quase totalidade pelos pais, que projetam no filho, fazendo

⁶⁸ Teorização desenvolvida por Lacan a respeito do momento de organização lógica do Eu de acordo com as coordenadas de Freud sobre o narcisismo secundário. Lacan (1949/ 1998) *O estádio do espelho como formador da função do Eu*.

ressurgir o narcisismo que eles próprios tiveram que abandonar por exigência da realidade” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 56).

Assim, para vencer a força da pulsão de morte é *sine qua non* que aqueles que exercem a função materna invistam libidinalmente o corpo da criança, através da transmissão de significantes que se inscrevem nas bordas de seus orifícios. A linguagem que o Outro dirige à criança goteja significantes que transformam sua carne num corpo próprio erógeno. É nesse banho de linguagem que os pais transmitem, num discurso inconsciente, a escritura de seu desejo. Fala-se do bebê antes mesmo de seu nascimento: cada mulher e cada homem, muito antes da existência da carne, “escrevem uma espécie de “*script*” inconsciente para o filho que querem ter. “Esse roteiro é uma espécie de expectativa de recuperação da ferida narcísica” (MANSO; OLIVEIRA, 2004).

Ferenczi, psicanalista e pediatra, confirmou clinicamente a hipótese de Freud sobre a pulsão de morte. Em *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), observa como a inscrição da criança no desejo da mãe é crucial para a constituição do narcisismo primário que protege a criança da “tendência para a autodestruição” (FERENCZI, 1929/1992, p. 48). Ana Maria Rudge, comentando esse texto, observa: “a atração pela morte, em sua experiência clínica, pareceu-lhe ter origem na captação, por parte da criança, de sinais de aversão e de impaciência da mãe. A hostilidade materna mina no infante a vontade de viver” (RUDGE, 2006a, p. 85). Trata-se, portanto, da necessidade de receber um lugar no desejo do Outro, para que o desejo de viver do *infans* se torne mais poderoso que a atração exercida pela pulsão de morte.

Se a pulsão de morte é inata e apenas reforçada pela rejeição que se encontra, ou resulta por completo dos mandatos mortíferos da mãe, eis uma alternativa que parece ter uma relevância relativa, de vez que não terá muitas consequências clínicas. Efetivamente, não há amor integral e não ambivalente, e a pulsão de morte jamais deixará de encontrar terreno para se constituir por identificação com a hostilidade do adulto que se eterniza no Supereu (RUDGE, 2006a, extraído em 7/1/2015).

Rudge ressalta que Freud já advertira que todo amor é ambivalente e, por conseguinte, algo de agressivo sempre estará presente na relação da mãe com a criança.

2.8 A divisão do objeto em familiar e em estranho

Freud, no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895[1950]/1996), descrevera o complexo do próximo ou do ser humano semelhante⁶⁹ como a percepção de uma força que auxilia o bebê na realização da sua satisfação. “A experiência de satisfação está marcada pelo desamparo primordial que, para ele [Freud], caracteriza o sujeito humano. Essa satisfação depende do próximo” (RINALDI, 1996, p. 47). Inicialmente, segundo Freud, o bebê desenvolve o complexo do objeto semelhante, que congrega tanto a possibilidade de satisfação, como a de hostilidade. Em 1925, no texto metapsicológico *A negativa* (1925/1996), Freud problematiza a construção da realidade externa e interna. Ele confirma o que afirmara em 1895: inicialmente as experiências prazerosas e desagradáveis estão integradas. Aos poucos, a instância do Eu começa a se constituir, incorporando ou retraindo as experiências agradáveis, que se contrapõem a outras desagradáveis, as quais tenta expelir, tomando-as como se fossem um objeto externo. Cria-se assim um objeto interno e um primeiro contorno de eu.

Freud, no mesmo artigo de 1895, acrescenta a essa primeira divisão entre eu e objeto, outra, na qual o objeto também é partido. Ocorre, assim, na experiência do “complexo do próximo” uma divisão antitética desse próximo em objeto estranho e objeto familiar. A superfície de divisão desse objeto semelhante pode ser tanto uma parte do corpo daquele que exerce a função materna, quanto um traço de sua voz, ou de seu olhar.

2.9 As letras recebidas do Outro

"Na medida em que não somente o homem fala, mas em que, no homem e através do homem, isso fala, em que sua natureza torna-se tecida por efeitos onde se encontra a estrutura da linguagem em cuja matéria ele se transforma, e em que isso ressoa nele" (LACAN, 1958/1998, p. 695). Assim, são as letras⁷⁰ que, uma vez entranhadas na carne, esculpem os

⁶⁹ Livre tradução de *el complejo del prójimo* (FREUD, 1950[1895]/2006:377); “Complexo do ser humano semelhante” (FREUD, 1950[1895]/1996:384).

⁷⁰ Letra – Lacan vai definir a letra como ‘terra do litoral’, ‘rasura de todo traço que esteja antes’ (ANDRÈS in: KAUFMANN, 1996: 285).

orifícios corporais, transformando-os em zonas erógenas, donde os objetos *as* constituir-se-ão mais tarde. O poema de João Cabral de Mello Neto dedicado a Vinício de Moraes, do qual destacamos alguns trechos, parece descrever como o nosso psiquismo é marcado pelas marcas de linguagem recebidas do Outro, que se imiscuem em nosso corpo como se fossem *bala*, *relógio* ou *faca*, tornando-se parte da própria *anatomia*.

Assim como uma bala
enterrada no corpo,
fazendo mais espesso
um dos lados do morto,

assim como uma bala
do chumbo mais pesado,
no músculo de um homem
pesando-o mais de um lado

qual bala que tivesse
um vivo mecanismo,
bala que possuísse
um coração ativo

igual ao de um relógio
submerso em algum corpo,
ao de um relógio vivo
e também revoltoso

relógio que tivesse
o gume de uma faca
e toda impiedade
de lâmina azulada

assim como uma faca
que sem bolso ou bainha
se transformasse em parte
de vossa anatomia

qual uma faca íntima
ou faca de uso interno,
habitando num corpo
como o próprio esqueleto

de um homem que o tivesse,
e sempre, doloroso,
de homem que se ferisse
contra seus próprios ossos.

Seja bala, relógio,
ou lâmina colérica,
é contudo uma ausência
o que esse homem leva

Mas o que não está

nele está como bala:
tem o ferro do chumbo,
mesma fibra compacta

Isso que não está
nele é como um relógio
pulsando numa gaiola,
sem fadiga, sem ócio
{...}
E mais surpreendente
é sua cultura
medra não do que come
porém do que jejua
{...}
ninguém do próprio corpo
poderá retirá-la,
não importa se é bala
nem relógio ou faca,
{...}
Não pode contra ela
a inteira medicina
de facas numerais
e aritméticas pinças.

Nem ainda a polícia
com seus cirurgiões
e até mesmo o tempo
com seus algodões.

Nem a mão de quem
sem o saber plantou
bala, relógio ou faca,
imagens de furor {...} (MELO NETO, 2001, p. 187-202).

Em 2005, Jorge ressaltara que, apesar do inconsciente se estruturar como uma linguagem⁷¹, “o saber inconsciente – o simbólico – apresenta um ponto de não-saber – real – em torno do qual toda a estrutura orbita: trata-se da diferença sexual que se recusa ao saber” (JORGE, 2005, p. 67). Ele destacara que esse ponto de real em torno da sexualidade se traduz no objeto *a*; e, no campo da linguagem, pela falta de significante que represente a diferença sexual. Assim, apoiado em Freud e Lacan, ele enfatiza que o inconsciente não é todo estruturado como uma linguagem.

Após a publicação de Jorge, Miller (2006-2007), também resgata em Lacan, especialmente no *O seminário, livro 23: O sintoma* (1975-1976/ 2007) seu enunciado da existência de um inconsciente real. No ano seguinte, Colette Soler (2008) também propõe que

⁷¹ O “inconsciente estruturado como linguagem” é uma formulação de Lacan baseada nos estudos freudianos sobre as formações do inconsciente. Tema bastante trabalhado no *Seminário, Livro 5, As formações do inconsciente*, e nos *Escritos*, em *A instância da letra* (LACAN, 1957/ 1998).

a divisão do inconsciente ocorra entre uma parte estruturada como linguagem, saber construído com a articulação significante, pertencente ao campo simbólico; e outra, que seria o próprio núcleo do inconsciente, que ela também chama de inconsciente real. Esse último, seria formada por traços retidos de *lalíngua*. *Lalíngua* é um conceito lacaniano que sintetiza o enxame de cifras de gozo, letras, pelo qual se foi, precocemente, invadido.

2.10 O real no inconsciente- a coisa – *das Ding*

Segundo Soler (2008), é possível ler, a partir do *Seminário, livro 20* (1972-1973/1985), que o sintoma de cada sujeito constitui-se com traços contingentes e sem sentido da fala dos pais, que se inscrevem, no corpo, como letras formando esse núcleo real do inconsciente.

Ela observa que, o inconsciente real é formado por letras que funcionam como imãs, que atualizam, continuamente, as formações do inconsciente simbólico. Soler (2008) chama a atenção para a recomendação de Lacan de que os analistas observem o valor dos significantes privilegiados por cada analisando, pois esses funcionam como envelopes de suas letras, suas cifras de gozo⁷² sem significado, mas que adquirem poder de endereçamento.

As letras, ou traços de gozo, formam o centro nervoso do sujeito. Não obstante lhe serem muito íntimas, parecem-lhe estranhas por pertencerem, desde as primeiras divisões, ao campo do Outro, que Freud chamou de a Coisa, *das Ding*. Desse modo, o núcleo real do inconsciente como fora destacado por Jorge em 2005; ou o inconsciente real, tal como Miller (2006- 2007) resgata em Lacan e que também é indicado por Soler, em 2008, parecem localizar a Coisa.

Dessa feita, a instância do Eu só se separa do objeto guardando certas marcas de linguagem inscritas pelo Outro. Ou seja, pode-se tomar do poema de João Cabral de Melo Neto, ‘faca, bala ou relógio pulsante’, que “ninguém do próprio corpo poderá retirá-la”, como uma belíssima metáfora da dor oriunda dos golpes do simbólico sobre a carne, que caracterizam o ser humano.

⁷² Conceito mais utilizado por Lacan “Inicialmente ligada ao prazer sexual, [...] implica a idéia de transgressão da lei”(ROUDINESCO/ PLON, 1998, p. 299).

2.11 *O falasser*

Assim, diferentemente dos animais, que tem um saber instintual sobre os objetos que os satisfazem, o ser humano é assolado pela pulsão, e desconhece o objeto que o satisfaria. Cada humano depende de alguém que erotize e mapeie seu corpo, através dos cuidados físicos e da linguagem, que combinados são indispensáveis à sobrevivência. A vulnerabilidade e imaturidade do bebê humano fazem com que o Outro tenha função estruturante no psiquismo. Porquanto a estruturação do sujeito pelo outro se faça através da linguagem mesclada aos cuidados físicos, Lacan qualifica a espécie humana como *falasser*.

Ao *falasser* corresponde a pulsão e esse não saber estrutural sobre o objeto que o satisfaria. Em torno desse inconsciente real ou núcleo real do inconsciente se estrutura o inconsciente como linguagem. A pulsão não tem, portanto, um objeto definido capaz de preencher esse não saber intrínseco ao ser falante. O objeto é perdido, estruturalmente impossível, a Coisa. Por isso, o “núcleo do inconsciente é real, é uma falta originária constituída pelo objeto perdido do desejo e é em torno dessa falta que o inconsciente se estrutura, no simbólico, como uma linguagem” (JORGE, 2005, p. 98).

Lacan (1986/1997) considera *das Ding* um vazio íntimo e, ao mesmo tempo, externo, ex-timo, em torno do qual a rede significante se tece. O campo designado como a Coisa permanece como limite entre o real, experiência do sem sentido, e o simbólico, campo plurívoco. Para a Coisa, não há representação simbólica possível, há apenas um vazio, núcleo do real, lugar do Outro primordial, absoluto, miticamente potente e paradoxalmente faltoso que o atrai com uma força decisiva durante toda a vida, como o lugar topológico da satisfação que, caso não fosse impossível, seria absoluta e total.

2.12 A lei da mãe e o Nome-do-pai

“Prematuro ao nascer, como observou Freud, o bebê dependerá dos cuidados recebidos do adulto falante, e muito o ouvirá falar enquanto lhe prodigaliza esses cuidados” (RUDGE, 2006a). Uma vez que o bebê para sobreviver depende totalmente de quem exerce a função materna, ela se apresenta ao bebê como o primeiro representante do grande Outro.

Logo, todo *fallasser* é do ponto de vista lógico, primeiro objeto de desejo e gozo maternos, ou Outro arcaico, primordial.

O gozo materno tem para cada sujeito a força de uma primeira lei, mais arcaica que a instituída, na neurose e na perversão, pelo Nome-do-pai. O Nome-do-pai é um conceito proposto por Lacan, a partir do complexo de Édipo, tal como apresentado por Freud. Representa a Lei simbólica que estabelece um limite, uma barra a esse gozo materno, que devido à vulnerabilidade do *infans*, parece- lhe absoluto.

A lei da mãe, é claro, é o fato de que a mãe é um ser falante, e isso basta para legitimar que eu diga a lei da mãe. Não obstante, essa lei é, por assim dizer, uma lei não controlada. Reside simplesmente, ao menos para o sujeito, no fato de que alguma coisa em seu desejo é completamente dependente de alguma outra coisa, que sem dúvida já se articula como tal, e que é realmente da ordem da lei, só que essa lei está, toda ela, no sujeito que a sustenta, isto é, no bem-querer ou malquerer da mãe, na mãe boa ou má. (LACAN, 1958/ 1999, p. 195).

Morel, citando a passagem acima, traz a hipótese de que o *infans* seria confrontado com o gozo da mãe, que teria para ele “a força de uma lei, louca e singular[...]Desse primeiro assujeitamento, traços [seriam] guardados por toda a vida.”(MOREL, 2007). A lei da mãe, segundo a autora, diz respeito a traços do gozo materno não simbolizados, que “tem status de real” e que reaparecem em citações do sujeito, na análise, independentemente de sua estrutura ser neurótica, psicótica ou perversa.

2.13 O sintoma separador da lei da mãe

Segundo Morel (2007), para separar-se desses traços herdados da mãe e encharcados de gozo faz-se necessário, que um “sintoma separador” seja criado, passando a funcionar como contorno da interdição ao incesto; novidade que é muito custosa ao sujeito: “fabricamos sintomas separadores que são de fato envelopes da única lei universal que a psicanálise reconhece, a interdição do incesto”⁷³ (MOREL,2007).

No entanto, os traços inconscientes que sintetizam o gozo materno, imbricam-se nos significantes que gerenciam esse mesmo sintoma separador. “A lei da mãe[...] é feita de palavras prenhes de prazer ou sofrimento, em suma, de gozo materno, que são transmitidas à

⁷³Livre tradução de: *nous fabriquons dès symptômes séparateurs qui sont en fait l’enveloppe de la seule loi universelle que reconnaît la psychanalyse, l’interdit de l’inceste* (MOREL,2007, 27/8).

criança desde sua mais tenra idade, imprimindo-se para sempre em seu inconsciente, modelando fantasias e sintomas” (MOREL, 2008a, p. 3)⁷⁴. Sua descrição da lei da mãe também nos remete à analogia que propusemos com a *faca* de João Cabral de Mello, que “ninguém do próprio corpo poderá tirá-la [...] nem quem sem o saber plantou” (MELO NETO, 2001, p. 187-202).

A psicanalista argumenta que a não separação da lei da mãe constitui uma patologia gravíssima, mas que aquilo que se constitui como sintoma separador também não deixa de ser uma patologia necessária para o surgimento do sujeito desejante.

A teoria de 1958 [...] não dá um status claro a esta lei da mãe, com frequência retida pela criança sob a forma de palavras maternas fatídicas, não se trata do significante do desejo da mãe, é muito mais um traço de seu gozo e de seu excesso de presença junto à criança (MOREL, UERJ, 27-8-2007)⁷⁵.

Segundo Morel (2008b), o “sintoma separador” constitui-se a partir do encontro do sujeito com a Lei, e caracteriza-se por ser um “envelope” da separação ocorrida em relação ao gozo materno.

Podemos mapear três níveis do sintoma como patologia da lei. Em primeiro lugar, o efeito imposto da linguagem no sujeito faz deste um a-sujeito, em segundo lugar, para se separar deste efeito imposto que toma a forma de uma “lei da mãe”, o sujeito deve constituir um sintoma que envolve a interdição do incesto e que é em si mesmo um fator de sofrimento; ele faz isso com (neurose ou perversão) ou sem o Nome-do-pai (psicose) mas, neste último caso, não é raro que ele ainda assim se apóie em seu pai; em terceiro lugar, este sintoma pode, pelo saber-fazer do sujeito (ou graças à sua análise), se tornar o que Lacan nomeou de *sinthoma* (MOREL, 2008b, p. 147).

2.13.1 O sintoma separador na neurose: a fantasia fundamental

Morel (2007) acredita que o “sintoma separador” paradigmático da neurose seja a fantasia fundamental. Compreendemos a fantasia fundamental como conceito criado por

⁷⁴Livre tradução de: *La loi de la mère[...] est faite des mots noués au plaisir et à la souffrance, bref à la jouissance maternelle, qui sont transmis à l'enfant dès son plus jeune âge et s'impriment à jamais dans son inconscient, modelant fantasmes et symptômes* (MOREL, 2008, p. 3).

⁷⁵Livre tradução de: *La théorie de 1958 [...] ne donne pas un statut clair à cette loi de la mère, souvent retenue par l'enfant sous la forme de paroles maternelles fatidiques, qui n'est pas le signifiant du Désir de la mère, mais plutôt une trace de sa jouissance et de son trop de présence auprès de l'enfant* (MOREL, UERJ, 27-8-2007).

Lacan, para caracterizar uma fantasia inconsciente que estrutura a realidade psíquica, estabelecendo uma relação entre um objeto *a* e um sujeito dividido, $\$ \leftrightarrow a$.

Essa fantasia tem a função de organizar a realidade psíquica frente ao enigma que o desejo do Outro apresenta ao sujeito no momento lógico da castração simbólica. É nessa lógica que se dá a inscrição do significante Nome-do-pai, numa operação chamada metáfora paterna, que corta a mítica completude do sujeito com o objeto que o satisfaria.

Instaura-se assim, a falta, a Lei e o desejo. Essa falta põe em cena, entre o sujeito e o Outro, um terceiro termo que se apresenta como uma incógnita: o desejo do Outro, que aponta para alhures. A criança que se estrutura na neurose passa a recobrir a incógnita do desejo do Outro pelo falo, que indica tanto a falta, como o que lhe completaria. O recobrimento do desejo do Outro pelo falo caracteriza a metáfora paterna. Nesse sentido, a fantasia fundamental se apresenta, como resposta = defesa frente à castração simbólica, restabelecendo sob determinadas coordenadas a relação entre o sujeito e o Outro.

Já na psicose, estrutura clínica que Lacan distingue como aquela na qual o significante Nome-do-pai foi foracluído, o sujeito tenta inventar estratégias para se separar do gozo materno, como, por exemplo, a que ele denominou *sinthoma* a partir de seu estudo de Joyce (LACAN, 1975-1976/ 2007). Morel fornece ainda outro exemplo de sintoma separador num caso com hipótese diagnóstica de psicose. No fragmento clínico, um jovem, apesar do Nome-do-pai foracluído, tenta construir um “sintoma separador”, através de traços provenientes imaginariamente do seu pai. Ela defende a tese que a fantasia fundamental funciona como sintoma separador não exclusivamente nos casos de neurose.

2.13.2 O sintoma formação de compromisso

Creemos ser necessário fazer uma observação relativa ao termo sintoma, tal como apresentado por Freud, dentro do contexto da neurose. Lembramos também que, neste trabalho, nos referimos à neurose tal como abordada por Freud e retomada por Lacan. Isso porque Mario Eduardo Costa Pereira (2010) ressalta que a concepção de neurose nem sempre correspondeu ao significado que tem contemporaneamente:

Em sua forma inicial, as neuroses não abrangiam o campo referencial que designam atualmente, uma vez que não apenas incluíam transtornos de fundamento claramente biológico, como também os fenômenos psicóticos [...] Foi apenas progressivamente

que a concepção contemporânea de "neurose" foi se constituindo e difundindo universalmente [...]Serão os trabalhos de Janet, Breuer e, sobretudo, de Freud sobre a histeria que trarão para a tradição psicopatológica a conotação forte de perturbação psicológica [...]A obra freudiana insistirá quanto à importância do conflito psíquico inconsciente e da dimensão simbólica dos sintomas, permitindo ao sujeito uma realização disfarçada de um desejo incompatível com o restante das representações mentais que esse tem de si mesmo (in: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000100009 em 23/12/ 2014).

Feita essa sinalização, apontamos que sintoma, dentro do campo de uma neurose é o “resultado de um conflito, que surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido. As duas forças que entraram em luta encontram-se novamente no sintoma e se reconciliam” (FREUD, 1916- 1917/ 1996, p. 361). O sintoma, portanto, tenta conciliar forças conflitantes.

Nesse sentido, a expressão “sintoma separador” proposta por Morel parece indicar a tentativa de se separar do Outro e, ao mesmo tempo, de se unir. Observamos, porém que, na neurose, é a castração simbólica que separa, e a fantasia fundamental visa remendar, envelopar, o já cindido. Diferentemente, na psicose, o sintoma separador tenta ele próprio instituir uma separação precariamente realizada.

2.13.3 O sintoma fantasia

O que Morel chama de sintoma separador, na neurose, a fantasia fundamental seria a matriz de todos os outros sintomas. Dentre os diferentes sintomas que um sujeito estruturado na neurose desenvolve ao longo de sua vida, haveria um que seria estruturante, raiz de todos os demais e que seria a fantasia fundamental.

Em 1919, Freud fez um comentário ao analisar a fantasia “*Uma criança é espancada*” que parece autorizar o uso que Morel faz da relação entre sintoma e fantasia: “nos deixa perplexos o fato de que a fantasia surgida na menina tenha igualmente o valor e o significado de um sintoma” ⁷⁶ (FREUD, 1919a/ 2006, p. 199). Merece todo o destaque essa passagem, uma vez que ali ele está abordando justamente a incidência do recalque⁷⁷ sobre a fantasia.

⁷⁶ Livre tradução de: *nos deja perplejos el hecho de que la fantasía surgida en la niña tras la represión tenga igualmente el valor y el significado de un síntoma* (FREUD, 1919a/ 2006, p. 199).

⁷⁷ “A transformação do sadismo em masoquismo parece acontecer por influência do sentimento de culpa que participa no ato do recalque”(FREUD, 1919a/ 2006, p. 191).

Morel (2008a) considera que traços do gozo do Outro permaneçam entranhados na fantasia fundamental, como letras oriundas dessa primeira lei. Ou seja, mesmo depois de instituído o “sintoma separador” o sujeito continuaria confrontado com traços desse gozo, uma vez que estão imiscuídos no “sintoma separador”, apesar de reorganizados pelo Nome-do-Pai na neurose. Em suma, Morel (2008a) pensa que a lei da mãe se mistura à fantasia fundamental, que envelopa a lei da mãe.

Nesse sentido, os três termos - *núcleo real do inconsciente*, *inconsciente real* e *lei da mãe* - parecem fundamentar-se em a Coisa, aquilo que do campo do “complexo do próximo”⁷⁸ carece de simbolização, e é retido no psiquismo com uma força ímpar.

2.14 A castração simbólica

A percepção de que Outro é desejante, portanto, dividido pelo Nome-do-pai, é uma representação intolerável, que denuncia a castração do sujeito e inscreve a castração simbólica. Colette Soler destaca que “o enigma do Outro barrado se atualiza para o sujeito, [...] em duas vertentes: como mistério de seu desejo e como opacidade de seu gozo”(SOLER, 2005, p. 94).

Nesse sentido, permanecem duas vertentes do Outro no psiquismo, coexistindo simultânea como pares antitéticos, Outro completo e Outro atravessado pelo desejo. Essa representação, que põe em jogo o enigma do desejo do Outro, exige uma defesa psíquica. Lacan, em *A significação do falo* (1958/1998), afirma que o significante da falta no Outro é impossível de ser dito, e, não obstante, insiste em tentar se inscrever, exigindo uma defesa inconsciente.

*Che vuoi?*⁷⁹ O que quer o Outro de mim? O que deseja além de mim? O vazio frente ao enigma do desejo do Outro, só pode ser inscrito no inconsciente através de uma resposta inconsciente (JORGE, 2006), seja através da fantasia fundamental, na neurose e na perversão, seja por meio das construções delirantes da psicose. Isso porque no inconsciente não há representação da falta, só há marca do positivo, e uma resposta se impõe ao sujeito diante desse real avassalador, que é o enigma do desejo do Outro.

⁷⁸ Livre tradução de: *el complejo del prójimo*(FREUD, 1950[1895]/2006:377); Complexo do ser humano semelhante (FREUD,1950[1895]/1996, p. 384).

⁷⁹ O que queres?

Essa elaboração lacaniana tem sua raiz nas primeiras observações de Freud relativas ao jogo inventado por seu neto, ainda bebê, que repetia a palavra *for*, ao atirar um carretel para longe e, em seguida, *da*, ao puxá-lo de volta. O fundador da Psicanálise interpretou essa brincadeira como uma tentativa de dar significação à ausência de sua mãe.

Dito de outro modo, ao se interrogar sobre o que falta ao Outro, a dimensão do desejo brota, introduzindo um terceiro elemento entre si e o Outro, que faz surgir uma resposta inconsciente. Contrariamente à lei da mãe, que pressupõe um excesso de presença, o desejo do Outro mostra-se como uma incógnita, que nasce da alternância entre sua ausência e sua presença.

Assim, diante do enigma do desejo do Outro, três defesas estruturais se colocam: o recalque, na neurose; o desmentido, na perversão; e a forclusão, na psicose. Na neurose, escopo desta pesquisa, uma fantasia fundamental se institui fazendo nascer um sujeito dividido pelo desejo numa determinada relação de gozo com um objeto *a*.

2.15 Do proto-sujeito ao sujeito dividido

Em *R. S. I.* (1973-1974, inédito), Lacan afirma que a criança está como causa de desejo da mãe, e localiza a inscrição do proto-sujeito no lugar de objeto, na fantasia de desejo da mãe: $\$ \langle \rangle a$. Esse proto-sujeito, evidentemente, é um sujeito ainda por advir, na medida em que é apenas objeto do Outro. O Outro materno cria uma fantasia, alimentada por seu narcisismo primário, na qual insere o bebê como seu objeto. São essas marcas de gozo que configuram o que Lacan designou de lei da mãe⁸⁰.

Quando o encontro com o enigma do desejo do Outro instaura no *infans* a castração simbólica e uma fantasia inconsciente se impõe como resposta a esse enigma, nasce ali um sujeito dividido pelo desejo frente a um objeto *a*. Dessa feita, o *infans* realiza um percurso que o transporta da submissão absoluta à posição de objeto na fantasia do Outro a construção de uma fantasia inconsciente própria, que corresponde a sua interpretação singular e impar sobre a posição que ocuparia para tamponar o desejo do Outro.

Essa interpretação excêntrica sobre a particularidade do desejo e do gozo do Outro, re-situa, do ponto de vista psíquico, o sujeito (não mais *infans*) em relação ao Outro. O enigma

⁸⁰ (LACAN, 1958/ 1999, p. 195).

do desejo do Outro estabelece uma separação entre o campo do sujeito e o campo do Outro. Entre os dois, o objeto *a*, intersecção.

Essa fantasia ímpar de relação, através da qual o desejo do Outro estaria satisfeito, constitui o axioma da fantasia fundamental. Axioma, na medida em que é um "resíduo imodificável" (MILLER, 1983/ 1987, p.113). É, portanto, dentro desse enquadre da fantasia que emerge o sujeito dividido inserido no campo da neurose. Com a fantasia fundamental o *infans* passa da posição de sujeito por advir - apenas objeto de gozo- à de sujeito, sujeito de desejo, definido pelas coordenadas dessa fantasia.

Já do lado da mãe, que costuma encarnar o primeiro representante do grande Outro, a incidência do Nome-do-Pai, faz com que ela também esteja dividida entre "mãe" - que tem a criança como objeto -; e identificada ao significante mulher, ou mais precisamente, à posição feminina- de objeto de Outro na fantasia.

Ressaltamos, como destacado no primeiro capítulo, que compreendemos a posição feminina em Lacan, como aquela em que se ocupa a posição de objeto do Outro na própria fantasia. É essa condição que permite que a um sujeito se preste a ocupar o lugar de objeto na fantasia do parceiro. Assim, na partilha dos sexos, quem se situa na posição de sujeito fazendo *semblant* de ter o falo ocupa a posição masculina. Quem está arremetido à posição de objeto, ou seja, de *ser* o falo, Lacan o localiza na posição feminina.

Nesse sentido, a divisão de uma mulher em mãe - sujeito desejante que toma o bebê como objeto *a* - e, por outro lado, ocupante da posição feminina - objeto de Outro em fantasia - facilita que a criança saia do aprisionamento absoluto ao lugar de objeto materno, e crie uma interpretação própria sobre o enigma do desejo do Outro. Ou seja, a divisão do Outro materno em mãe e posição feminina, pondo em cena a dimensão do desejo, auxilia a criança a também ser atravessada pelo significante Nome-do-pai e a interrogar-se *Che vuoi?*

A criança tornar-se sujeito dividido pelo desejo, quando atravessada pela Lei que, em contrapartida, organiza uma fantasia inconsciente de desejo. Jorge (2006) enfatiza que a fantasia é uma resposta ao enigma do desejo do Outro.

Assim, uma vez salvo da posição de objeto de gozo do Outro pela brecha através do qual o desejo do Outro lança um enigma, o sujeito inscrito na neurose e na posição feminina fantasia *ser* o objeto falo que completaria o Outro. Portanto, a passagem do proto-sujeito a de sujeito supõe o deslocamento da posição de objeto na fantasia do Outro arcaico, para a posição também de objeto, mas em sua própria fantasia; e frente ao Outro atravessado pelo desejo.

2.16 Constituição do sujeito dividido e do objeto a - o matema da fantasia

Para Lacan (1958/ 1999), na investigação que a criança faz dos porquês das coisas, o que a criança se empenha em saber é qual é o desejo do Outro. E, é a sua interpretação desse desejo do Outro que constitui a fantasia fundamental, fazendo nascer um sujeito dividido e um objeto a , $\$ \leftrightarrow a$. Sujeito dividido e objeto a surgem, na fantasia fundamental, como posições aparentemente antagônicas, mas intimamente ligadas e interdependentes, ambas constituintes da realidade psíquica.

Lacan codificou a fantasia fundamental em um *matema* ou *fórmula* propugnado ao longo da sua obra:

$\$ \leftrightarrow a$

Na qual

- $\$$ corresponde ao sujeito dividido pela castração simbólica, ou seja, pelo complexo de Édipo
- a simboliza o objeto a , que é um contorno daquilo que se apresenta como um vazio íntimo, mas, ao mesmo tempo, externo, “a Coisa” (*das Ding*), termo que Freud utilizou para caracterizar o que no psiquismo carece de simbolização, a saber, o enigma que o desejo do Outro coloca para a criança. O objeto a se constitui como uma borda frente a esse vazio. Situa-se como uma interseção entre o que é do campo da própria criança e o que é do campo do Outro. Interseção que é produzida na experiência da operação psíquica de separação, e que é o produto dessa separação. O objeto a é também o elemento no psiquismo que causa o desejo e é, justamente, frente a ele que se constitui um sujeito de desejo.
- $\leftrightarrow$ indica que existe uma função entre os dois termos, no caso $\$$ e a . Portanto, o valor de um termo depende do outro. Da forma como Lacan formulou o matema $\$$ depende de a , porque $\$$ é função de a , e não o contrário. Logo $\$$ é consequência de a .

Lacan (1964/ 1998) divide o símbolo $\leftrightarrow$ em dois, para indicar momentos psíquicos distintos da constituição do sujeito, a saber, a alienação e a separação.

2.17 A alienação e a separação

No *Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964/1998), Lacan trabalha as duas operações lógicas constitutivas do sujeito dividido, alienação e separação. Tomando o matema da fantasia, $\$ \langle \rangle a$, divide ao meio o elemento $\langle \rangle$. O V inferior corresponde ao *vel* da alienação e o superior, ao *vel* da separação. Como indica a fórmula, as duas operações estão acopladas na neurose.

$\vee$ -corresponde à parte inferior do losango $\langle \rangle$. É o símbolo de união entre dois conjuntos que formam um conjunto comum. Retrata a soma desses dois conjuntos. Na constituição do sujeito, $\vee$ corresponde ao momento lógico anterior ao complexo de Édipo, em que o *infans* e o Outro arcaico estão unidos e indistintos. O subconjunto *infans* e o subconjunto Outro arcaico formam um conjunto único indistinto porque o *infans* se aliena ao gozo e aos significantes que o Outro lhe atribui, à sua lei, seja '*faca, bala ou relógio*'⁸¹ - "lei da mãe" (LACAN, 1958/ 1999, p. 195).

$\wedge$ -corresponde à parte superior do losango $\langle \rangle$. É o símbolo da interseção entre dois conjuntos distintos. Indica a existência de um conjunto novo criado a partir da separação entre o Outro arcaico e o *infans*. A criança, alçada a posição de sujeito dividida entre Lei e desejo, cria inconscientemente uma fantasia em que se insere no enigma do desejo do Outro, mesmo que como dejetos, restos, objetos *a*. Interessa ressaltar que essa área de interseção entre os dois campos, a do objeto *a*, não existia antes do corte instituído pelo enigma do desejo do Outro, que passa a separar os dois campos. O símbolo $\wedge$ indica que a separação se deu e uma resposta inconsciente se constituiu remendando os dois campos em torno do objeto *a*.

$\$ \langle \rangle a$

⁸¹ (MELO NETO, 2001:187 a 202).

Na neurose, alienação e separação estão acopladas e fundam o sujeito de desejo. Ou seja, a dimensão da separação não substitui a de alienação, mas se acopla a ela, como o símbolo $\langle \rangle$ ilustra.

Assim, na alienação, o *infans* se faz representar pelo significante que vem do Outro, que interpreta sua '*lalação*' e desaparece sob a barra significante, deixando-se representar completamente por ele. É importante ressaltar que na separação, o sujeito desejante advém, porém, para sempre como lugar vazio na ordem significante, observa Fink:

O sujeito está eclipsado pela linguagem[...] sendo seu único traço um marcador de lugar ou sinal na ordem simbólica. [...] o processo de alienação produzindo o sujeito como conjunto vazio [...] transforma o nada em algo ao marcá-lo ou representá-lo [...] o sujeito lacaniano está baseado na nomeação do vazio. O significante é o que funda o sujeito (FINK, 1998, p. 75).

Dessa feita, o matema da fantasia $\$ \langle \rangle a$ indica que o sujeito dividido, é efeito do *vel* da alienação e do *vel* da separação. "O que Lacan chama de o *vel* da alienação, comporta uma lógica, a da escolha forçada [...] modalidades {do conector 'ou'} destinadas a definir as formas de conjunção-disjunção do Sujeito com o Outro" (DOUMIT in KAUFMANN, 1996, p. 20-21). O *vel* da alienação caracteriza-se pela impossibilidade de haver dois termos distintos concomitantemente 'tu e eu'. Isso porque, inicialmente, no psiquismo, tudo o que faz parte do Outro materno também faria parte do 'eu real' e vice-versa. Vale dizer, qualquer elemento do eu *ou* do Outro compõe o mesmo conjunto, no qual o *infans* está alienado.

Lacan elucida a passagem da operação de alienação para a de separação com o exemplo medieval de 'a bolsa ou a vida'. Este exemplo indica que se a pessoa, num assalto, escolhe guardar a bolsa, perde os dois, a bolsa e a vida; e se cede a bolsa porque prefere preservar a vida, não estará jamais completo. Portanto, para se tornar sujeito, necessariamente, será preciso alienar algo de si, e o que se perde é o ser, unidade ôntica, que ficará para sempre decepada.

Em síntese, o processo de alienação está pautado na operação de reunião da teoria dos conjuntos, porque o que é do Outro, o significante, passa a ser do sujeito também. Já na separação, evidencia-se a operação matemática de interseção. Isso porque na separação, se constituem psiquicamente dois conjuntos distintos, o sujeito e o Outro, que estabelecem como interseção o campo do objeto *a*, que condensa uma borda erógena pertencente ao campo do Outro, mas que também ao mais íntimo do sujeito.

É nessa operação que o sujeito tenta recuperar nos "objetos da pulsão sua parte de ser perdida, identificando-se ao objeto *a*." (MOREL, 2007). No *Seminário livro 10, A angústia*

(1963/ 2005), Lacan admite que o objeto *a* é uma libra de carne arrancada do corpo do sujeito, e que esse objeto *a* o sujeito, supõe localizado no Outro. “Se o que existe de mim mesmo está do lado de fora, não tanto porque eu o tenho projetado, mas por ter sido cortado de mim, os caminhos que Eu seguir para sua recuperação oferecerão uma variedade inteiramente diferente” (LACAN, 1963/ 2005, p. 246).

Pensamos que a fantasia fundamental seja exatamente essa tentativa de recuperar a libra de carne, o objeto *a*. Ainda no *Seminário livro 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/ 1998), Lacan trabalha a etimologia de separar, partindo de *se parare*, passando por “munir-se do necessário para pôr-se em guarda”, até chegar à palavra em latim que designa engendrar, ‘pôr no mundo’, parir.

Assim, o sujeito atravessado pela operação de separação ‘engendra’, ‘cria’, ‘põe no mundo’ uma interpretação própria do que seria o desejo do Outro. Interpretação que o ‘mune do necessário’ para sobreviver psiquicamente apartado do Outro.

Acreditamos que, nos casos de neurose, a operação de separação, através da qual o *infans* deixa de ser, exclusivamente, objeto de gozo do Outro e se constitui como sujeito de desejo, seria a fantasia fundamental. Não é à toa que Lacan executa a sua análise a partir do matema da fantasia, a . Quando acopladas, separação e alienação parecem indicar precisamente o momento de constituição da fantasia fundamental.

2.18 A metáfora paterna

A realidade material, ou dita objetiva, não é algo comum para todos os sujeitos falantes: cada sujeito estabelece uma relação com o mundo e com os outros por meio de uma fantasia particular, advinda para ele no momento mesmo de sua constituição e tendo, portanto, uma íntima relação com o recalamento originário (JORGE, 2006, p. 68).

No *Seminário, livro 5, As formações do inconsciente* (1957-1958/ 1999), Lacan afirma que a metáfora paterna consiste na substituição do enigma que o desejo do Outro materno coloca para a criança pelo significante Nome-do-Pai. Jorge (2003), seguindo Lacan, sustenta

que a metáfora paterna é a operação simbólica mais eficaz para frear a pulsão de morte, porque promove o recalque originário, que passa a ser encoberto pela fantasia inconsciente $\$<a$. “A instauração da fantasia fundamental é o principal efeito produzido pelo recalque originário” (JORGE, 2006, p. 65). Logo, se o significante Nome-do-Pai passou a operar, dividindo o eu em sujeito dividido e objeto a , localizando numa fantasia o seu gozo sexual particular, pode-se concluir que é porque o recalque originário se efetivou.

No idioma francês há uma homofonia entre a versão do pai e a perversão, essa do sujeito. A introdução da função paterna produz uma nova versão de relação com o Outro, *père-version*, que caracteriza a particularidade de cada sujeito de desejo, no campo da neurose e da perversão. Pensamos que a fantasia fundamental acople na particularidade da relação $\$<a$ as letras oriundas da lei da mãe. Munida da sua fantasia inconsciente e, portanto, da referência ao falo, a criança entra assim no laço social como sujeito de desejo.

Crucial destacar que quando Lacan nomeia objeto a como aquele, que causa o desejo, o faz ressaltando seu aspecto de falta, de negativo, já que eleé para cada sujeito, uma representação do objeto impossível, a Coisa.

2.19 O objeto proibido e o objeto impossível

Na esteira de Freud e Lacan, Jorge (2005) diferencia objeto proibido e objeto impossível. Alerta que o objeto impossível, a Coisa, é recoberta pelo objeto a . “Os elementos a , elementos imaginários da fantasia, vêm recobrir, engodar o sujeito no ponto mesmo de *das Ding*” (LACAN, 1986/ 1997, p. 126). Assim o objeto a , alude ao objeto impossível, a Coisa, transformando-o em proibido.

Jorge observa que, após a metáfora paterna, o Outro materno transforma-se em um objeto proibido pela Lei do incesto. Mas esse objeto proibido apenas representa aquele que de fato é impossível, uma vez que inexiste estruturalmente. Para ele, a Lei do incesto transforma um objeto impossível, a Coisa, em proibido. Criando um invólucro de ‘proibido’ numa impossibilidade estrutural, se dá a ancoragem do sujeito no falo.

De acordo com Jorge (2006), a fantasia fundamental é a expressão da transformação da pulsão de morte em pulsão de vida, *Eros*; uma vez que articula o sem sentido com o simbólico; e a pulsão com o inconsciente. Além disso, visando resgatar a completude perdida, a fantasia costura sexualidade com linguagem através de uma frase estrutural para o

sujeito que desmente a castração do Outro. O sujeito se vê assim engendrado no desejo enigmático do Outro mesmo que como um resto.

Dito de outro modo, a partir do complexo de Édipo, a fantasia passa a fazer obstáculo à pulsão de morte, amalgamando prazer e desprazer (JORGE, 2003), substituindo, ao menos em parte, o gozo mortífero, próprio à posição de objeto de gozo materno do *infans* - por gozo fálico, sexual. A fantasia fundamental indica, portanto, na neurose e na perversão, o ponto mais sintético de gozo de um sujeito, seu sintoma estrutural, a partir do qual uma repetição rege como uma Lei à articulação entre a sua castração e o objeto causa de seu desejo. Dito de outro modo, apesar de todo sujeito falante ser sujeito do inconsciente, marcado, no corpo, por significantes advindos do Outro, para que o sujeito de desejo advenha, é necessário que a operação da metáfora paterna [ou incidência do Nome-do-pai] ocorra, introduzindo a Lei, o desejo e o recalque.

Na operação do recalque originário, o significante Nome-do-pai vem substituir o desejo da mãe (em seu duplo genitivo, subjetivo e objetivo) e funciona para o sujeito como um Não⁸² ao gozo absoluto – doravante considerado como impossível - e um Sim simultâneo de possibilidade de acesso ao gozo fálico, parcial, que é o gozo propriamente dito sexual. O sujeito do gozo é assim substituído pelo sujeito do significante, o qual tem também, por sua vez, um certo acesso ao gozo, mas um gozo parcial, recortado pelos significantes e emoldurado pela fantasia, o que Lacan nomeia de gozo fálico (JORGE, 2006, p. 64).

Lacan (1963/1998) faz uma subversão da clássica relação entre sujeito ativo e objeto passivo. Propõe que o objeto *a* seja o elemento ativo e o sujeito aquele que se deixa causar pelo objeto. A relação entre o objeto *a* e o sujeito dividido inscrita na fantasia singular de cada um passa a ser a lente através da qual o mundo é percebido e interpretado. Isso porque diante do vazio de significação quanto ao desejo do Outro, uma interpretação inconsciente se impõe sobre o objeto que cada um seria na relação com o Outro. Essa interpretação recobre o que antes era um vazio e estabelece essa forma particular de conexão entre um sujeito dividido e um objeto *a*.

⁸² Daí o valor atribuído por Lacan à homofonia, na língua francesa, entre *nom*, nome, e *non*, não.

2.20 O objeto resto da castração simbólica é retido na fantasia

A criança ejetada pela castração simbólica de uma mítica simbiose com o Outro identifica-se a um objeto *a* na fantasia, onde se mantém psiquicamente fixada, posição subjetiva que lhe permite fantasmaticamente ser incluída numa relação de gozo com ele. “Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo. Assim, a divisão imanente ao desejo já se faz sentir por ser experimentada no desejo do Outro” (LACAN, 1958/1998, p.700). Se por um lado, o Outro materno introduz em seu discurso a função paterna, graças ao valor que atribui à palavra de um terceiro; a importância da função paterna está diretamente ligada a sua capacidade de direcionar o desejo da mãe para si, apontando para a criança que é neste limite que esbarra seu desejo.

Após a castração simbólica, toda significação passa a ser fálica e a apontar para o sexual. Ou seja, a partir da inscrição do Nome-do-Pai, o sujeito adentra a reivindicação fálica e uma fantasia fundamental é recalcada. Nela, a completude é restabelecida através da relação criada entre um sujeito dividido e um objeto *a*, que passa, a ser a janela pela qual o sujeito percebe o mundo externo. A realidade psíquica é formada, por conseguinte, a partir desse véu que recobre uma falta estrutural com uma fantasia que lhe é particular.

Tal fantasia é construída em íntima relação com o enigma do desejo do Outro, o *Che vuoi?*, cuja questão será respondida pelo sujeito com uma construção fantasística primordial, que constitui uma verdadeira matriz a partir da qual o sujeito vai desenvolver todas as suas relações com seus semelhantes e o mundo a sua volta. (JORGE, 2006, p. 64).

Na fantasia, significantes copulam, estabelecendo uma relação fálica entre um objeto *a* e sujeito dividido, que se supõe engendrado no desejo enigmático do Outro como um resto. A “famosa divisão que nos guia, a partir de um certo momento, pelos três tempos em que o S, sujeito ainda desconhecido, tem que se constituir no Outro, e nos quais o *a* aparece como resto dessa operação” (LACAN, 1962-1963/ 2005, p. 296). O objeto *a* é resto da operação que divide o sujeito, resto da castração simbólica e, por isso, é causa de desejo no enquadre fantasmático.

2.21 A posição do sujeito que visa satisfazer ao desejo e ao gozo do Outro

A fantasia fundamental é recalcada e, portanto, inconsciente, construída em análise como uma hipótese. A fantasia recobre a castração simbólica, na medida em que, nela, o sujeito fica identificado ao objeto que supõe proporcionaria o gozo ao Outro. Suspeitamos que, a partir do advento da fantasia fundamental, o Eu adquira um novo contorno, se dividido em sujeito castrado e em objeto *a* que se relacionam. Ana Maria Rudge lembra que este “Eu da chamada segunda tópica é tanto sujeito como objeto” (RUDGE, 1996, p. 82).

A fantasia seria, portanto, a interpretação mais axiomática do sujeito relativa ao que satisfaria ao desejo e ao gozo do Outro. Corresponde à construção simbólica, imaginária e real, na qual o sujeito se oferece como objeto, que apesar de ejetado do Outro, cujo desejo aponta para um terceiro lugar, se coloca ali como objeto *a* retido e remendado de gozo do Outro. “Tanto na histeria como na neurose obsessiva, [...] a fantasia [permite] que o Outro apareça completo [...] manejar as coisas de modo que o Outro apareça, por exemplo, como dono e senhor de seu desejo, o que equivale também a que não tenha desejo”⁸³ (MILLER, 1984/1986, p. 37).

Essa fantasia, uma vez instituída, passa a regular o desejo e o gozo sexual do sujeito dela advindo. Por isso, o que se mantém constante no gozo sexual de um sujeito é a estrutura axiomática de sua fantasia. Ela é irreduzível porque é a estrutura que sustenta o sujeito, enquanto sujeito de desejo. A fantasia fundamental é justamente esse axioma que rege o gozo sexual, impondo-se ao Eu como a congruência entre o que lhe é mais íntimo, seu desejo, e o que lhe é mais estranho, seu gozo. “Desenvolvemos a hipótese segundo a qual há uma relação intrínseca e particular entre a fantasia e o gozo: a fantasia é uma forma de possibilitar o acesso ao gozo fálico do objeto, perdido por definição” (JORGE, 2006, p. 69). Como já mencionado, a fantasia fundamental brota da confluência da pulsão de morte com a incidência da metáfora paterna, que faz emergir um gozo fálico, parcial e sexual que conserva a pungência da pulsão, através da compulsão à repetição que comanda as metonímias da fantasia. Metonímias, na medida em que a estrutura da fantasia é recoberta por variações próprias à associação significantes, mas que conservam intacto seu cerne axiomático.

⁸³ Livre tradução de: “tanto en la histeria como en la obsesión, el tratar de manejar el fantasma de manera que el Otro aparezca como completo[...]manejar las cosas de modo que el Otro aparezca, por ejemplo, como dueño y señor de su deseo, lo que equivale también a que quede sin deseo” (MILLER, 1984/1986: 37).

2.22A fantasia fundamental e as estruturas clínicas

A fantasia fundamental inconsciente seria uma especificidade de determinada estrutura clínica, ou se ela seria uma defesa comum as três, diante do enigma do desejo do Outro? Às três diferentes estruturas clínicas - psicose, neurose e perversão-, corresponderiam fantasias inconscientes de natureza distintas, porém sempre matrizes estruturais sobre um vazio?

O verbete fantasia, no dicionário da Enciclopédia Britannica (1983), traz entre outros significados um que merece destaque: "variação mais ou menos desenvolvida, sobre um trecho de música ou ária, segundo o capricho do artista". Laplanche e Pontalis (2001) definem fantasia como "roteiro imaginário em que o sujeito está presente, e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo[...] inconsciente" (LAPLANCHE/PONTALIS, 2001, p. 169). Eles enumeram três naturezas principais de fantasias. "As fantasias apresentam-se sob diversas modalidades: fantasias conscientes ou sonhos diurnos; fantasias inconscientes como as que a análise revela, como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto; fantasias originárias"⁸⁴ (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 169). Os autores, no verbete fantasia, destacam um trecho de Freud, em *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905):

As fantasias claramente conscientes dos perversos[...]; os temores delirantes dos paranóicos que são projetados sobre os outros com um sentido hostil-; as fantasias dos histéricos-[...], todas essas formações coincidem no seu conteúdo até os mínimos detalhes" (FREUD, 1905). Em formações imaginárias e estruturas psíquicas tão diversas como as que Freud designa aqui, podemos encontrar um mesmo conteúdo e uma mesma estrutura, conscientes ou inconscientes, atuados ou representados, assumidos pelo sujeito ou projetados sobre outrem (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 172).

A partir dessa observação dos autores, de que Freud empenhou-se em indicar a proximidade entre as diversas naturezas de fantasia, que teriam a mesma estrutura, cabe perguntar: poder-se-ia afirmar que nas três estruturas clínicas, o sujeito tenta, com maior ou menor sucesso, defender-se do gozo mortífero através de uma fantasia fundamental inconsciente? Dar-se-ia a organização psíquica do sujeito necessariamente através de uma fantasia fundamental inconsciente, inclusive na paranóia? Jean-Michel Ribettes parece tomar essa possibilidade como fato, como indica o trecho abaixo.

⁸⁴ Fantasias originárias (*Urphantasien*) dizem respeito ao patrimônio universal de fantasias compartilhadas.

Se Joyce soube, por sua escrita, remediar a forclusão do significante paterno, podemos deduzir de seu voto célebre – o de que os universitários se ocupem dele durante trezentos anos [o que equivale ao voto de fazer falar de si e de fazer pronunciar seu nome] – que sua fantasia fundamental, de certa forma, se relacionava com a voz; o que poderia ser enunciado desta forma: *fala-se dele, Joyce* (RIBETTES, 1985, p. 121).

Então, o que Lacan propõe como fantasia fundamental seria uma defesa comum às três estruturas clínicas? Ribettes adverte, com razão que, na psicose, “longe de ser um freio ao gozo - o que é sua função estruturante -, a fantasia na sua forma psicótica determina a invasão do sujeito por um gozo desenfreado” (RIBETTES, 1985, p. 115). Se a fantasia determina o gozo, pode-se supor que ela, na psicose, tenha outra função que não a de frear o gozo? Ou sua função seria a mesma, apesar de seu eventual fracasso em circunscrever o gozo, deixando o sujeito ser por ele todo invadido? A falta de eficácia da fantasia, na psicose, para efetivamente barrar o gozo do Outro, impõe que sua função seja outra? Ou, ao contrário, a função se manteria, aí também, determinando a forma imaginária de invasão do gozo mortífero, a saber, a estrutura do delírio que, como advertiu Freud, é tentativa de cura em relação ao gozo de pura pulsão de morte?

Acreditamos que a fantasia inconsciente no delírio paranóico seja, também, tentativa imaginária, de delimitação do gozo do Outro e, nesse sentido, não deveria ser denominada fundamental. Na construção civil, há diferença entre o que é alicerce, fundação, base sobre a qual se apóia a edificação; e, por outro, uma coluna construída posteriormente para tentar remediar um desmoronamento.

A fantasia fundamental na neurose parece sustentar a realidade psíquica do sujeito e sintetizar aquilo que lhe é mais particular. Corresponde à base estrutural sobre a qual se apóiam todos os deslizamentos metonímicos do desejo. O delírio psicótico, por outro lado, só se constitui numa tentativa de reorganizar a realidade psíquica que começa a se esfacelar. Ele é uma fantasia privilegiada para o sujeito na psicose, mas é contingencial, não está lá, como na neurose, fundando o sujeito dividido e regulando seu gozo fálico, sexual. Na psicose, o sujeito está tomado pelo gozo do Outro.

Nesse sentido, apesar de entendermos que nas três estruturas clínicas - neurose, psicose e perversão - as diferentes naturezas de fantasia inconsciente tenham em comum, não apenas “a mesma estrutura”⁸⁵, mas também a mesma função: tentar, com mais ou menos sucesso, delimitar a pulsão de morte, consideramos necessário destacar que, diferentemente

⁸⁵ (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001: 172).

da psicose, na neurose, ela se impõe desde cedo, na travessia do complexo de Édipo, como alicerce psíquico do sujeito de desejo.

Não pretendemos esgotar essa discussão, mas apenas indicá-la, permanecendo no escopo da pesquisa, que se limita à neurose.

2.23 As três dimensões da fantasia fundamental

A partir da sua leitura de Lacan, Ribettes aponta no campo psicanalítico três dimensões da fantasia: “- a que se observa, imaginária, [...]; - a que se deduz, simbólica, [...]; - e a que se impõe, real” (RIBETTES, 1985, p. 110). Na primeira, imaginária, estariam imiscuídos os devaneios, fantasmagorias e “encenações narcísicas”. Segundo Ribettes, a fantasia fundamental mantém com o estágio de espelho uma relação próxima. Deduz-se, portanto, que a fantasia intervém na configuração do Eu e do narcisismo secundário.

Na sua segunda dimensão simbólica, a fantasia mantém uma “gramática do inconsciente”⁸⁶.

A fantasia aparece dentro dessa escrita como a montagem gramatical de uma imagem essencial, à qual se refere o objeto real da pulsão. Ela representa – para dar uma outra definição – a estrutura significante da qual se veste o objeto real para suportar o desejo dentro das suas condições de metonímia (RIBETTES, 1985, p. 114).

Já a terceira dimensão da fantasia, a real, é a que impõe a repetição do mesmo. Ou seja, uma das características do real é o retorno sempre ao mesmo lugar⁸⁷, apesar da condição metonímica do desejo. Dessa feita, apesar do desejo ter uma dimensão metonímica, ele também é regido por um axioma de gozo, no qual o sujeito se encontra estruturalmente fixado, “repetição significante, mas também repetição de gozo [pelo que a pulsão de morte se encontra reatada à cadeia significante] (RIBETTES, 1985, p. 116).

Nesse mesmo sentido, o autor ressalta a dimensão real do objeto *a*, “parte que resta não simbolizada do falo [...] restitui a conexão do sujeito com o real” (RIBETTES, 1985, p. 116). E, é por causa desse resto de gozo que a fantasia se repete.

⁸⁶ (RIBETTES, 1985:113).

⁸⁷ (LACAN *apud* RIBETTES, 1985:113).

3 A FANTASIA EM FREUD

Esse capítulo toma como desafio demarcar arqueologicamente as elaborações freudianas referentes à fantasia; desde suas primeiras observações até a apresentação da fantasia *Uma criança é espancada* (1919a/ 2006). Terminamos o capítulo ressaltando o valor atribuído por Lacan a essa fantasia: *depois dela tudo o que foi escrito é mera miudeza* (LACAN, 1957-1958, p. 230).

Em *Comunicação Preliminar* (1893/ 1996), Freud e Breuer desconfiam de que as causas da neurose apontam para a infância. Em 1895, no *Projeto para uma psicologia científica*, Freud liga a neurose à sexualidade infantil. Nessa época, porém, ele ainda acreditava que a patologia fosse oriunda de alguma sedução sofrida, que teria precipitado a sexualidade infantil a passar de um estado latente ao ativo. Por essa razão, nas notas introdutórias aos *Três ensaios da teoria sexual* (1905), o editor inglês James Strachey comentou que, até 1897, a “pedra angular” da Psicanálise não havia ainda sido descoberta.

Em 1897, afirmando não mais acreditar “em minha neurótica” (FREUD, 1897a/ 1996, p. 309), Freud abandona a teoria da sedução infantil, dando um passo decisivo quanto ao que se tornaria um dos objetos mais importantes da Psicanálise, o universo da fantasia. Ela é alçada ao estatuto de realidade psíquica e compõe a base sobre a qual se organizam os sintomas e os ataques histéricos.

Freud começa a explorar o tema das fantasias em inúmeros artigos: em *Gradiva* (1907 [1906]/1996), *Escritores criativos e Devaneios* (1908 [1907]/ 2006); *As teorias sexuais das crianças* (1908c/ 2006); *Romances familiares* (1909 [1908]b/ 2006); *Apreciações gerais sobre ataques histéricos* (1909 [1908]a/ 2006) e em *Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade* (1908a/ 2006). Em nota de apresentação desse último artigo, o editor inglês James Strachey observa que “o assunto das fantasias parece ser o tema dominante na mente de Freud na época deste artigo” (STRACHEY in: FREUD, 1908a/ 1996:147). Aprendemos com Freud que o desejo está articulado à singularidade da fantasia de cada sujeito, e que há uma ligação importante entre os sintomas histéricos e essas fantasias inconscientes.

Em 1908a/ 2006, Freud associa também os devaneios diurnos às fantasias inconscientes. Ele diz: “Esses devaneios são investidos com grande interesse, são cultivadas

com cuidado e, com frequência, guardados com vergonha, como se pertencessem ao patrimônio mais íntimo da personalidade”⁸⁸ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 142).

3.1 Fantasias inconscientes e Devaneios

Devaneios e fantasias inconscientes podem adquirir uma abrangência e uma força surpreendentes. Freud (1908a/ 2006) descreve o relato de uma de suas analisandas, a quem ele pedira que observasse suas fantasias. Ela lhe conta que andava na rua, quando repentinamente começou a chorar. Refletindo sobre a causa de sua tristeza, lhe ocorre uma *fantasia*: ela começara um relacionamento amoroso com um importante pianista de sua cidade – a quem nem sequer conhecia pessoalmente - e tivera um filho com ele, sendo, em seguida, abandonada com o filho na miséria. Nesse desdobramento da fantasia, começou a chorar.

Através desse recorte clínico, pode-se vislumbrar o efeito da fantasia na vida emotiva da pessoa. Embora ela própria, ao sentir a profunda tristeza e ao começar a chorar não tivesse atribuído grande valor ao devaneio que lhe acometera e tenha precisado fazer um esforço para recuperá-lo, seus efeitos se fizeram presentes na tristeza que continuava a lhe acompanhar. Foi graças ao fato de estar em tratamento psicanalítico que a fantasia motivadora pôde voltar a se tornar acessível à consciência tão celeremente. “Todos os ataques que se pôde investigar até agora provaram ser aqueles sonhos diurnos de involuntária irrupção”⁸⁹ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 142).

Com efeito, a observação não deixa dúvida alguma: existem fantasias inconscientes e conscientes, e assim como se tornaram inconscientes podem tornar-se patogênicas, vale dizer, expressar-se em sintomas e em ataques. Em certas circunstâncias favoráveis, no entanto, é possível capturar com a consciência alguns destes últimos⁹⁰ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 142).

⁸⁸ Livre tradução de: “*Esos sueños diurnos son investidos con un interés grande, se los cultiva con esmero y las más de las veces se los reserva con vergüenza, como si pertenecieran al más íntimo patrimonio de la personalidad*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 142).

⁸⁹ Livre tradução de: “*Todos los ataques histéricos que he podido indagar hasta ahora probaron ser unos tales sueños diurnos de involuntaria emergencia*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 142).

⁹⁰ Livre tradução de: “*En efecto, la observación no deja subsistir duda alguna: de estas fantasías, las hay tanto inconscientes como conscientes, y tan pronto como han devenido inconscientes pueden volverse también patógenas, vale decir, expresarse en síntomas y ataques. En circunstancias propicias, empero, es posible capturar con la conciencia algunas de estas últimas*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 142).

Como exposto, Freud (1908a) conecta devaneios e sonhos diurnos às fantasias inconscientes. Ressalta que podem passar de conscientes a inconscientes, sem obstante perderem o poder e a influência expressa em sintomas, ataques histéricos e conversões. Isso porque Freud (1908a) descobre que sintomas, ataques histéricos e conversões têm estreita relação com a vida sexual do sujeito, cuja satisfação é composta por essa solda, que mantém amalgamada a atividade física à “evocação de uma fantasia”.

A fantasia inconsciente mantém um vínculo muito importante com a vida sexual da pessoa, na verdade, é idêntica à fantasia que lhe serviu para sua satisfação sexual durante um período de sua masturbação [que...] se compunha nessa época de duas partes: a evocação da fantasia e, sobre ela, a operação ativa de auto-satisfação. Como se sabe, essa composição constitui uma solda”⁹¹ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 142).

A solda entre a atividade física que conduz à satisfação e a fantasia inconsciente é extremamente poderosa, e provavelmente é o motivo pelo qual o sujeito se envergonha de suas fantasias e as acalenta “como seu bem mais íntimo” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 137).

Essa atividade se fusiona a uma “*representação - desejo*” tomada do círculo de amor objetual, que serviu para realizar de uma maneira parcial a situação na qual aquela fantasia culminava. Quando a pessoa renuncia a essa satisfação onanista e fantasiada, a fantasia consciente, torna-se inconsciente”⁹² (FREUD, 1908a/ 2006, p. 143).

A força e a abrangência da fantasia inconsciente são tão importantes que Freud (1908a) insiste que aqueles que se interessam pela psicanálise retirem sua atenção principal dos sintomas e a dirijam à fantasia, pois nela concentra-se a “representação – desejo”. Essa fórmula freudiana (1908a) “representação – desejo” provavelmente serviu de base para o matema lacaniano $\$ \leftrightarrow a$ (1966-1967).

⁹¹ Livre tradução de: “*La fantasía inconciente mantiene un vínculo muy importante con la vida sexual de la persona; en efecto, es idéntica a la fantasía que sirvió para su satisfacción sexual durante un período de masturbación. El acto masturbatorio (en el sentido lato: onanista) se componía en esa época de dos fragmentos; la convocación de la fantasía y la operación activa de autosatisfacción en la cima de ella. Como es sabido, esta composición consiste una soldadura*” (FREUD, 1908a/ 2006: 142).

⁹² Livre tradução de: *esa acción se fusionó con una representación – deseo tomada del círculo del amor objeto y sirvió para realizar de una manera parcial la situación en que aquella fantasía culminaba. Cuando logo la persona renuncia a esta clase de satisfacción masturbatoria y fantaseada, la fantasía de conciente que era, deviene inconciente*” (FREUD, 1908/ 2006: 143).

3.2 Fantasia e teorias infantis sobre a sexualidade

Por perceber uma importante ligação entre as concepções sexuais infantis e a etiologia da neurose, Freud (1908c/2006) dedica-se a conhecer melhor tais teorias e a enumerá-las. Quais sejam: 1- *As crianças pequenas atribuem a todos os seres humanos, inclusive às mulheres, um pênis*⁹³; 2- *Também crêem que o filho cresce na barriga [...] e sai pela única via possível, a abertura do intestino*⁹⁴; 3- *As crianças têm uma concepção sádica do coito*. Frequentemente aliam a essa teoria a percepção de uma troca constante de palavras rudes entre os pais como elucida a passagem a baixo.

Outras vezes, porém, a relação conjugal brinda a criança atenta com o espetáculo contínuo de uma querela, que se expressa em palavras raivosas e gestos hostis. E, então, não é de se surpreender que a criança suponha que esta situação persista durante a noite, ocasião em que seriam empregados os mesmos métodos que a criança está acostumada a usar quando se zanga com seus irmãos ou com seus companheiros de brincadeira⁹⁵ (FREUD, 1908c/ 2006, p. 197).

Freud (1908c/2006) elucida que, muito antes da puberdade, todas as crianças dedicam-se à investigação de questões sexuais, mais especificamente a descobrir *o que os pais fazem quando estão juntos e de onde saem os bebês*. Contudo, depressa percebem que, nessas questões, não podem confiar inteiramente nas respostas que os adultos lhes dispensam, pois notam o mal-estar provocado por suas investigações. Dessa forma, um conflito psíquico se configura, uma vez que as questões sobre as quais a sua “predileção pulsional se interessa não são <corretas> para os adultos [...] constituiu-se assim o complexo nuclear”⁹⁶ (FREUD, (1908c/2006, p. 191).

Atento às construções do universo infantil e às associações livres dos analisandos, Freud percebe que há uma perpetuação na vida adulta de determinadas teorias infantis que,

⁹³ Livre tradução de: “atribuir a todos los seres humanos, aun a las mujeres, un pene” (FREUD, 1908c/2006, p. 192).

⁹⁴ Livre tradução de: “el hijo crece en el vientre [...] y es sacado de ahí, ello ocurría por la única vía posible: la abertura del intestino” (FREUD, (1908c/2006, p. 192).

⁹⁵ Livre tradução de: “Otras veces, aun, el matrimonio entero brinda al atento niño el espectáculo de una querella continua, que se expresa en palabras airadas y ademanes inamistosos, y entonces a él no podrá asombrarle que esa querella persista también de noche y se zanje con los mismos métodos que el niño está acostumbrado a emplear en su trato con sus hermanitos o sus compañeros de juego” (FREUD, 1908c/ 2006, p. 197).

⁹⁶ Livre tradução de: “ocasión de un <conflicto psíquico> pues unas opiniones por las que sienten una predilección pulsional pero no son <correctas> para los grandes” (FREUD, 1908c/2006, p. 191).

por sua vez, mantém uma ligação importante com diversas manifestações patológicas. Essas teorias infantis também podem ser designadas como *fantasias*, na medida em que são construções pessoais, variações sobre o enigma da sexualidade.

3.3 Conexões entre fantasia, sintoma e ataque histérico

Em 1908, Freud a salienta que os desafios para compreender um ataque histérico são semelhantes aos encontrados na interpretação dos sonhos. Primeiramente, porque um ataque costuma ser a condensação de várias fantasias superpostas, frequentemente de caráter muito diferentes. Em segundo lugar, porque não é nítida a relação encenada entre as duas pessoas que emergem na fantasia, vale dizer, por identificação múltipla⁹⁷ (FREUD, 1909 [1908]a/ 2006, p. 208).

Uma terceira dificuldade, apontada por Freud (1909 [1908]a), para a compreensão dos ataques histéricos é fruto do trabalho da instância repressora, que desfigura inervações importantes, muitas vezes, fazendo com que expressem precisamente o contrário de sua motivação original.

Outro complicador, que visa igualmente descaracterizar o material recalcado, é a inversão da sequência temporal. A pessoa que relata um ataque histérico pode sofrer a perda da consciência, porém, tal como ocorre na satisfação sexual, há uma descarga motora de determinada fantasia inconsciente. Só depois da descrição da perda de consciência, a pessoa consegue, às vezes, relatar um fragmento do elemento disparador: uma lembrança de um homem se aproximando, ou qualquer fator aparentemente absolutamente incapaz de provocar o ataque. A inversão da sequência temporal também visa burlar a censura, assegura Freud (1909 [1908]a).

A importância de nos determos nos estudos de Freud sobre os ataques e demais sintomas histéricos reside na luz lançada por ele sobre a raiz dessas manifestações: a fantasia. Através das anamnese de vários analisandos, Freud toma conhecimento de diferentes estágios dos ataques:

- a) satisfação auto-erótica sem conteúdo de representação; b) enlaçada a uma fantasia que desemboca na ação de satisfação; c) renuncia à ação conservando a fantasia; d) recalque (esforço de vencer) essa fantasia, que em breve irrompe em ataque

⁹⁷ Livre tradução de: “la enfermaprocuraponer en escena las actividades de las dos personas que emergen en la fantasía, vale decir, por identificación múltiple” (FREUD, 1909 [1908]a/ 2006: 208).

histérico, seja inalterada, seja transformada e adaptada a novas impressões vitais [...] ação de satisfação, que lhe corresponde e que em vão se tentou extirpar”⁹⁸ (FREUD, (1909 [1908]a/ 2006, p. 210).

Em 1908a, Freud apresentou ainda uma série de nove fórmulas sobre os sintomas histéricos:

- 1ª – “O sintoma histérico é um símbolo mnêmico de [...] vivências <traumáticas> eficazes”⁹⁹ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 144);
- 2ª – “O sintoma histérico é o substituto, produzido mediante conversão, do retorno associativo dessas vivências traumáticas”¹⁰⁰ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 144);
- 3ª – “O sintoma histérico é [...] expressão de uma realização de desejo”¹⁰¹ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 144);
- 4ª – “O sintoma histérico é a realização de uma fantasia inconsciente ao serviço da realização de um desejo”¹⁰² (FREUD, 1908a/ 2006, p. 145);
- 5ª – “O sintoma histérico serve à satisfação sexual e figura como parte da vida sexual da pessoa”¹⁰³ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 145);
- 6ª – “O sintoma histérico corresponde ao retorno de uma modalidade de satisfação sexual que foi real na vida infantil e desde então foi reprimida”¹⁰⁴ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 145);
- 7ª – “O sintoma histérico nasce como um compromisso entre dois afetos opostos, uma dos quais se empenha em expressar uma pulsão parcial ou um dos componentes da constituição sexual, enquanto o outra se esforça para sufocá-la”¹⁰⁵ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 145);

⁹⁸ Livre tradução de: “a) *satisfacción autoerótica sin contenido de representación; b) engarzada a una fantasía que desemboca en la acción –satisfacción; c) represión {esfuerzo de desalojo} de esa fantasía, que luego se abre paso en el ataque histérico sea inmodificada, sea modificada y adaptada a nuevas impresiones vitales y, e) [...] acción- satisfacción que le corresponde, que en vano se intento desarraigar*” (FREUD, (1909 [1908]a/ 2006, p. 210).

⁹⁹ Livre tradução de: “*El síntoma histérico es el símbolo mnémico de ciertas [...] vivencias <traumáticas> eficaces*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 144).

¹⁰⁰ Livre tradução de: “*El síntoma histérico es el substituto, producido mediante conversion, Del retorno asociativo de esas vivencias traumáticas*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 144).

¹⁰¹ Livre tradução de: “*El síntoma histérico es [...] expresión de un cumplimiento de deseo*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 144).

¹⁰² Livre tradução de: “*El síntoma histérico es la realización de una fantasía inconciente al servicio del cumplimiento de deseo*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 145).

¹⁰³ Livre tradução de: “*Le síntoma histérico sirve a la satisfacción sexual y figura una parte de la vida sexual de la personal*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 145).

¹⁰⁴ Livre tradução de: “*Le síntoma histérico corresponde al retorno de una modalidad de la satisfacción sexual que fue real en la vida infantil y desde entonces fue reprimida*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 145).

¹⁰⁵ Livre tradução de: “*Le síntoma histérico nace como un compromiso entre dos mociones pulsionales o afectivas opositas, una delas cuales se empeña en expresar una pulsión parcial o uno de los componentes de la constitución sexual, mientras que la otra se empeña en sofócalos*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 145).

8ª – “O sintoma sexual histérico pode assumir diversas moções inconscientes não sexuais, mas não lhe pode faltar um significado sexual”¹⁰⁶ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 145).

9ª- “um sintoma histérico é a expressão de uma fantasia sexual inconsciente masculina, por um lado, e feminina, por outro”¹⁰⁷ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 146).

Do conjunto dessas fórmulas, destacamos a oitava e a nona, que afirmam respectivamente que ao sintoma histérico jamais falta uma significação sexual e que ele mantém sempre uma íntima conexão com a fantasia inconsciente, expressando tanto a sua identificação com a posição masculina, como, simultaneamente, com a posição feminina.

Quando se submete à Psicanálise uma histérica cujo sofrimento se exterioriza em ataques, se convence facilmente de que esses não são outra coisa que fantasias projetadas sobre a motilidade e representadas de forma pantomímica¹⁰⁸ (1909 [1908]a/ 2006, p. 207).

Por essa razão “o interesse de quem estuda a histeria logo abandona os sintomas para dirigir-se às fantasias inconscientes das quais procedem”¹⁰⁹ (FREUD, 1908a/2006, p. 143). Freud constata também que o escopo de efeitos da fantasia é bem mais abrangente do que se poderia supor à primeira vista: “são notórios os casos, que têm importância clínica, de histéricos que não expressam suas fantasias em sintomas, mas em realizações conscientes, nas quais põem em cena atentados, maus tratos, agressões sexuais”¹¹⁰ (FREUD, 1908a/2006, p. 144).

¹⁰⁶ Livre tradução de: “*Un síntoma histérico puede asumir la subrogación de diversas mociones inconscientes no sexuales, pero no puede carecer de un significado sexual*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 145).

¹⁰⁷ Livre tradução de: “*Un síntoma histérico es la expresión de una fantasía sexual inconsciente masculina, por una parte, y femenina, por la otra*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 146).

¹⁰⁸ Livre tradução de: “*Cuando se somete a psicoanálisis a una histérica cuyo padecer se exterioriza en ataques, uno se convence fácilmente de que estos no son otra cosa que unas fantasías proyectadas sobre la motilidad, figuradas de una manera pantomímica*” (1909 [1908]a/ 2006).

¹⁰⁹ Livre tradução de: “*El interés de quien estudia la histeria abandona pronto los síntomas para dirigirse a las fantasías de las cuales proceden*” (FREUD, 1908a/2006, p. 143).

¹¹⁰ Livre tradução de: “*Por otro lado, es notorio el caso que reviste importancia práctica, de los histéricos que no expresan sus fantasías en síntomas, sino en una realización consiente, y así fingen y ponen en escena atentados, maltratos, agresiones sexuales*” (FREUD, 1908a/2006, p. 144).

3.4 Freud e a fantasia nos diversos quadros psíquicos

Além de descobrir a íntima conexão entre os sintomas histéricos e as fantasias inconscientes, Freud percebe que ambos estão ligados às construções das primeiras teorias infantis sobre a sexualidade. Por essa razão, a atenção do psicanalista deixa de estar centrada exclusivamente nos sintomas e volta-se para as fantasias, uma vez que “os sintomas histéricos não são outra coisa além das fantasias inconscientes modificadas mediante conversão. E na medida em que os sintomas somáticos são, com muita frequência, tomados do circuito das mesmas sensações sexuais e inervações motrizes que, originariamente, acompanhavam a fantasia”¹¹¹ (FREUD, 1908a/2006, p. 143).

A anterioridade da fantasia na etiologia sintomática é enfatizada por Freud: “para toda uma série de sintomas histéricos, então, as fantasias inconscientes são os estágios psíquicos anteriores”¹¹² (FREUD, 1908a/2006, p. 143). Faz questão de deixar claro que a prevalência da fantasia não é exclusiva dos casos de neurose. O escopo de influência da fantasia traz efeitos e abarca a neurose, a perversão e a psicose:

E por esse caminho, descobriu-se que o conteúdo das fantasias inconscientes dos histéricos corresponde em todos os pontos às situações que os perversos executam conscientemente [...] Também as formações delirantes dos paranóicos são fantasias desse tipo [...] seus elementos são componentes sado-masoquistas da pulsão sexual. De igual modo, pode-se falar das correspondências cabais com certas fantasias inconscientes dos histéricos¹¹³ (FREUD, 1908a/2006, p. 143).

Dessa feita, percebe-se que escutar as fantasias que assombram os analisandos e recobrem suas interpretações do mundo é crucial para a prática psicanalista, na medida em que a realidade com a qual trabalhamos é, precisamente, a realidade psíquica. Desde as entrevistas preliminares, que possibilitam ao psicanalista construir uma hipótese diagnóstica,

¹¹¹ Livre tradução de: “*Los síntomas histéricos no son otra cosa que las fantasías inconcientes figuradas mediante <conversión>, y en la medida en que son síntomas somáticos, con harta frecuencia están tomados del círculo de las mismas sensaciones sexuales e inervaciones motrices que originariamente acompañaran a la fantasía*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 143).

¹¹² Livre tradução de: “*Para toda una serie de síntomas histéricos, entonces, las fantasías inconcientes son los estadios psíquicos previos más próximos*” (FREUD, 1908a/ 2006, p. 143).

¹¹³ Livre tradução de: “*Y por este camino se ha descubierto que el contenido de las fantasías inconcientes de los histéricos se corresponde en todos sus puntos con las situaciones de satisfacción que los perversos llevan a cabo con conciencia [...] También las formaciones delirantes de los paranoicos son unas fantasías de esa índole [...] sus portadores son los componentes sado-masoquista de la pulsión sexual. Y de igual modo pueden hallar sus cabales correspondientes en ciertas fantasías inconcientes de los histéricos*” (FREUD, 1908a/2006, p. 143).

à condução do tratamento, nossa prática é norteada pela bússola da escuta atenta das fantasias. Se por um lado, sabemos que a presença da fantasia se faz notar em os mais diferentes quadros psíquicos, por outro, aprendemos com Freud que ela é a matéria sobre a qual operamos.

São universalmente conhecidas as fantasias delirantes dos paranóicos, cujo conteúdo de grandeza e padecimento do próprio Eu afloram em formas totalmente típicas, quase monótonas. Além disso, inúmeros relatos tornaram-nos familiarizados com as estranhas performances através das quais alguns perversos obtêm satisfação sexual - na idéia ou realidade. Entretanto, para muitos pode soar como uma novidade o fato de que estruturas psíquicas análogas estejam presentes regularmente em todas as psicose, em particular na histeria, e de que podemos perceber terem essas estruturas – conhecidas como fantasias histéricas – importantes elos com as causas dos sintomas neuróticos ¹¹⁴ (FREUD, 1908a/ 2006, p. 141).

3.5 Brincadeira, fantasia e criação artística

Além das cruciais descobertas, ligando os sintomas às fantasias e, conseqüentemente, às teorias infantis sobre a sexualidade, Freud debruça-se sobre novas frentes, a saber, sobre as articulações entre a fantasia dos adultos, a criação artística e a brincadeira infantil. Ele defende a ideia que “a obra literária, como o devaneio, é uma continuação, ou substituto do que foi o brincar infantil” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 141).

Considera a fantasia presente na vida psíquica dos adultos e a criação artística de escritores equivalentes à brincadeira infantil. Isso porque o escritor criativo, a criança ao brincar e o adulto ao fantasiar inserem as “coisas de seu mundo em uma nova ordem que lhe(s) agrada” ¹¹⁵ (FREUD, 1908 [1907]/ 2006, p. 128). Em *Escritores criativos e devaneios* (1908 [1907]), Freud constatou que transformar psiquicamente os elementos do seu mundo para uma forma que agrada a si próprio é uma atividade crucial na medida em “nada é tão

¹¹⁴ Livre tradução de: “*Las fantasías delirantes de los paranoicos, que tienen por contenido la grandeza y los padecimientos del yo propio, y afloran en formas totalmente típicas, casi monótonas, son universalmente conocidas. Además, innumerables comunicaciones nos han familiarizado con las raras escenificaciones bajo las cuales ciertos perversos obtienen su satisfacción sexual - en la idea o en la realidad-. En cambio, a muchos puede sonarles a novedad enterarse de que formaciones psíquicas en un todo análogas se presentan de manera regular en todas las psicosis, en especial la histeria, y de que en ellas - las llamadas fantasías [Phantasie] histéricas- se pueden discernir importantes nexos para la causación de los síntomas neuróticos*” (FREUD, 1908/ 2006, p. 141).

¹¹⁵ Livre tradução de: “*inserta las cosas se su mundo en un nuevo orden que le agrada*” (FREUD, 1908 [1907]/ 2006: 127) Na Edição Standard: “*cria(m) um mundo próprio, ou melhor, reajusta(m) os elementos de seu mundo de uma forma que lhe(s) agrada*” (*idem*, FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 135).

difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou [...] a criança em crescimento, quando para de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de brincar, ela agora fantasia” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 136). A edição argentina traduz a mesma citação de Freud do alemão afirmando que a criança “só renuncia ao *escoramento* nos objetos reais” ¹¹⁶ (FREUD, 1908 [1907]/ 2006, p. 128), ou seja, o adulto abdica do escoramento nos objetos reais, mas mantém a relação particular que cria com aqueles por via da fantasia.

Ocorre que “as fantasias das pessoas são menos fáceis de observar do que o brincar das crianças” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 136). Isso porque o adulto “em geral, preferia confessar suas faltas a confiar a outro suas fantasias” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 137). Esse lembrete feito em 1907 merece destaque, pois ao analisar a estrutura da fantasia *Uma criança é espancada* (1919), ainda mais difícil de ser abordada pelos analisandos, devido à sua conexão com a pulsão de morte, Freud reforça essa advertência: há uma extrema vergonha em relatar a fantasia. Enquanto os adultos têm vergonha de suas fantasias “por serem infantis e proibidas” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 137), as crianças realizam seus jogos e brincadeiras não *para*, mas na frente dos adultos.

A fantasia do adulto é acalentada por ele mesmo “como seu bem mais íntimo” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 137). O fato do sujeito se envergonhar da sua fantasia e acalentá-la como seu bem mais íntimo nos serve como importante referência, uma vez que reforça a interrogação sobre quais os efeitos da fantasia sobre a identificação, questão que interessa particularmente a pesquisa.

Freud afirma que o herói de todas as fantasias e jogos, assim como o dos romances modernos é “Sua Majestade o eu” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 140). Ele acrescenta que em alguns casos, não tão comuns, o eu se contenta com o papel de espectador como em certos romances de Emile Zola. Ou seja, nas criações da fantasia o eu ocupa o papel de herói, que executa e sofre as ações ou é o espectador privilegiado daquelas.

Freud salienta que muitas coisas que não causariam prazer se vivenciadas na realidade, podem ser motivo de deleite quando experimentadas nas criações artísticas e nas fantasias. O encanto obtido parece ser também a razão pela qual as crianças levam tão a sério as suas brincadeiras, despendendo nelas suas emoções com tanta intensidade. Por isso, “o oposto de brincar não é o sério, mas a realidade efetiva” ¹¹⁷ (FREUD, 1908 [1907]/ 2006, p. 127).

¹¹⁶ Livre tradução de: “*sólo resigna el apuntalamiento en objetos reales*” (FREUD, 1908 [1907]/ 2006, p. 128).

¹¹⁷ Livre tradução de: “*Lo opuesto al juego no es la seriedad, sino....la realidad efectiva*” (FREUD, 1908 [1907]/ 2006, p. 127). Nessa passagem, optamos pela livre tradução por considerar a versão em espanhol,

A criança aprende a distinguir a realidade da brincadeira e ao brincar “gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 135). Já o adulto, ao fantasiar, e o artista, ao escrever, se apóiam em algum dado da realidade presente para retroceder “à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 138). Dessa forma, a fantasia conserva em si a força e atualidade do desejo, pois “passado, presente e futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 138).

3.6 Tempo e fantasia

Essa extraordinária articulação de Freud (1908 [1907]) sobre o enlace de passado, presente e futuro no desejo impõe que se faça uma pequena digressão. Como vimos no primeiro capítulo, Lacan, no *Seminário Livro IX, A identificação*, (1961-1962) observa que o mecanismo de identificação está intimamente conectado à *identificação significativa*. Ele afiança que a identificação se organiza mediada pelo desejo na relação com o Outro e à consecutiva tentativa de apagar tais traços.

Para ilustrar sua tese, faz referência ao coração acelerado de Sexta-feira diante da descoberta de rastros na ilha de Robinson. Tal achado fez com que ele se empenhasse em apagar os próprios rastros. Segundo Lacan é, precisamente, o esforço de suprimir os próprios rastros significantes que indica tratar-se de um ser falante e não um animal. Isso porque “aquilo que o sujeito procura fazer desaparecer é a sua passagem de sujeito mesmo”¹¹⁸ (LACAN, lição de 24 de janeiro, 1962, inédito). Lacan recorre a Shakespeare para ilustrar como essa tarefa de Sísifo¹¹⁹, em que o ser humano tenta apagar seus traços de sujeito é inútil. Lady Macbeth ensina que, no presente e no futuro, a fantasia se mantém potente e assombradora: é a sua voz que “nos conduz ao coração do sujeito ao sentenciar que nem toda

mais do que a em português: “a antítese de brincar não é o sério, mas o que é real” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 135).

¹¹⁸ Livre tradução de: “*Observez que, dans cette disparition de la trace, ce que le sujet cherche à faire disparaître, c'est son passage de sujet à lui*” (LACAN, *Leçon du 24 janvier 1962*).

¹¹⁹ O mito de Sísifo retrata o castigo do pastor de ovelhas - filho do deus dos ventos Éolo-, que foi condenado a levar uma enorme pedra morro acima. Mas, a cada vez que chega ao alto, a pedra se solta e rola morro abaixo, de tal modo que o processo se repete por toda eternidade.

a água do mar poderia apagar essa pequena mancha”¹²⁰ (LACAN, lição de 24 de janeiro de 1962, inédito), a mancha significante.

Freud (1907[1906]), também recorre à Literatura para explicitar como o desejo, reúne passado, presente e futuro na fantasia. Da pena do escritor Jansen, cuja personagem Grádiva fala a seu pretendente Nobert Harold; Freud recorta o seguinte trecho: “só de uma coisa nunca suspeitei: que entretinhas uma fantasia igualmente afetada, considerando-me também aqui, em Pompéia, como algo que fora escavado e que retorna à vida” (FREUD, 1907 [1906]/1996, p. 38). Como vimos, Freud e Lacan extraem exemplos literários para demonstrar a ingerência de certas fantasias sobre a vida das pessoas, entrelaçando tempos diversos, apesar do esforço empreendido para apagá-las.

Embora não devêssemos “supor que os produtos dessa atividade imaginativa – as diversas fantasias, castelos no ar e devaneios – sejam estereotipados ou imutáveis” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 138), há certos elementos na estrutura da fantasia que se mantêm constantes! Nesse sentido, Freud reconhece a preponderância da fantasia sobre o tempo, uma vez que ela funciona como se “flutuasse entre três tempos – os três momentos”, passado, presente e futuro (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 138). Através do desejo, que é seu fio condutor, o sujeito tende a perceber na ocasião presente as coordenadas da sua fantasia, que lhe sinalizam a possibilidade de realização futura de uma experiência de satisfação que teria sido desfrutada anteriormente. Dito de outro modo: graças à fantasia, “o desejo utiliza uma ocasião do presente para construir, segundo moldes do passado, um quadro do futuro” (FREUD, 1908 [1907]/1996, p. 139).

3.7 Uma estranha fantasia que se repete

Não obstante a relevância de todas as fantasias, curiosamente, há uma estrutura de fantasia que se repete ao longo de sua vida. Conforme já enfatizamos, Freud (1908a/ 2006) aprende com as históricas que o trauma se constitui em torno de uma fantasia inconsciente, ou versão inconsciente dos fatos, que adquire o valor de realidade psíquica. Por esse motivo, a especificidade do trabalho psicanalítico não consiste em apurar uma pretensa verdade dos

¹²⁰ Livre adaptação de “...le discours de Lady Macbeth quand elle dit que toute l'eau de la mer n'effacerait pas cette petite tache, si ce n'est point par quelque écho qui nous guide au cœur de notre sujet...” (LACAN, lição de 24 janvier de 1962). Referência à tragédia Macbeth, de William Shakespeare escrita entre 1603 e 1607 tendo tido a Primeira apresentação em abril de 1611.

fatos, mas em escutar o inconsciente, que, na neurose, se organiza em grande parte em torno de fantasias inconscientes, que são a matéria-prima que interessa ao analista. Essas fantasias subjazem nos relatos e nas lembranças narradas, operando como realidade psíquica de cada sujeito. Elisabeth Roudinesco, no verbete *fantasia*, de seu *Dicionário de Psicanálise* (1998) relembra que Freud revê a origem da neurose, abandonando a tese da sedução paterna em benefício das fantasias inconscientes.

Ocorre que dentre as todas as fantasias conscientes e inconscientes que lhes são narradas, Freud (1919a) descobre que uma delas provoca excitação sexual, associa-se ao gozo e só é confessada com muita vergonha. Em 1919, ele apresenta a análise dessa fantasia no artigo *Uma criança é espancada* (1919a/ 2006). O estudo de Freud sobre a fantasia *Uma criança é espancada* (1919a/1996) e o artigo *O Estranho* (1919b/1996) são os ensaios que, segundo Jorge (2006), antecipam o mais importante marco teórico freudiano depois da descoberta do inconsciente, a pulsão de Morte. Em 1920, Freud apresenta o novo dualismo pulsional. Unifica sob a sigla *pulsão de vida* o que antes denominava pulsão de auto-conservação e pulsão sexual e introduz o conceito de pulsão de morte, compondo a segunda vertente do novo dualismo. A pulsão de Morte é postulada a partir de sua observação clínica de que há uma estranha repetição que contraria o princípio do prazer.

Nesse sentido, *Uma criança é espancada* (1919a/ 2006), estudo *princípios* sobre a fantasia inconsciente, e o texto *O Estranho* (1919b/1996) são ensaios que antecipam essa estranha repetição. A proximidade temporal entre esses artigos, e o anúncio da Segunda tópica, em 1920, corrobora a hipótese de Jorge de já haver neles os germes da pulsão de morte, que Freud anunciaria no ano subsequente. “Há o retorno constante da mesma coisa – a repetição dos mesmos aspectos, ou características, ou vicissitudes, dos mesmos crimes, ou até dos mesmos nomes, através das diversas gerações que se sucedem” (FREUD, 1919b/1996, p. 252).

A observação clínica de repetições, que longe de trazerem algum prazer impõe ao sujeito uma fatalidade, foi decisiva na construção do conceito de pulsão de morte. Tais percepções foram conjugadas à leitura do filósofo Schopenhauer, que escrevendo acerca do Budismo mencionou o princípio do *Nirvana*. Essa combinação foi decisiva para que Freud (1920/ 1996) elaborasse o conceito que se tornou central para a Psicanálise, a pulsão de morte.

É digno de nota que em *O tema dos três Escrutínios* (1913/ 1996), Freud já indicara como a morte apresenta-se como a escolha inconsciente de várias personagens de mitos infantis e de peças de Shakespeare: “faz-se uma escolha onde, na realidade, há obediência a uma compulsão; e o escolhido não é uma figura de terror, mas a mais bela e desejável das

mulheres” (FREUD, 1913/1996, p. 323). Em várias estórias, há uma escolha entre três mulheres que representam respectivamente, a que o gerou, a sua companheira, e a que engendra sua destruição. Freud indica que o escrutínio costuma ser feito em favor da última. Na quase totalidade dos contos, as características determinantes para a escolha funesta pela última mulher são: a opacidade, a falta de eloquência e a mudez. Freud propôs que a identidade da última, apesar de escondida sob o véu da beleza, fosse interpretada como sendo a Morte. Lacan (1961-1962), observa nas três mulheres significativas - a mãe, a companheira e a que engendra a morte do sujeito- , "em cada um dos escrutínios [...] há o objeto *a*" (LACAN, 1961-1962, lição de 24 de Janeiro de 1962, inédito).

Com a formulação da segunda tópica freudiana, esse escrutínio em favor da morte apontado por Freud (1913/ 1996) passa a ser relida como compulsão à repetição, e expressão direta da pulsão de morte. Dessa forma, embora o anúncio da repetição que rege a pulsão de morte só tenha sido feito em 1920, essa repetição que, em parte, contraria ao princípio de prazer já fora abordada por Freud em textos que antecedem seu pronunciamento sobre o novo dualismo pulsional.

3.8 A repetição - confluência da pulsão de morte e da pulsão de vida

Assim, no texto *Além do princípio de prazer* (1920/ 1996), Freud noticia formalmente a *compulsão à repetição*, esclarecendo que ela obedece à pulsão de morte. Até esse texto, ele defendera a tese que o princípio do prazer comandava toda a vida psíquica. O princípio de prazer, como dissemos, procura fazer com que as novas excitações sejam atenuadas para que o psiquismo volte ao nível de excitação anterior, constante. Mas em 1920/ 1996, Freud anuncia que o psiquismo é regido também por um princípio que tende ao inanimado, ao zero de excitação, estado de *Nirvana*. Lacan também se refere a esse estado como gozo mortífero. Esse movimento psíquico corresponde ao que Freud (1920/1996) postula de *Pulsão de Morte*.

3.9 Pulsão de morte, *Eros* e narcisismo primário

Nesse mesmo texto, *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud anuncia sua última divisão pulsional: pulsão de vida, *Eros*, e pulsão de morte. Apesar de já termos abordado a importância dessas duas forças, no capítulo anterior, quando tratamos da constituição psíquica do *infans*, consideramos oportuno registrá-lo novamente no bojo das descobertas freudianas. De acordo com o novo dualismo, a pulsão de autoconservação passa a fazer parte da pulsão sexual e a ser designada pulsão de vida. A pulsão de morte, mais primitiva, permanece ativa desde o início da vida até seu final. Evidencia-se pela compulsão à repetição que conduz o sujeito ao desprazer, ao inanimado e à morte. Já *Eros* para se instaurar no bebê depende de um investimento libidinal que vem do Outro, que imiscuído à pulsão de morte, toma o eu como seu primeiro objeto. Assim, o eu torna-se o primeiro objeto de investimento de *Eros*.

Rudge (2006a) acredita que Freud tenha dado ênfase ao novo dualismo - pulsão de vida x pulsão de morte - para bem marcar sua diferença teórica em relação a Jung. No entanto, nas instâncias psíquicas, pulsão de morte e de vida “estão sempre mais ou menos fusionadas [e por isso] Freud parece estar mais perto do monismo do que sugere essa retórica que visava destacar sua diferença em relação a Jung” (RUDGE, 2006a, p.83). Melanie Klein (1932/ 1999), psicanalista que muito valorizou o conceito de pulsão de morte, desde o momento em que Freud o postulou, considerava importante observar não apenas a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte, mas também as formas indissolúveis de sua *integração*.

A emergência dos estádios libidinais de organização, tais como os conhecemos, corresponde, a meu ver, não somente às posições que a libido conquistou e fortificou em sua luta contra o instinto destrutivo, mas como esses dois instintos estão ao mesmo tempo unidos e opostos de maneira indissolúvel (KLEIN, 1932/ 1999, p. 205).

Garcia-Roza (1995) lembra que “nenhuma das pulsões se apresenta em seu estado puro –pulsão de vida e pulsão de morte estão sempre misturadas”. Isso porque “o que está para além da *Objektvorstellung* e da *Wortvorstellung*, da representação-objeto e da representação-palavra” é invisível e indizível. Conclui que “a pulsão de morte é o que está ‘para além do princípio do prazer’” (GARCIA-ROZA, 1995, p. 158-159). Aulagnier e Spairani lembram que a pulsão de morte não deve “ser mais compreendida como sinônimo de um simples estado de não vida [...] Isso não teria literalmente nenhum sentido para psique,

que só pode se referir ao pensável, àquilo que ela mesmo almeja secretamente"¹²¹(AULAGNIER; SPAIRANI, 1968, p. 51- 52). Acrescentam que "a morte deverá, então, ser transformada em 'pensável', será necessário que ela se faça objeto do desejo do Outro, ou ainda que o não-desejo do sujeito possa ser interpretado por ele como desejado pelo Outro" ¹²²(AULAGNIER; SPAIRANI, 1968, p. 51- 52).

3.10Do *Pictograma* ao *Phantasme*

Pierra Aulagnier (1975), renomada psicanalista, aluna e interlocutora de Lacan, retoma os estudos de Freud sobre as primeiras organizações do psiquismo e apresenta os conceitos de *Pictograma* e de *Phantasme*. Suas contribuições são muito relevantes, pois articulam a fantasia à pulsão de morte de uma maneira muito particular. Merece, por isso, que façamos uma digressão, antes de retornarmos à fantasia de espancamento propriamente.

Para definir o *Pictograma* e o *Phantasme*, ela faz uma distinção importante entre o prazer e o desejo. O prazer seria a base do sistema que ela designou como originário, onde é praticamente inexistente a diferença entre o eu e o mundo. Nesse momento lógico, o eu incorpora como uma representação pictográfica tudo o que produz prazer, como se a satisfação fora auto-engendrada. Por outro lado, o que causa desprazer (como já fora elucidado por Freud) seria expulso da representação, na tentativa de aniquilá-lo, restando apenas uma pequena nuance da presença de algo diferente de prazer. É importante dizer, que ela concebe a representação pictográfica como um registro sensorial, de prazer, sem representação de imagem ou palavra. Esclarece que o prazer se caracteriza pela percepção da reunificação de dois corpos; enquanto que o desprazer, pelo desejo de separação. Mas é sempre o elemento desejo que se impõe na relação com o Outro.

Para Aulagnier (1975), o pictograma seria a matriz de todas as representações futuras de si e do mundo. Nessa primeira organização *originária*, não existiria separação entre a zona erógena e o objeto, uma vez que estariam em contigüidade. Ela acredita que tudo o que não

¹²¹ Livre tradução de: "que la mort ne soi plus visée comme synonyme d'un simple état de non-vie [...] Cela n'aurait littéralement aucun sens pour la psyché qui ne peut se référer qu'au pensable, au produit qu'elle-même secrète" (AULAGNIER; SPAIRANI, 1968, p. 51- 52).

¹²² Livre tradução de: "La mort devra donc se transformer en du 'pensable', il faudra qu'elle se fasse objet du désir d'un Autre, ou encore que le non-désir du sujet puisse être interprété par lui comme visée du désir de l'Autre"(AULAGNIER; SPAIRANI, 1968, p. 51- 52).

fora registrado no pictograma nos primórdios da organização psíquica e que não esteja a ele referido, não poderá jamais ser percebido pelo eu, seja através da visão, da audição, do tato ou de qualquer outro sentido.

Depois, num segundo tempo lógico, o sistema não mais seria o *originário*, mas sim o *primário*. O *infans* passaria a reconhecer uma diferença entre a zona erógena e o objeto que traz satisfação. O intervalo de tempo que separa a zona erógena do objeto, passa a ser inscrito, permitindo que a representação da satisfação, antes percebida como auto-engendrada, passe a se organizar em torno do *desejo* do Outro. Desejo do Outro de oferecer prazer ou, ao contrário, desejo do Outro de provocar desprazer ao *infans*.

Enquanto no sistema originário toda a organização psíquica giraria em torno do prazer e da satisfação, concebidas como auto-engendradas; no sistema primário, o mundo passaria a ser compreendido na perspectiva do desejo do Outro de oferecer prazer ou desprazer.

Aulagnier (1975) descreve três momentos lógicos até que o *Je* se configure, que seriam caracterizados por diferentes formas de representação, aqui nos deteremos nas duas primeiras organizações. A representação característica do sistema originário, o *pictograma*, no qual não há divisão entre o eu e o mundo, nem entre zona erógena e objeto, reconhece o prazer como auto-engendrado.

Já a organização psíquica seguinte, pressupõe a percepção de um intervalo de tempo entre o desejo e a satisfação. O mundo passa a ser percebido como se fora regido pela lógica do desejo do Outro de oferecer prazer ou de proporcionar desprazer. Essa última representação, segundo Aulagnier (1975), caracterizaria o *phantasme*. Dito de outro modo, *na organização primária*, o mundo é interpretado a partir da representação do *phantasme*. Sobre essa representação, o *infans* projetaria qual seria o desejo do Outro. “Que o outro deseje o desprazer do sujeito não coloca nenhum problema à lógica do *phantasme*. O paradoxo desse fato é que o primário[...] experimenta o desprazer como comprovação que sustenta a certeza que tudo é experimentado como causa de desejo” (AULAGNIER, 1975, p. 110). A *causa* em questão seria sempre o desejo do Outro, seja de oferecer prazer, seja de proporcionar desprazer ao sujeito. O aspecto curioso da psique ressaltado por ela, e que já fora observado por Freud em 1919 e 1920, é que indiferentemente do fato da projeção sobre o Outro ser de que seu desejo consista em provocar prazer ou desprazer, em ambos os casos, o *phantasme* em torno do desejo do Outro é fonte de prazer. “Transformar um desprazer em prazer é o que se paga de entrada na cena de relação persecutória, na qual o desprazer de um e o desejo do outro encontram sua formulação mais pura” (AULAGNIER, 1975, p. 111).

Fizemos esse pequeno desvio porque consideramos lapidar a perspicácia com que Aulagnier registra o trabalho psíquico, que transforma a interpretação de que o desejo do Outro seja causar desprazer em fonte de prazer. Sua observação ajuda a apreender a dimensão masoquista em curso na fantasia fundamental, na qual o sujeito extrai gozo da posição de objeto do Outro. Lembramos que a fantasia fundamental, cujo paradigma é a fantasia *Uma criança é espancada* (1919a/ 2006), se constitui como resposta à dor da ferida narcísica, provocada pelo enigma do desejo do Outro.

Nesse sentido, é interessante a formulação de Aulagnier (1975), de registrar que na sua concepção de *phantasme*, mesmo que não referido ao complexo de Édipo, que o *infans* compreende o mundo pela perspectiva do desejo do Outro, transformando o desejo do Outro de provocar desprazer em fonte de prazer.

Ainda antes de expor os tempos da fantasia analisada por Freud *Uma criança é espancada*, cremos, porém, ser nevrálgico acompanhar os achados de Anna Freud relativos a essa fantasia, já que é provável que ela tenha sido uma das fontes para Freud escrever seu artigo capital. Não obstante, o texto de Anna só ter sido apresentado em 1922, enquanto que o de Freud data de 1919, consideramos oportuno principiarmos pelas observações dela.

3.11 Anna Freud: fantasia de espancamento e devaneios agradáveis

Em 1922, Anna Freud apresentou o texto à Sociedade Psicanalítica Vienense e, após debate com Lou Andréas-Salomé, publicou o texto no mesmo ano. O texto versa sobre dois tipos de fantasias de uma menina em análise, que na adolescência decide escrever sobre elas. O primeiro tipo de fantasia, ela as denomina fantasias de espancamento; e o segundo, de devaneios agradáveis. Como acabamos de mencionar, Jorge (2007) observa que a o estudo de Anna Freud é provavelmente autobiográfico e, portanto, um dos casos femininos citados por Freud em *Uma criança é espancada* (1919a/ 2006), adquirindo destaque, principalmente pela riqueza de detalhes com que descreve essas duas modalidades de fantasia.

A menina em análise, a quem Anna se refere, lera um livro donde retirara parte da história que teria se misturado com suas próprias contribuições nas fantasias que descrevia à analista. A mistura foi feita de tal modo que se tornou impossível à analista distinguir o que proviera do livro e o que não; de todo modo, pareceu-lhe desnecessário fazer tal distinção, já que a realidade que interessa a psicanálise é a psíquica.

O enredo dos dois tipos de fantasia, que ela chama de “moldura” (FREUD, A, 1922-1935/ 1974, p.7) e de “tela” psíquica (FREUD, A, 1922-1935/ 1974, p. 11) era idêntico e absolutamente constante, quase monótono. As tramas giravam em torno de um cavaleiro medieval, forte e poderoso, dono de um castelo tinha em seu poder um jovem fraco e vulnerável que cometera um erro, que a menina não sabia bem qual era. Ou seja, as duas modalidades de fantasia abordavam a relação entre um “desamparado” (FREUD, A, 1922-1935/ 1974, p.8), castrado; e outro fálico, que provocava “terror” no outro (FREUD, A, 1922-1935/ 1974, p. 8). Um julgamento então tinha lugar, no qual o jovem era severamente punido ou amorosamente perdoado. Apesar dos detalhes e das circunstâncias poderem variar, esse cerne se mantinha.

O que distinguia os dois tipos de fantasia – as *fantasias de espancamento* e os *devaneios agradáveis* (ou histórias agradáveis)- eram seus desfechos. Nas primeiras, nas fantasias de espancamento, o clímax recaía na punição do jovem cavaleiro pelo dono do castelo, e era associado à satisfação auto-erótica. Eram “invariavelmente investida[s] de um alto grau de prazer e [...] descarregada num ato de gratificação auto-erótico” (FREUD, A, 1922-1935/ 1974, p. 1).

Segundo Anna Freud, as fantasias de espancamento ligadas à satisfação auto-erótica eram anteriores do ponto de vista lógico aos devaneios agradáveis, que lhe pareciam ter se constituído como uma defesa do eu frente àquelas fantasias. Ela descreve: “entre oito e dez anos [...] a menina iniciou um novo tipo de atividade fantasística que ela própria chamava de ‘histórias agradáveis’ em contraste com as feias fantasias de espancamento” (FREUD, A, 1922-1935/ 1974, p. 5). Nos devaneios agradáveis, o clímax concentrava-se no perdão recebido no instante anterior à condenação.

Durante alguns anos, no entanto, a menininha fez tentativas sempre renovadas e sempre fracassadas de separar uma dos outros, isto é, de reter a fantasia como fonte de prazer e, ao mesmo tempo, de desistir da gratificação sexual que não podia ser conciliada com as demandas de seu eu [ego] (FREUD, A, 1922-1935/ 1974, p. 3).

Ela conta também que depois da intervenção do analista, a menina percebeu, não sem resistência, que os dois tipos de fantasia relacionavam-se, e que existia uma reversibilidade entre as duas fantasias.

Anna Freud observa que há “um elemento que é indispensável para a fantasia de espancamento, isso é, a humilhação de ser surrado” (FREUD, A, 1922-1935/ 1974, p. 12). A humilhação indica que além das duas personagens se faz necessário a presença do olhar de

outras pessoas que assistem a cena, para que a humilhação se configure como tal, já que humilhar significa “vexar [...] diante de todos”¹²³.

Assim, tomando a indicação de Anna Freud (1922-1935/ 1974) de que a humilhação é “*indispensável*” na fantasia de espancamento, destacamos a estrutura ternária da fantasia, a saber, uma figura fálica, outra castrada e um olhar, que assiste. Já ao descrever os devaneios, comparando-os com a fantasia de espancamento, ela diz: “poupa o jovem da humilhação pública, que seria a punição para o seu crime” (FREUD, A, 1922-1935/ 1974, p.8). O adjetivo *pública*, que caracteriza a humilhação, denuncia novamente o valor atribuído por ela ao *olhar* na estrutura da fantasia. A importância do olhar de mais alguém além dos dois personagens principais envolvidos na cena fica evidente também quando Anna Freud compara as fantasias narradas à analista e as mesmas quando escritas mais tarde, quando a menina, já adolescente, resolveu registrá-las: “a estória escrita omite vários personagens cuja caracterização individual foi inteiramente executada no devaneio” (FREUD, A, 1922-1935/ 1974, p.16). Ela considera uma perda da estória escrita a omissão desses personagens que faziam parte da estrutura do devaneio.

Freud (1919a/ 2006) registra essa dimensão do *olhar*, ao caracterizar a terceira fase da fantasia como aquela em que a pessoa *assiste* a fantasia. Com Lacan (1962/ 1998:783) podemos chamar esse olhar que assiste a cena de *objeto a olhar*, que comparece no último tempo da fantasia, tempo no qual a criança assiste, ela própria, como espectadora a cena.

Anna Freud em seu relato da fantasia de espancamento coloca em evidência justamente a descrição dessa pulsão: “o prazer derivado da fantasia estava mais e mais confinado a um único momento prazeroso que parecia estar implantado no desprazer que corria antes e depois dele” (FREUD, A, 1922-1935/ 1974, p.4).

3.12 A fantasia ‘*Uma criança é espancada*’: resíduo do complexo de Édipo

Para escrever o artigo *Uma criança é espancada* (1919a/ 2006), Freud se apóia no relato de alguns de seus pacientes, que são descritos como sendo quatro mulheres e dois homens. Não obstante existirem diferenças entre as fases da fantasia de espancamento dos sujeitos que se apresentaram como mulheres das dos que se designavam homens, Freud

¹²³ (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL, PUBLICAÇÕES LTDA, 183/ VOL 1, p. 938)

anuncia que privilegiará a abordagem da fantasia daquelas. Ele se propõe a depurar a fantasia de espancamento em sua “constelação média”¹²⁴ (FREUD, 1919a/ 2006, p. 182), tomando como referência principal a narrativa das pessoas do sexo feminino.

Apesar do pequeno número de analisandas que trataram de tal fantasia, Freud acreditava tratar-se de uma fantasia típica na neurose e na perversão. Por isso, ele afirma que uma das conseqüências que se pode extrair do estudo da fantasia perversa masoquista “*Uma criança é espancada*” é que ela é uma seqüela do complexo de Édipo, não apenas nos casos clínicos de perversão, mas também nos de neurose. E, já inicia o artigo frisando que encontrou essa fantasia inconsciente em pessoas que procuraram tratamento por causa de uma histeria ou de uma neurose obsessiva, mas que “os casos podem ser [...] mais numerosos”¹²⁵ (FREUD, 1919a/ 2006, p. 177). “A perversão [...] é acolhida dentro da trama dos processos de desenvolvimento familiares para nós em sua qualidade de típicos – para não dizer ‘normais’”¹²⁶ (FREUD, 1919a/ 2006, p. 189).

Freud observa também que essa fantasia dificilmente é confessada e que está associada à satisfação masturbatória, à culpa e à vergonha. Ele a denomina “representação - fantasia” (FREUD, 1919a/ 2006, p.178)¹²⁷. Nota que, apesar das cenas fantasiadas serem investidas de muito prazer quando associadas à masturbação, provocam repulsa e tornam-se quase insuportáveis caso sejam presenciadas cenas semelhantes na realidade compartilhada.

Ethel Person, numa série monográfica da IPA, intitulada *Pegan a um nino*¹²⁸ (2000), afirma que um problema teórico se impôs a Freud, o vínculo entre prazer e sofrimento. “Em *Uma criança é espancada*, Freud trabalha a fantasia infantil de flagelação, suas fases [...], as mudanças no elenco de protagonistas, e as diferenças entre meninos e meninas” (PERSON, 2000, p. 13). A empreitada freudiana consiste em localizar o momento lógico a partir do qual a fantasia de espancamento passava a ocupar tão significativamente a vida psíquica da criança. Ele descobre que isso se dá durante ou no final do período do complexo de Édipo.

É na infância, entre os dois e os quatro ou cinco anos de idade, que os fatores libidinais congênitos são despertados pela primeira vez pelas experiências reais e se ligam a determinados complexos. As fantasias de espancamento [...] só se mostram

¹²⁴ Livre tradução de: “constelación media” (FREUD, 1919a/ 2006, p. 182).

¹²⁵ Livre tradução de: “los casos pueden ser todavía, más numerosos” (FREUD, 1919/ 2006, p. 177).

¹²⁶ Livre tradução de: “La perversión [...] es acogida dentro de la trama de los procesos de desarrollo familiares para nosotros en su calidad de típicos – para no decir <normales>” (FREUD, 1919a/ 2006, p. 189).

¹²⁷ Livre tradução de: “representación-fantasia” (FREUD, 1919a/ 2006, p. 178).

¹²⁸ Que em livre tradução pode ser compreendido como *Uma criança é batida*.

mais para o final desse período, ou após seu término (FREUD, 1919a/ 1996, p. 199-200).

Na análise da fantasia *Uma criança é espancada*, descrita pelas analisandas que se apresentam como mulheres, Freud distingue três fases. A primeira e a terceira são lembradas pelas analisandas e parecem ser expressão de uma fantasia sádica. Já a segunda fase, sempre recalcada e é, para ele, a mais importante, e é indubitavelmente masoquista.

3.12.1 A primeira fase

Freud considera a primeira fase da fantasia da menina ainda não propriamente sexual. Ele a descreve como expressão da idéia: “*meu pai bate na criança que odeio*”, que pode referir-se a um irmão, irmã ou qualquer outra criança a quem o amor dos pais se dirija. Quem exerce a ação de bater é invariavelmente um adulto, que no decorrer das análises revelava-se ser o pai de quem narra a fantasia. O agente da punição é, portanto, o pai; e o objeto da sevícia uma criança rival. Trata-se, portanto, de uma fantasia que satisfaz ao ciúme da criança que imagina a cena. Algumas analisandas de Freud descrevem terem interpretado o nascimento de um irmãozinho como uma traição dos pais a elas. Por isso, Freud traduz a primeira fase da fantasia nos seguintes termos: o *meu pai* “*bate porque não ama a essa criança, ama só a mim*”.

Parafraseando as três feiticeiras em suas profecias a Banquo, na peça *Macbeth* de Shakespeare¹²⁹, Freud considera a primeira fase da fantasia, “não claramente sexual, nem sádica, em si, mas ainda assim a natureza da qual ambos os impulsos surgirão depois”¹³⁰ (FREUD, 1919a/ 1996, p. 203).

Lacan, ao dedicar-se a fantasia *Uma criança é espancada*, observa que “o personagem que bate [...] é da linhagem dos que detêm a autoridade. {Mas} [...] Longe de assimilá-lo ao pai, convém situá-lo no para-além do pai, isto é, naquela categoria do Nome-do-pai” (LACAN, 1957- 1958/ 1999, p. 244). Essa ressalva é de toda valia, visto situar a fantasia como “um ato simbólico” (LACAN, 1957- 1958/ 1999, p. 250), no qual o que está em jogo é

¹²⁹ -“Menor do que Macbeth e maior!” -“Nem tão feliz, entretanto, muito mais feliz” -“Tu engendrarás reis, embora nunca o sejas...Assim, salve Macbeth e Banquo”(SHAKESPEARE, *Macbeth*/ I ato: cena III).

¹³⁰ Livre tradução: “No indubitavelmente sexual, no sádico tampoco, pero sí el material desde cual ambas cosas están destinadas a nacer después” (FREUD, 1919a/2006, p. 185).

“a relação do sujeito com o significante” (LACAN, 1957- 1958/ 1999, p. 252). Não se trata, portanto, da relação da criança com o pai imaginário, mas com o significante que, como um chicote – instrumento destacado por Lacan – , “risca o sujeito” (LACAN, 1957- 1958/ 1999, p. 250), permitindo-lhe “entrar no mundo do desejo [...] suportar [...] a lei imposta por esse algo que existe mais além, a lei de *Schlag*¹³¹ – o fato de o chamarmos aqui de pai já não tem nenhuma importância”(LACAN, 1957- 1958/ 1999, p. 250).

Em 1956- 1957, no *Seminário, livro 4, A relação de objeto*, Lacan distingue no texto de Freud três posições ocupadas por diferentes personagens nas três fases da fantasia: o agente da punição, o que sofre a sevícia e o sujeito para quem essa comunicação é dirigida. Ele observa que Freud descobre que a fantasia de espancamento sofre algumas transformações nas relações entre agente, objeto e sujeito nas suas três fases. Na primeira fase da fantasia, o sujeito, segundo Lacan, é aquele para quem a cena fantasiada dirige uma comunicação de amor: o agente, objeto de amor, pune outra criança para dizer à que fantasia, e que está no lugar de espectadora, que ela é a única amada, neste drama a três. Ou seja, a comunicação de amor na fantasia expressa que o pai bate para dizer à criança que assiste que é ela a amada, a preferida, e não o irmãozinho em quem ele bate. O irmãozinho será excluído como sujeito, e reduzido a nada “ele é objeto de uma sevícia, e essa sevícia consiste em negá-lo como sujeito, em reduzir a nada sua existência desejante” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 246).

3.12.2 A terceira fase

Observada a primeira fase da fantasia, Freud trava conhecimento de outra fase, cuja descrição causava muita vergonha às analisandas. A fantasia é descrita da seguinte forma: *Uma criança é espancada* vincula-se ao prazer masturbatório. Essa fase, apesar de conscientemente narrada, descrita com bastante dificuldade. Trata-se de um adulto que bate numa criança qualquer, em geral de sexo masculino. Essa nova fase da fantasia, além de ser descrita como conjugada à masturbação, provocaculpa. O que Freud trava conhecimento é que a culpa é oriunda acima de tudo *do conteúdo da fantasia* e não da masturbação em si.

¹³¹ Livre tradução: “*Schlag*: golpe, pancada. *Schlagaderwort*”: palavra cortante, dito agudo.

Conclui que o sentimento, aparentemente, inexplicável de culpa frente a uma fantasia em que um adulto bate numa criança qualquer denuncia que há algo recalcado.

3.12.3A dedução freudiana da segunda fase recalcada

Freud deduz, então, que haja um tempo intermediário entre os dois que lhe haviam sido narrados e que, provavelmente, teria permanecido inconsciente. “É certo que a pessoa que bate continua a ser ela mesma (isto é, o pai); mas a criança em que está batendo transformou-se em outra [...] aquela que produz a fantasia (FREUD, 1919a/ 1996, p. 2001).

Segundo Freud, essa fase pode ser sintetizada na frase “meu pai me bate”. O que Freud (1919a/ 1996) ressalta é que *bater* equivale no inconsciente a *amar*. Assim, o conteúdo recalcado da fase intermediária seria: *meu pai me bate; que equivale a: meu pai me ama*. Para o pai da psicanálise, essa é a fase mais importante, embora “nunca tenha tido uma existência real”; ela é masoquista e “grávida de consequências”¹³². (FREUD, 1919a/2006, p.183). Apesar de ser a mais importante das três fases, a segunda fase da fantasia das meninas não é lembrada, e só pode ser reconstruída no decorrer da análise. Nesse segundo tempo, o amor incestuoso manifesto na primeira fase permanece operante, apesar de recalcado, e deixa como rastro o sentimento de culpa devido ao qual o objeto da punição passa a ser a própria criança. Ressaltamos a adjetivação que Freud escolhe para qualificá-la: “grávida de consequências”.

Como frisamos, Freud percebe que a culpa está associada ao conteúdo da fantasia porque “a fase intermediária teve originalmente significado genital; surgiu [...] do desejo inconsciente de ser amada” ¹³³(FREUD, 1919a/ 2006, p. 192). Sobre essa segunda fase incide o recalque e uma regressão da organização genital à sádico-anal, e a criança só se recorda da terceira fase, na qual um adulto bate numa criança qualquer. Graças à regressão da fase genital à sádico-anal, se estabelece uma correspondência entre “meu pai me ama” e “meu pai

¹³² Livre tradução de: “*La fantasía inconciente de la fase intermedia tuvo originalmente significado genital; surgió [...] del deseo incestuoso de ser amado*” (FREUD, 1919a/ 2006, p. 192). Apesar de na tradução espanhola, constar “amado”, no masculino, optamos por traduzir o termo no feminino, como o fez a edição brasileira, já que Freud está nesse trecho elencando resumidamente as fases da fantasia na menina.

¹³³ Livre tradução de: “*La fantasía inconciente de la fase intermedia tuvo originalmente significado genital; surgió [...] del deseo incestuoso de ser amado*” (FREUD, 1919a/ 2006, p. 192). Apesar de na tradução espanhola, constar “amado”, no masculino, optamos por traduzir o termo no feminino, como o fez a edição brasileira, já que Freud está nesse trecho elencando resumidamente as fases da fantasia na menina.

me bate”. Desse modo, o amor que a menina deseja receber dos pais é interpretado por ela, inconscientemente, com uma conotação sexual na equivalência *ama - bate*.

A equivalência *ama - bate*, na qual *ama* fica recoberto na consciência por *bate*, satisfaz também ao sentimento de culpa. Nesse sentido, Freud (1919a/ 2006) esclarece que tal equivalência ocorre também em decorrência *daregressão da organização genital para a sádico-anal*. Assim, a regressão para a fase sádico-anal faz com que, inconscientemente, uma correspondência se estabeleça entre o amor que ela deseja receber dos pais e o castigo por eles imposto, que passa então a ter uma conotação sexual. “Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e encontra escoamento em atos masturbatórios” (FREUD, 1919a/1996, p. 205). A segunda fase é, portanto, recalcada, e nela se encontra o núcleo, o cerne da fantasia, no qual ‘bater’ equivale a amar.

A conotação sexual fica também recalcada e só pode ser deduzida pela culpa aderida à fantasia. A culpa denuncia o desejo inconsciente da criança de ser possuída, fazendo equivaler batida=amada. Dito de outro modo, o desejo incestuoso da menina é recalcado, gerando culpa. Assim, ser batida expressa tanto o desejo de ser possuída como também o castigo pelo desejo incompatível com os valores do eu. A culpa, de acordo com Freud (1919a/ 2006), é resultado do amor incestuoso que, apesar de frustrado na realidade compartilhada, é intensamente desejado. Esse desejo permanece ativo na fantasia, graças ao artifício da terceira fase que substitui todos os envolvidos na trama edípica por figuras de menor relevância afetiva, fazendo com que chegue à consciência apenas a fantasia ‘*Uma criança é espancada*’.

3. 13O objeto batido é mero substituto do Eu

Como mencionado, Freud delineia o último tempo da fantasia como conscientes e parecendo sádico; não diz que é, mas que “parece” sádico. Não obstante essa aparência ele considera esse último tempo, assim como o conjunto da fantasia, masoquista; uma vez que, a partir do segundo tempo, a criança batida é um mero substituto do eu e “a carga libidinosa e a consciência de culpa”¹³⁴ passam a estar ali aderidos (FREUD, 1919a/ 2006, p. 192).

¹³⁴ Livre tradução de: “y a ella adhieren la carga libidinosa y la conciencia de culpa (FREUD, 1919a/ 2006, p. 192).

Na lição de 18 de janeiro de 1967 do *Seminário, livro 14, A lógica da fantasia*, estudando o processo da alienação, Lacan diz que o “eu é o outro” (LACAN, 1966 -1967 – Inédito. Lição de 18 de Janeiro de 1967), fazendo alusão, justamente, ao terceiro tempo da fantasia. Diz que a criança espancada substitui a própria criança na sua “poesia inconsciente” (LACAN, 1966 -1967, inédito. Lição de 11 de Janeiro de 1967). O grupo Kris (1965), importante referência na história psicanalítica dos Estados Unidos, debruçou-se, em de Nova York, sobre uma série de casos clínicos, cuja questão central dialogava com os textos de Freud e Anna Freud sobre as 'Fantasias de espancamento' (*Beating Fantasies*). Kris (1965) conclui a análise dos casos, endossando a constatação de Freud (1919a/ 2006), quanto à identificação com o objeto "batido".

Freud diz explicitamente a respeito da terceira fase: “só a forma da fantasia é sádica, a satisfação que se obtém com ela é masoquista [...] Os muitos meninos indeterminados que o professor açoita são apenas substituições da própria pessoa”¹³⁵ (FREUD, 1919a/2006, p. 188). Ele ensina que a culpa que acompanha a terceira fase é a expressão direta da satisfação sexual e é indissociável do desejo recalcado conservado em toda sua potência, apesar das substituições no elenco de personagens envolvidas. A culpa está ligada ao desejo recalcado, e ser batido condensa tanto a punição como o próprio desejo incestuoso: “em parte continua com o mesmo sentido e, em parte, o cancela por via compensatória”¹³⁶ (FREUD, 1919/ 2006, p. 192). Ou seja, por um lado, ‘*me ama*’ equivale a ‘*me bate*’ e, por outro, há o castigo pelo desejo incestuoso.

O fundador da Psicanálise explica que a frase síntese do primeiro tempo – “*meu pai bate na criança que eu odeio*” – recebe, no segundo tempo um complemento que passa a ser recalcado: “*porque ama só a mim*”. É sobre esse complemento, “*ama só a mim*”, que recai o sentimento de culpa. Por tudo isso, Freud considera a fantasia, como um todo, masoquista e gerenciada pelo segundo tempo, que é o recalcado. Postula que o segundo tempo, o masoquista, seja o mais importante porque “continua sua ação eficaz pela mediação daquele que o substitui”¹³⁷ (FREUD, 1919/ 2006, p. 192). Adverte, porém, que esse tempo recalcado só pode ser construído em análise.

¹³⁵ Livre tradução de: “*sólo la forma de esta fantasía es sádica; la satisfacción que se gana con ella es masoquista [...] los muchos niños indeterminados a quienes el maestro azota son sólo substituciones de la persona propia*” (FREUD, 1919a/ 2006, p. 188).

¹³⁶ Livre tradução: “*en parte la continúa en su mismo sentido y en parte la cancela por vía compensatoria*” (FREUD, 1919a/ 2006, p. 192).

¹³⁷ Livre tradução de: “*la segunda fase, inconciente y masoquista continúa su acción eficaz por mediación de aquella que substituye*” (FREUD, 1919/ 2006, p. 192).

3.14 A "fantasia última"

Como ressaltamos ao longo da pesquisa, Lacan toma essa análise de Freud (1919a/ 2006) como base para elaborar a idéia de fantasia fundamental, inscrevendo nela a constituição do sujeito dividido. No texto *Direção do tratamento e os princípios de seu poder* nos *Escritos* (1958/ 1998), Lacan afirma que há, na fantasia fundamental, a “função do significante que capta onde o sujeito se subordina a ele, a ponto de por ele ser subornado” (LACAN, 1958/ 1998, p. 599). Isso porque diante do enigma do desejo do Outro, o sujeito responde com uma construção simbólica, imaginária e real, a *fantasia*, que encobre e vela a castração. A fantasia construída em torno de um significante, conjugado na forma apassivada, cifra o gozo do sujeito, indicando seu ponto de fixação na relação com o Outro, seu mais gozar. Vejamos alguns exemplos de construções gramaticais que articulam um possível ponto de fixação libidinal à linguagem: *uma criança é devorada; uma criança é espancada; uma criança é castrada; uma criança é copulada.....*

A fantasia se estrutura, portanto, enlaçando a linguagem a determinados pontos de fixação. As orações acima são meros exemplos, na medida em que a fantasia sintetiza a singularidade de cada sujeito. Muito embora a estrutura da fantasia pareça ser indeterminadora do sujeito - na fase consciente, *Uma criança é espancada* - e apassivada na fase recalcada, *me bate*; acreditamos que seja precisamente a peculiaridade dessa fantasia o principal componente inconsciente de identificação do sujeito.

Essa construção simbólica, herdeira do complexo de Édipo, que é a fantasia de espancamento, é tão importante que Lacan a chama de “a coisa primitiva, a organização primordial mais profunda” (LACAN, 1956- 1957/ 1995, p. 117) e Freud diz: “não me surpreenderia se algum dia se demonstrasse que essa mesma fantasia seja a base do delírio querelante paranóico” (FREUD, 1919a/ 2006, p.192)¹³⁸. Lacan a chama de “fantasia última” ou “terminal” (LACAN, 1957- 1958/ 1999, p. 252), síntese de todas as outras, na qual se articulam os conceitos de sujeito dividido e de objeto *a*.

Essa relação que se articula da lógica, que se chama, se e somente se, \$, sujeito barrado, no sentido de ser dividido pela barra vertical, é o sujeito barrado em sua

¹³⁸ Livre tradução de: “No me asombraría que alguna vez se demostrase que esa misma fantasía es base del delirio querulante paranoico” (FREUD, 1919 a/ 2006, p. 192).

relação, se e somente se, com o objeto pequeno *a*. Isso nos faz parar. Existe, então, um sujeito¹³⁹ (LACAN, 1966-1967, 16 novembro de 1966, inédito).

Como enunciado, Lacan enfatiza que só há \$, sujeito barrado, *se e somente se* em relação ao objeto *a*. Daí a relevância da lógica estabelecida pela fantasia fundamental, cujo paradigma é a fantasia *Uma criança é espancada* (1919a/ 2006). Acrescenta que estudar “a descoberta freudiana consiste no fato de que o sujeito está, em parte, cindido (*barré*) daquilo que o constitui”¹⁴⁰ (LACAN, 1966-1967, 16 novembro de 1966, inédito). Concluimos esse capítulo com as palavras de Lacan sobre o valor determinante dessa fantasia para a Psicanálise:

Vejam a torção da história da perversão na análise. Para sair da noção que a perversão era pura e simplesmente a pulsão que emerge, ou seja, o contrário da neurose, esperávamos o sinal do maestro, ou seja, o momento em que Freud escreveu *Ein Kind wird geschlagen*, texto de uma sublimidade total, a partir do qual tudo o que foi dito depois nada mais é que miudeza. Foi pela análise dessa fantasia de espancamento que Freud fez verdadeiramente a perversão entrar na sua verdadeira dialética analítica. Ela não aparece como a manifestação pura e simples da pulsão, mas se revela ali ligada a um contexto dialético tão sutil, tão complexo, tão rico em compromissos e tão ambíguo como o de uma neurose¹⁴¹ (LACAN, 1957-1958, p. 230).

¹³⁹ Livre tradução de: *cette relation qui s'articule de l'articulation logique, qui s'appelle : si et si seulement (1). S barré dans ce sens, à savoir : le poinçon étant divisé par la barre verticale, c'est le sujet barré à ce rapport de si et si seulement avec le petit a. Ceci nous arrête. Il existe, donc, un sujet.* (LACAN, 1966-1967, 16 novembro de 1966, inédito).

¹⁴⁰ Livre tradução de: “*la découverte freudienne et qui consiste en ceci que le sujet est, pour une part, barré de ce nui le constitue*” (LACAN, 1966-1967, 16 novembro 1966).

¹⁴¹ Livre tradução de: “*Voyez le tournant de l'histoire de la perversion dans l'analyse. Pour sortir de la notion que la perversion était purement et simplement la pulsion qui émerge, c'est-à-dire le contraire de la névrose, on a attendu le signal du chef d'orchestre, c'est-à-dire le moment où Freud a écrit Ein Kind wird geschlagen, texte d'une sublimité totale, dont tout ce qui a été dit après n'est que la petite monnaie. C'est par l'analyse de ce fantasme de fouet que Freud a véritablement fait entrer la perversion dans sa véritable dialectique analytique. Elle n'apparaît pas comme la manifestation pure et simple d'une pulsion, mais elle s'avère être attachée à un contexte dialectique aussi subtil, aussi composé, aussi riche en compromis, aussi ambigu, qu'une névrose*” (LACAN, 1957-1958, p. 230).

CONCLUSÃO

Falo coisas pesadas para ele, digo que, se ele quiser que vá logo atrás da outra,... Eu não queria, mas falo!

Quem fala? O legado freudiano nos permite afirmar tratar-se de forças inconscientes manifestando-se, apesar dos esforços da analisanda em administrar o que convém ou não dizer. Y sofre porque não sabe o que fazer com a *suposição* de que o marido estaria interessado, desta vez, na mulher a quem ele cumprimentara de longe. Diz-lhe frequentemente coisas inconvenientes, que fazem com que ele se afaste. Mas porque diz precisamente aquilo que faz com que ele dela se afaste?

Renova-se na analista a consternação freudiana diante de uma de suas descobertas mais importantes, a repetição atrelada à pulsão de morte. Recordemos, mais uma vez, como Freud a descreve: "chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também [abarca] experiências que não incluem possibilidade alguma de satisfação" (FREUD, 1920/ 1996, p. 31).

A repetição dessa "mania incontrolável de dizer essas coisas" que a afastavam do parceiro indica a maneira particular da dimensão mais além do princípio do prazer se exprimir, ou seja, de seu gozo se imbricar na articulação significante. Evidencia a especificidade de seu desejo inconsciente, cujas raízes estão atreladas à fantasia. Revela, nomeadamente, a sua posição de objeto que sofre uma *dor psíquica* na fantasia acoplada a seu gozo.

Observemos como Lacan, no *Seminário, Livro 9, A identificação* (1961-1962), articula a repetição ao objetivo de fazer ressurgir o unário primitivo, a saber, a unicidade significante.

Penso ter marcado suficientemente, para vocês, que a noção da função da repetição no inconsciente se distingue absolutamente de todo ciclo natural, no sentido de que o que é acentuado não é seu retorno, é que **o que é procurado pelo sujeito é sua unicidade significante enquanto uma das voltas da repetição - se é que podemos dizer - marcou o sujeito que se põe a repetir o que evidentemente ele não poderia repetir**, pois isso nunca será mais que uma repetição, mas com o objetivo, com o desígnio de fazer ressurgir o unário primitivo de uma de suas voltas [...] ele repete sem sabê-lo [...] Essa repetição está enraizada neste unário original, que, como tal, este unário está estreitamente colado e co-extensivo à própria estrutura do

sujeito, enquanto ele é pensado como repetindo, no sentido freudiano¹⁴² (LACAN, 1961- 1962, inédito, Lição de 7 de Março, grifo nosso).

No recorte clínico acima, esse traço que reedita determinada unicidade significativa ressurgue na configuração específica que lhe causa sofrimento. Percorrido um tempo de análise, essa analisanda estabeleceu uma importante associação entre isso que lhe causa intenso sofrimento com aquilo que lhe "excitava" sexualmente, indicando tratar-se precisamente da fantasia inconsciente que lhe diz respeito enquanto sujeito de desejo. Nesse sentido, embora não quisesse, falava; repetia determinada "unicidade significativa" (LACAN, 1961- 1962, inédito, Lição de 7 de Março).

Quando o sujeito "se põe a repetir o que evidentemente não poderia"¹⁴³, o que ele repete é uma determinada configuração de relação com o Outro. Nesse sentido, Jorge é cirúrgico ao afirmar "que a fantasia é precisamente aquilo que outorga ser ao sujeito, fixando-o e localizando-o numa certa relação essencial com o seu ser" (JORGE, 2010, p. 104). A precisão das assertivas de Lacan e de Jorge nos conduz ao cerne da questão apurada nesta tese que examina como a fantasia fundamental interfere não apenas na sexualidade feminina, mas em outros campos da vida de um sujeito identificado à posição feminina.

As análises que conduzimos nos levaram a formular a hipótese de que, na neurose feminina, a peculiar variação da fantasia *Uma criança é espancada* transborda da sexualidade e pode se embrenhar nos demais campos da vida de um sujeito. Ou seja, a fantasia possibilita, por um lado, acesso ao gozo fálico sexual, mas, por outro, pode contaminar muitos de seus vínculos afetivos.

Lacan é incisivo ao afiançar que "a relação sexual não existe"¹⁴⁴ (LACAN, 1974- 1975, inédito), o que equivale a dizer que a pulsão não tem objeto preestabelecido. Por esse motivo, a sexualidade no campo da neurose e da perversão organiza-se em torno de uma fantasia, que

¹⁴² "Je pense avoir suffisamment marqué pour vous que la notion de la fonction de la répétition dans l'inconscient se distingue absolument de tout cycle naturel en ce sens que ce qui est accentué ça n'est pas son retour, c'est que ce qui est recherché par le sujet c'est son unicité signifiante, et en tant qu'un des tours de la répétition, si l'on peut dire, a marqué le sujet qui se met à répéter ce qu'il ne saurait bien sûr que répéter, puisque cela ne sera jamais qu'une répétition, mais dans le but, mais au dessein de faire ressurgir l'unair primitif d'un de ses tours. Avec ce que je viens de vous dire, je n'ai pas besoin de mettre l'accent sur ceci, c'est que déjà cela joue avant que le sujet sache bien compter. En tout cas, rien n'implique qu'il ait besoin de compter très loin les tours de ce qu'il répète, puisqu'il répète sans le savoir. Il n'est pas moins vrai que le fait de la répétition est enraciné sur cet unair originel, que comme tel cet unair est étroitement accolé et coextensif à la structure même du sujet en tant qu'il est pensé comme répétant au sens freudien" (LACAN, 1961-1962, Leçon 12, 7 mars 1962, inédit).

¹⁴³ (LACAN, 1961- 1962, inédito, Lição de 7 de Março).

¹⁴⁴ Livre tradução de: "j'énonce qu'il n'y a pas de rapport sexuel" (1971-1975, inédit).

recobre o núcleo real do inconsciente, o não saber intrínseco ao ser falante. Nesse contexto, a fantasia fundamental demarca uma concepção singular de relação "sexual" como Outro, que se traduz em $\$ < > a$, que tem como paradigma a fantasia estudada por Freud (1919a/ 2006) em *Uma criança é espancada*.

O surpreendente, que a clínica com sujeitos identificados à posição feminina e Freud (1919a/ 2006) nos ensinam é que essa posição absolutamente excêntrica na fantasia, através da qual o gozo de cada um é alcançado, parece implicar necessariamente um gozo masoquista. Imbricam-se, assim, masoquismo, pulsão de morte, pulsão sexual e linguagem, como nos indica Jorge (2010). Lacan comenta que “uma situação que se repete como uma situação de fracasso [...] implica as coordenadas [...] de identidade significativa [...] que deve ser repetida” (LACAN, 1966-1967/ 2003, p. 106)¹⁴⁵.

Nesse sentido, ao contrário do sujeito hegeliano, que "desde a origem até o fim, sabe o que quer" (LACAN, 1960/1998, p. 817), o sujeito dividido pelo desejo/ Lei repete precisamente a sua fantasia fundamental, que além de inconsciente, acreditamos ser masoquista. Por cancelar o gozo sexual, essa fantasia exerce um especial poder sobre o sujeito, capturando-o em sua teia significativa. Essa dimensão significativa que “asseguro-lhes, não poderia se repetir, mas que sempre obriga o sujeito a reencontrá-lo”¹⁴⁶ (LACAN, 1961-1962, Lição de 30 de Maio de 1962, inédito) [e] que toma essa forma, que é, propriamente falando, o corte.

“O corte é um traço que se recorta”¹⁴⁷ (LACAN, 1961-1962, Lição de 30 de Maio de 1962, inédito). É o significativo também que fustiga o sujeito como um “chicote” (LACAN, 1957- 1958/ 1999, p. 250). Parafraseando João Cabral de Melo, é a “faca íntima [...] parte da anatomia [que] ninguém do próprio corpo poderá retirá-la [...] não pode contra ela a inteira medicina [...] nem a mão de quem sem o saber plantou” (MELO NETO, 2001, p. 187-202). Esses significantes que revelam a relação do sujeito com o objeto *a* na fantasia não estão nas profundezas do inconsciente. Como os estudos de Lacan com a banda de Moebius e com a figura do *cross-cap* ajudam a perceber, a fantasia inconsciente surge na linguagem, com a mesma facilidade com que uma formiga passa do que seria o interior para o exterior dessas

¹⁴⁵ Livre tradução de: “*una situación que se repite como situación de fracaso [...] implica las coordenadas [...] de identidad significativa [...] que debe ser repetido. Pero [...] la situación repetida está perdida como situación de origen*” (LACAN, 1966-1967/ 2003, p. 106).

¹⁴⁶ Livre tradução de: “*je vous assure, ne saurait se répéter, mais qui toujours oblige le sujet à la retrouver*” (LACAN, 1961-1962, Leçon de 30 Mai 1962, inédit).

¹⁴⁷ Livre tradução de: “*je vous assure, ne saurait se répéter, mais qui toujours oblige le sujet à la retrouver*” (LACAN, 1961-1962, Leçon de 30 Mai 1962, inédit).

duas figuras. Por essa razão, a analisanda pode enunciar, mesmo "sem o querer", algo tão particular à sua maneira de gozar. Foi em análise que ela pôde associar a sua compulsão em falar “essas coisas” com uma determinada posição secreta que lhe excitava e, portanto, lhe dizia respeito.

Lembramos a indicação de Freud (1908a/ 2006), de que a satisfação sexual é decorrente da fusão da atividade física com determinada fantasia. Para Lacan, a fantasia fundamental é o axioma que rege o gozo sexual, impondo-se ao sujeito como a congruência entre o que lhe é mais íntimo, seu desejo, e o que lhe é mais estranho, seu gozo. Nesse sentido, o que se mantém constante no gozo sexual de um sujeito na neurose é a estrutura axiomática de sua fantasia. Ela é irreduzível porque é a estrutura que baliza o sujeito, enquanto sujeito de desejo, desejo aqui utilizado como “vontade de gozo”(LACAN, 1962/ 1998, p. 784).

Compreendemos a fantasia fundamental como a construção simbólica, imaginária e real, na qual o sujeito se oferece como objeto do Outro, cujo desejo aponta para um terceiro lugar: *vá logo atrás da outra*, provoca a analisanda. Miller propõe que o “aspecto imaginário corresponde a tudo que o sujeito pode produzir como imagens, tanto do aspecto do seu mundo quanto de personagens de seu ambiente” (MILLER, 1983/ 1987, p. 111).

Além da dimensão imaginária, de cena que se atualiza com os ingredientes da realidade recente, há uma dimensão simbólica, que organiza a fantasia como uma frase; e uma dimensão real, que repete precisamente essa singular relação com o Outro, que transgride o princípio do prazer. Assim, apesar das cenas nas quais o sujeito se situa como objeto *a* retido e remendado ao gozo do Outro variarem, a estrutura significante que as descreve, a oração, se mantém a mesma. É essa repetição significante que é buscada, diz Lacan (LACAN, 1961-1962, lição de 7 de Março de 1962, inédito).

Esse recobrimento significante, ao qual o sujeito se aliena no instante do gozo, se impõe, apesar da operação de separação já ter ocorrido, e se imiscui na estrutura gramatical da fantasia. Constitui a “poesia inconsciente” do sujeito (LACAN, 1966 -1967, lição de 11 de janeiro de 1967, inédito).

No grafo 1 de a *Subversão do sujeito e a dialética do desejo* (1960/ 1998), Lacan, de fato, enfatiza que $S \rightarrow S'$ funciona como ponto de basta, “pelo qual o significante detém o deslizamento da significação; [...] o peixe que ele fiska” (LACAN, 1960/ 1998, p. 820). Comentando o grafo, Soler afiança que “a fantasia é um ponto de basta”(SOLER, 1997/2004, p. 55), diante do enigma do desejo do Outro (*Che Vuoi?*). Assevera que a fantasia é o *script* de gozo “seja na masturbação seja na própria relação sexual” (SOLER, 1997/2004, p. 53).

Esse ponto de vista tende a capturar o sujeito em várias das interpretações com as quais se apropria da realidade percebida, lançando mão do “*prêt à porter* da fantasia”; “definimos realidade o pronto a ser usado da fantasia”¹⁴⁸ (LACAN, 1966-1967, lição de 16 de Novembro de 1966).

Nesse sentido, defendemos a tese que o momento do clímax sexual ocorra no instante da fantasia, quando o sujeito reduz-se à posição de objeto vilipendiado no desejo do Outro. Pensamos que a fantasia fundamental condense as peculiares coordenadas estruturais de relação com o Outro, em que cada sujeito organizado no campo da neurose vê-se fixado, por causa de seu gozo.

Ou seja, no momento lógico da castração simbólica uma fantasia singular de relação com o Outro se inscreve, fixando o sujeito na posição de objeto de gozo do Outro. A fantasia fundamental corresponderia à interpretação mais axiomática de como o sujeito satisfaria o gozo do Outro. “O que o neurótico visa, como objeto, é a demanda do Outro, o que o neurótico demanda, quando ele demanda apreender *a*, o inapreensível objeto de seu desejo, é *a*, o objeto do Outro”¹⁴⁹ (LACAN, 1961-1962, lição de 30 de maio, inédito).

Tanto na histeria como na neurose obsessiva, [...] a fantasia [permite] que o Outro apareça completo [...] manejar as coisas de modo que o Outro apareça, por exemplo, como dono e senhor de seu desejo, o que equivale também a que não tenha desejo (MILLER, 1984/ 1986, p. 37).

Identificando-se ao objeto *a* da fantasia, o sujeito situa-se naquele instante preciso como se fora o falo do Outro.

Esse ponto [...] em torno do qual se sustenta a própria possibilidade de estrutura entrecruzada do boné ou do cross-cap, é por esse ponto que simbolizamos o que pode introduzir um objeto *a* qualquer, no lugar do buraco. Esse ponto privilegiado, nós conhecemos suas funções e sua natureza, é o falo, na medida em que é por ele, enquanto operador, que um objeto *a* pode ser posto no lugar¹⁵⁰ (LACAN, 1961-1962, lição de 23 de maio de 1962, inédito).

Lacan nos instrumentaliza ao mostrar que a fantasia dá as coordenadas do desejo, tendo em vista que “o desejo [é] vontade de gozo” (LACAN, 1962/ 1998, p. 784) e que “só se

¹⁴⁸ Livre tradução de: “*nous définirons réalité ce que j'ai appelé tout à l'heure le prêt à porter le fantasme*” (LACAN, 1966-1967, 16 novembre 1966).

¹⁴⁹ Livre tradução de: “*ce que le névrosé vise comme objet, c'est la demande de l'Autre; ce que le névrosé demande, quand il demande à saisir a, l'insaisissable objet de son désir, c'est a, l'objet de l'Autre*”. (LACAN, 1961-1962, 30 Mai)

¹⁵⁰ (LACAN, 1961-1962, 23 Mai de 1962).

pode dizer gozo explicando que se trata do sujeito reconstituído da alienação, ao preço de ser apenas o instrumento do gozo” (LACAN, 1962/ 1998, p. 786). Através dessa redução instantânea, em fantasia, ao “Tu és apenas isso”, posição de alienação ao significante que supõe lhe advir do Outro; o sujeito inscreve-se numa cena em que desempenha a função de instrumento de gozo do Outro, extraindo daí um gozo masoquista.

Algumas das análises que conduzimos se iniciaram com o intuito de romper com determinada repetição que caracterizava suas vidas e que haviam adquirido a força de um *destino*. Com o avançar dos percursos, pôde-se notar que esses destinos mantinham relação com suas particulares e excêntricas posições de gozo na fantasia, que as identificava ao pior de si, seu estranho-familiar.

Dessa feita, pensamos que a unicidade significante buscada a cada repetição, que não deveria acontecer, mas com a qual o sujeito se obriga ao reencontro, participe de sua identificação inconsciente, apesar de seus esforços conscientes para se livrar da armadilha de seu gozo, que o coloca identificado à posição de objeto *a* em sua fantasia. Chamamos de *armadilha* essa identificação inconsciente, visto que sustentamos, com Freud (1919a/ 2006), que o gozo que aprisiona um sujeito inserido na neurose e situado na posição feminina em sua fantasia seja masoquista. Miller afirma que “contrariamente às formações do inconsciente [...] há uma monotonia da fantasia” (MILLER, 1984/ 1986, p. 21), que tem como paradigma uma frase-variação de ‘*Uma criança é espancada*’.

Quando a fantasia está conjugada à atividade sexual, ela permite a satisfação libidinal, mas devido a sua peculiar estrutura masoquista, apontada por Freud (1919a/ 2006), ela é também fonte de sofrimento psíquico e angústia, especialmente, quando se confunde de modo maciço com a percepção da realidade, uma vez que “tudo que nos é permitido abordar de realidade resta enraizado na fantasia” (LACAN, 1972/ 2003, p. 127).

Ou seja, a fantasia se infiltra na realidade, e “o sujeito [...] imagina-se, pelo efeito disso que lhe constitui como sujeito, isto é, o efeito do significante, sustentar o objeto que lhe vem preencher a lacuna, o buraco do Outro, e isso é fantasia”¹⁵¹ (LACAN, 1961-1962, lição de 23 de maio de 1962, inédito).

O que defendemos nesta tese, por tê-lo constatado clinicamente, em alguns casos de mulheres inseridas no campo da neurose e que freqüentam a posição feminina é que a identificação do sujeito com o objeto *a*, que *vem preencher o buraco do Outro*, não ocorre

¹⁵¹ Livre tradução de: “le sujet [...] s’imagine, de par l’effet de ce qui le constitue comme sujet, c’est-à-dire l’effet du signifiant, supporter l’objet qui vient pour lui combler le manque, le trou de l’Autre, et c’est cela le fantasme (LACAN, 1961- 1962, p. 23 Mai 1962, inédit).

apenas no instante do clímax sexual, mas infiltra-se em determinadas relações afetivas importantes, comprometendo-as e provocando intensa angústia. Dito de outro modo, a escuta psicanalítica nos levou a perceber que grande parte dos sofrimentos psíquicos que nos são relatados, relativos aos diferentes campos da vida, com bastante frequência mantêm uma relação direta com a identificação inconsciente que cada uma tem com seu objeto *a* na fantasia.

O trabalho analítico pode permitir a cada analisando reconhecer essa importante identificação secreta, ao qual seu gozo está aprisionado, garantindo-lhe *certa identificação* secreta, sem que precise repeti-la nesses outros campos. Traduzido em outros termos:

A análise pode permitir que a identificação secreta possa ser melhor aceita pelo sujeito, de forma que ele possa *savoir y faire* com o real, ou seja, usar a fantasia como seu ingrediente particular a sustentar seu gozo no ato sexual e não fora dele. Estará assim avisado sobre o *lhe* faz gozar na intimidade do sexo e se permitirá usar isso em seu proveito, em proveito de seu corpo, mas não de sua alma, formando sintomas. Goza e pronto! Segue sua vida. No ato sexual ultrapassa a culpa, mas em outros âmbitos, estará atento para não sucumbir a ela (MANSO, 2015, em supervisão).

A percepção da íntima ligação entre a fantasia que estrutura o sujeito e a interpretação da realidade exige que um significativo percurso analítico tenha sido realizado. Miller (1983/1987) considera que a ética da Psicanálise refira-se à fantasia. O analista não tem como objetivo a adaptabilidade do analisando às normas sociais, embora, evidentemente, espere-se que o analisando se beneficie do trabalho analítico, sendo mais feliz no amor e no trabalho, ou seja, que adquira lucros secundários com o que decida fazer com àquilo que até então repetia sem sabê-lo.

Na neurose, o percurso analítico permite ao analisando interrogar-se sobre a fantasia que comanda seu gozo, abrindo um intervalo entre a percepção da realidade e a sua posição privilegiada de sujeito na fantasia. A falta desse intervalo faz com que o sujeito sofra de uma maneira particularmente dramática, pois ao antever na realidade à realização da fantasia sucumbe à neurose. Nesse sentido, Miller ressalta que “é crucial que o analista conheça sua própria fantasia fundamental para não ser enganado por ela. É essencial para o analista que tenha a possibilidade de tomar certa distância com relação à própria fantasia” (MILLER, 1983/1987, p. 149).

O neurótico, com frequência, pensa estar na iminência de ver materializado na realidade compartilhada “sua unicidade significativa [repetindo] o que evidentemente não

poderia repetir [...] o unário primitivo [...] estreitamente colado e co-extensivo à própria estrutura do sujeito”¹⁵² (LACAN, 1961-1962, lição de 7 de março, inédito,).

Dessa feita, a fantasia tende a projetar o sujeito na posição de objeto assujeitado ao que supõe ser o gozo do Outro, através de um significante, ao qual se vê subordinado. Esse enquadre funciona como um axioma para cada sujeito e afeta toda a percepção da realidade e, por isso, espera-se que a direção do tratamento possibilite o desdobramento de novos significados, expandindo o que era fechado.

A escuta analítica, a análise pessoal e a teoria nos conduzem a afirmar que: se por um lado, a fantasia conjuga o desejo inconsciente do sujeito, por outro, o menor indício de sua potencial materialização na realidade compartilhada causa *horror* ao Eu, provocando reações contundentes e intempestivas de defesa.

Defendemos a hipótese de que, por se identificar inconscientemente à posição ocupada na fantasia na qual seu gozo está atrelado, o sujeito reage ao menor sinal de uma eventual materialização dessa fantasia, seja em alguma relação de trabalho, amorosa ou familiar. Consideramos que a defesa sistemática para que tal posição secreta não se explicita sintetize o cerne da neurose, sendo fonte de intenso sofrimento e angústia. Dessa feita, para não se identificar de maneira tão maciça frente a esse *destino* que assombra, torna-se mister, durante o percurso de análise, admitir a singular posição de sujeito aferida na fantasia, que confere *certa* identidade, embora lhe pareça abjeta. É esse momento de ver, que outorga a cada um certa margem de liberdade.

Em Lacan não se trata de curar o paciente de sua fantasia fundamental [...] o que se busca é uma certa modificação da posição subjetiva na fantasia fundamental. Isso não é uma questão de cura [...] a fantasia fundamental é algo como um resíduo do desenvolvimento de uma análise (MILLER, 1983/ 1987, p. 111).

Ao longo da tese, vimos como o sujeito, tal como a Psicanálise o conceitua, não é auto-explicativo, é efeito de muitas operações lógicas, nas quais a relação com o desejo do Outro é determinante. Mostramos como Lacan trabalha a constituição do sujeito dividido a

¹⁵² "Je pense avoir suffisamment marqué pour vous que la notion de la fonction de la répétition dans l'inconscient se distingue absolument de tout cycle naturel en ce sens que ce qui est accentué ça n'est pas son retour, c'est que ce qui est recherché par le sujet c'est son unicité signifiante, et en tant qu'un des tours de la répétition, si l'on peut dire, a marqué le sujet qui se met à répéter ce qu'il ne saurait bien sûr que répéter, puisque cela ne sera jamais qu'une répétition, mais dans le but, mais au dessein de faire ressurgir l'unair primitif d'un de ses tours. Avec ce que je viens de vous dire, je n'ai pas besoin de mettre l'accent sur ceci, c'est que déjà cela joue avant que le sujet sache bien compter. En tout cas, rien n'implique qu'il ait besoin de compter très loin les tours de ce qu'il répète, puisqu'il répète sans le savoir. Il n'est pas moins vrai que le fait de la répétition est enraciné sur cet unair originel, que comme tel cet unair est étroitement accolé et coextensif à la structure même du sujet en tant qu'il est pensé comme répétant au sens freudien" (LACAN, 1961-1962, Leçon 12, 7 mars 1962).

partir do matema da fantasia fundamental. Vimos também que Freud (1919a/2006) situa a fantasia *Uma criança é espancada*, como um resíduo do complexo de Édipo. Nesse contexto, uma vez constituída a fantasia que estrutura a singularidade do gozo de cada sujeito de desejo, ela permanece ali, pronta para ser usada, *prêt à porter*.

Há uma constância da fantasia, é o chão permanente do sujeito, mas essa constância, um pouco como o baixo contínuo em uma peça musical, mal se ouve, fica em surdina e só emerge, como diz Lacan, no *instante da fantasia*. Quer dizer que as epifanias dessa constância em surdina emergem como espécimes de picos temporais, repetidos em um sujeito cada vez que ele se confronta com o Outro e com a angústia que convoca, imaginária ou realmente, o tampão que lhe é próprio (SOLER, 1997/2004, p. 55).

Alguns anos antes, Miller também utilizara uma metáfora sonora para abordar a fantasia, afirmando que “a fantasia é como acordeão: pode recobrir toda a vida do sujeito e ser, ao mesmo tempo, a coisa mais oculta e mais atômica do mundo [é]a matriz de todo o seu comportamento” (MILLER, 1983/ 1987, p. 115).

Em síntese, nesta tese, defendemos o argumento de que a unicidade significativa, que confere uma identificação singular ao sujeito e que é procurada nas repetições que compõem a sua neurose particular, tenha sua raiz na fantasia masoquista inconsciente fundadora do sujeito. Indicamos que Soler (1998) é contrária a tese de que as mulheres seriam masoquistas. Acredita que a posição de objeto estaria dada para todos e não apenas para aqueles situados do lado mulher, por isso, considera o masoquismo feminino uma fantasia masculina.

Consideramos certo que as fantasias descritas sob a alcunha de masoquismo feminino possam manifestar-se tanto em casos masculinos, como em femininos, cujas hipóteses diagnósticas sejam de neurose. Cinco anos antes de cunhar o masoquismo feminino, Freud (1919a/2006) descrevera casos de sujeitos que se apresentavam como sendo mulheres, cujas fantasias apresentavam a mesma natureza das que viriam a ser descritas em 1924/2007, a saber, com a sintaxe das orações que as sintetizavam na forma passiva (ser surrado/ ser castrado etc). Na primeira ocasião, embora tivesse anunciado que pretendesse restringir-se aos exemplos femininos, recorreu a casos masculinos de perversão. Já em 1924/2007, ao descrever essa modalidade de masoquismo, preferiu utilizar as cenas oriundas da imaginação de varões. Ao fazer tal opção, esclareceu que “as encenações {*Veranstaltung*} na vida compartilhada que os perversos realizam correspondiam ponto a ponto a essas fantasias“

¹⁵³(FREUD, 1924/2007, p. 167). Logo, em ambos os artigos, no de 1919a/2006 e no de 1924/2007, é clara a prevalência do masoquismo feminino em fantasias tanto em sujeitos que se identificam como "homens", como os que se apresentam como "mulheres".

Os recortes clínicos apresentados ao longo desta pesquisa ratificam a ascendência do masoquismo feminino, a saber, através da posição de instrumento de gozo do Outro na fantasia fundamental. Enfatizamos que os sujeitos atendidos ressaltaram a necessidade de avistar nos parceiros determinados traços comuns às suas respectivas fantasias inconscientes, de modo a usufruírem de seu gozo. Suas escolhas inconscientes incluíam tais aspectos. Sem a travessia de trabalho analítico, de fato, só era possível "ouvi-las deplorar seus penares" e queixarem-se de "seus dedos podres" nas escolhas dos parceiros.

Argumentamos que muitos sujeitos identificados à posição feminina, e não apenas o "masoquista", ocupam o lugar de rebotalho na fantasia de relação com o Outro, embora deplorem isso que lhes parece tão absurdo e estranho em si mesmos. Ou seja, as análises que conduzimos nos levaram a constatar que há importantes conexões entre a posição privilegiada por cada sujeito na fantasia que chancela o seu clímax sexual e as diferentes posições que assume nos demais aspectos de sua vida, como na escolha profissional ou na forma de se colocar na relação afetiva. Miller observa que "é freqüente encontrarmos em análise mulheres feministas com fantasias masoquistas [...] contradizem seus ideais. São por isso, às vezes, causa de muito sofrimento" (MILLER, 1983/1987, p.102).

Pode-se dizer que a direção do tratamento na neurose verse em facilitar que o sujeito, ao confrontar-se com algo que lhe diga respeito de maneira inequívoca - sua forma privilegiada de relação com determinadas articulações significantes oriundas do Outro que lhe habita -, possa distinguir esse campo de subjetividade dos demais laços sociais. Ou seja, o desafio de cada um consiste na invenção de outras maneiras de lidar com isso que lhe diz respeito enquanto sujeito de desejo, de saber fazer algo novo (*savoir y faire*) com 'isso'. Por essa razão, as intervenções, os atos, os silêncios e as indagações do analista devem levar em conta precisamente esse campo significativo particular e singular que indica o que é mais caro¹⁵⁴ àquele sujeito. Nesse sentido, a presente pesquisa tem o mérito de se debruçar precisamente sobre os efeitos da fantasia sobre a sexualidade feminina e demais aspectos da vida.

¹⁵³Livre tradução de: "masoquismo femenino, es el más accesible a nuestra observación, el menos enigmático" [...] "Las escenificaciones {Veranstaltung} reales de los perversos masoquistas responden punto por punto a esas fantasías" (FREUD, 1924/ 2006, p. 167).

¹⁵⁴Em toda a extensão do termo.

Observemos que, quando se trata dos sintomas, sonhos, lapsos, atos falhos [...] todo esse campo que Lacan chama 'as formações do inconsciente', encontramos livros, livros e mais livros [...] Mas não há livros compostos à base de uma grande diversidade de fantasias, fato sobre o qual vale a pena refletir [...] contrariamente às formações do inconsciente [...] dimensão tão divertida da Psicanálise que apaixona todo mundo há 80 anos - há uma monotonia da fantasia. (MILLER, 1983/ 1987, p. 104).

Durante, o percurso de elaboração da tese, novos dados clínicos relativos à clínica com homens, inseridos no campo da neurose trouxeram contribuições importantes para a discussão do masoquismo no que tange à estrutura da fantasia fundamental. Tais dados deverão ser objeto de pesquisa futura. Almejamos, assim que a clínica nos forneça mais elementos, para articulá-los com as últimas contribuições de Lacan, relativas ao *sinthoma* e à teoria dos nós. Neste momento, porém, preferimos avançar até onde os achados clínicos nos autorizavam a ir, desdobrando em futuro próximo novas articulações.

É preciso dizer ainda que todo sujeito tem muitas fantasias felizes, dramáticas, outras ainda trágicas referentes a modos diversos de conseguir reconhecimento e o amor do Outro. Sustentamos, porém, que a fantasia fundamental no escopo da sexualidade feminina seja comandada pela dimensão masoquista que repete um modo exclusivo do sujeito sentir a dor psíquica ao assistir o desejo do Outro se dirigir para alhures: “fantasia em que o sujeito figura como criança espancada torna-se a relação com o Outro por quem se trata de ser amado” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 256).

Diante do vazio frente ao enigma do desejo do Outro, cada um toma “um ponto de emissão [...] uma voz” (LACAN, 1962/ 1998, p. 783) que supõe reverberar rum traço do gozo do Outro para construir a sua fantasia. Assim como numa “procissão de cegos de Bruegel, cada um [...] tem a mão na mão daquele que o precede” (LACAN, 1962/ 1998, p. 796). Dito de outra maneira, a fantasia que rege o desejo de cada um é construída com o que cada um apreende inconscientemente corresponder ao gozo do Outro.

Finalmente, consideramos que o final de análise implique necessariamente na aquisição, por parte do analisando, de um *saber* sobre a sua posição privilegiada na fantasia ao qual se encontra fixado.

Quando o percurso analítico permite que essas peculiares características da fantasia não ecoem indiscriminadamente, na realidade compartilhada, por exemplo, na vida amorosa, tal conquista não exime o sujeito de algum sofrimento e de culpa. Uma analisanda expressa bem a dor advinda desse longo e minucioso trabalho realizado até que conseguisse modificar o estatuto da relação afetiva que mantivera, por anos: “*tenho tudo para estar feliz, estou conseguindo algo que sempre sonhei, mas às vezes me sinto péssima*”. Outra analisanda que

também realizara um percurso significativo, autorizando-se a ter, finalmente, um relacionamento com vida sexual ativa assinala :*"eu deveria estar feliz, finalmente consegui um relacionamento diferente, mas às vezes, fico triste, pensando se não seria aquilo o que seria amor de verdade"*.

Em *O mal-estar na cultura* (1930 [1929]/ 2006), Freud interroga-se sobre a dificuldade do ser humano em ser feliz. Depois de apontar a fragilidade do corpo frente às forças da natureza e a insuficiência das normas que regulam os vínculos afetivos entre os homens, ele assinala “a nossa própria constituição psíquica”¹⁵⁵(FREUD, 1930 [1929]/ 2006, p. 85)como uma das mais poderosas responsáveis pela infelicidade do humano.

Questão central, causadora de intenso sofrimento psíquico, sobretudo nas questões amorosas, a fantasia fundamental reverbera na identificação do sujeito. “Lá onde Isso era, Eu (o sujeito) devo advir”¹⁵⁶ (FREUD, 1933a [1932], p. 74). Compreendemos esse famoso aforismo freudiano como: ali onde a fantasia inconsciente comanda a posição de gozo ao qual o sujeito de desejo está submetido, o sujeito que desbravou um pouco a "selva da fantasia" (MILLER, 1983/ 1987, p. 112) pode conseguir promover algumas mudanças nas suas repetições automáticas.

Avaliamos que o longo e custoso percurso analítico, embora totalmente incapaz de oferecer uma felicidade absoluta, valha à pena, pelo quinhão de liberdade que se pode adquirir frente à fantasia. Tal percurso proporciona *alguma* felicidade: "a troca do sofrimento neurótico pela infelicidade comum" (FREUD, 1893-1895, in *Estudos sobre histeria*).

¹⁵⁵Livre tradução de: "*nuestra propia complexión psíquica*" (FREUD, 1930 [1929]/ 2006, p. 85).

¹⁵⁶Livre tradução de: "*Wo Es war, soll Ich werden*"-"*Donde Ello era, Yo debo devenir*"(FREUD, 1933a [1932], p. 74).

REFERÊNCIAS

- ANDRÈS, M. Outro. In: KAUFMANN, Pierre, Ed. *Dicionário enciclopédico de psicanálise o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.p. 385-387.
- AULAGNIER, P. L' espace ou le Je peut advenir. In: _____.*La violence de l'interprétation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1975. p.129- 213.
- AULAGNIER, P.; SPAIRANIL. Remarques sur le masochisme primaire. *L'arc, numéro spécial sur Freud*, n. 34, p 47- 54
- CABAS, A. G. *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: J. Zahar,2009.
- CALDAS, H. Escrita no corpo: gozo e laço social. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, versão impressa*,Rio de Janeiro, v.16, n.spe, abr. 2013. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982013000300008>>. Acesso em: 14/12/2014.
- COSTA PEREIRA, M. E. Cullen e a introdução do termo "neurose" na medicina (2010). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* , São Paulo, v.13, n. 1, Mar. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142010000100009>>. Acesso em: 23/12/2014.
- FERENCZI, S. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. (1929). In:_____.*Obras completas*. São Paulo: M. Fontes, 1992. p. 47- 51.
- FINK, B. O sujeito e o desejo do outro. In:_____.*O sujeito lacaniano*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 71-92.
- FLORENCE, J. Le complexe d'Œdipe et les institutions du moi. In: _____.*L'identification dans la théorie freudienne*. Bruxelles, Facultés universitaires Saint-Louis, p 161-263, 1984.
- FREUD, A. *Introdução à psicanálise*. Palestra de 1922-35. Londres: The Hogarth Press, 1974.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.1. p. 335-445.
- _____. Proyecto de psicología (1950[1895]). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*, Buenos Aires: Amorrortu, 2007. v.1. p. 323-446.
- _____. Carta 69 (21 de Setembro de 1897). In:_____.*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.1. p. 309-319.
- _____. La interpretación de los sueños (1900). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*, Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v.4 e 5.

FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade (1905). In: _____. *Edição standard brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7. p.117-231.

_____. Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen (1907 [1906]) In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9. p.15 - 90.

_____. El creador literario y el fantaseo (1908 [1907]). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*, Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v.9. p. 123-136.

_____. Escritores criativos e devaneio (1908 [1907]) In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9. p.135-148.

_____. Las fantasías histéricas y su relación com la bisexualidad (1908a). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v.9. p. 137-147.

_____. Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade (1908b) In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9. p.145-154.

_____. Sobre las teorías sexuales infantiles (1908c). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v.9. p. 183-201.

_____. Apreciaciones generales sobre el ataque histérico (1909 [1908]a). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v.9. p. 203-211.

_____. La novela familiar de los neróticos (1909 [1908]b). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v.9. p. 203-211.

_____. Totem e Tabu (1923[1912-1913]) In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v.13. p 1-164.

_____. O Tema dos Três Escrutínios (1913). In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12. p.313-325.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.p. 323 – 446.

_____. Introducción del narcisismo (1914). In: _____. *Obras psicológicas completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. v. 14. p. 65-98.

_____. A pulsão e suas vicissitudes (1915a) In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.14. p. 115-143.

FREUD, S. Luto e melancolia. (1917- [1915]). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14. p. 243-263.

_____. Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica (1915b). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14. p. 268-279.

_____. Conferência XXIII. Os caminhos para a formação dos sintomas (1916- 1917). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 16. p. 361-378.

_____. Uma criança é espancada (1919a). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 17. p.193- 218.

_____. Pegan a un niño (1919a). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 17. p. 174-200.

_____. O Estranho (1919b). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 17. p. 235-273.

_____. Além do princípio do prazer (1920). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18. p. 11-76.

_____. Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921) In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.18, p. 79 -154.

_____. Psicología de las Masas y Análisis Del yo (1921) In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. v. 18, p. 63 -136.

_____. O eu e o id (1923) In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 15-80.

_____. El yo y el ello (1923-1925). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. v. 19, p. 3 – 66.

_____. O problema econômico do masoquismo (1924) In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p.173-188.

_____. El problema económico del masoquismo (1924). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*, Buenos Aires: Amorrortu, 2007. v. 19 p. 163-176

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924) In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p.191-209.

FREUD, S. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 273-286.

_____. A negativa (1925). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p.263-269.

_____. O mal-estar na civilização (1930[1929]). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p.64-148.

_____. El malestar en la cultura (1930[1929]) In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 21, p. 59-140.

_____. Sexualidade Feminina (1931). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21.p.231-251.

_____. Sobre la sexualidad femenina (1931). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. v. 21, p. 225-244.

_____. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. 31a conferencia. La descomposición de la personalidad psíquica (1933a [1932]). In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 22, p. 53-74.

_____. Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. 33a conferência Feminilidade (1933b [1932]). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22. p.113 - 134.

_____. Análise terminável e interminável (1937) In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro Imago, 1996. v. 23, p. 223-270.

GARCIA-ROZA, L.A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008. v. 3 .p. 18-78.

GEREZ-AMBERTÍN, M. *As vozes do Supereu na clínica psicanalítica e no mal-estar da civilização*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2009.

JADIN, J-M. La jouissance comme contrainte. In: JADIN; RITTER. *La jouissance au fil de l'enseignement de Lacan*. Toulouse: Éditions érès,2009. p. 487-489.

JORGE, M A. C. A Pulsão de morte. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte,26.,p. 23-39, 2003.

_____. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. v.1.

_____. A travessia da fantasia na neurose e na perversão *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, 29, p. 29 – 37, 2006a.

_____. Arte e travessia da fantasia. In: RIVERA, T.; SAFATLE, V. (org.). *Sobre arte e psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2006b. p. 61-78.

_____. Do amor ao gozo: uma leitura de “Uma criança é espancada”. *Revista Marraio*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 35 -54, abr. 2007.

_____. *Seminário pulsão de morte*. Rio de Janeiro, 2009. (Palestra proferida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro para alunos do mestrado e doutorado).

_____. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, A clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010. v.2.

IRMEN, F. *Langenscheidt*: dicionário de bolso das línguas portuguesa e alemã. Berlim, Munique, Viena, Zurique: Langenscheidt, 1982.

KAUFMANN, Pierre (ed.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

KEHL, M. R. A Mulher e a lei. In: NOVAES, *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 261 - 273.

KLEIN, M. Amor, culpa e reparação (1937). In: KLEIN, M.; RIVIERE, J. *Amor, ódio e reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 103-104.

_____. As relações entre a neurose obsessiva e os primeiros estádios do superego (1932). In: _____. *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1999. p. 203-235.

KRIS, Ernest Study Group. *Beating fantasies: Regressive Ego Phenomena in Psychoanalysis*. New York: International Universities Press, Inc: 1965.

LAMPL-DE GROOT, J. Réflexion à propôs <des points de vue psychanalytiques sur la psychologie féminine>: 1927-1977. In: _____. *Souffrance et jouissance, Le sexuel féminin*. Paris: Editions Aubier Montaigne, 1983, p.13-33. Après le texte original anglais <The Psychoanalytic Quarterly>, Vol LI, 1982 (no final do artigo encontra-se a data Janvier de 1982, embora no sumário o ano dessa mesma publicação em inglês seja 1983), N 1, pp1 à 18, traduction: Marie-Lise Lauth.

_____. J. Masochisme et narcissisme (1936). In: _____. *Souffrance et jouissance, Le sexuel féminin*. Paris: Editions Aubier Montaigne, 1983, p.139- 155.

LACAN, J. *O seminário, livro 1*: escritos técnicos de Freud (1953- 1954). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.

_____. *O seminário, livro 2*: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954- 1955). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

_____. *O seminário, livro 4*: a relação de objeto (1956- 1957). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

LACAN, J. *O seminário, livro 5*: as formações do inconsciente (1957- 1958). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

_____. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

_____. *O seminário, livro 9: L'identification* (1961-1962) inédito.

_____. *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos da psicanálise*, (1964). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. *O seminário, livro 14: la lógica del fantasma* (1966-1967) inédito.

_____. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969- 1970). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

_____. *Le séminaire, Livre XVII, L'envers de la psychanalyse*, 1969-1970, Paris, Seuil, 1991.

_____. *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblant* (1970-1971). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

_____. *O Seminário, livro 19, Ou ainda pior* (1971- 1972). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012.

_____. *O seminário, livro 20: Mais, ainda.* (1972-1973). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

_____. *O seminário, livro 23: O sintoma*(1975-1976). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

_____. *O estágio de espelho como formador da função do eu* (1948). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 96-103.

_____. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 591 - 652.

_____. *A significação do falo* (1958). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 692 - 703.

_____. *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1960 [1958]). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 734 - 745.

_____. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 807 - 842.

_____. *Kant com Sade* (1963). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 776 - 803.

_____. *Nota sobre a criança* (1968). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 369 - 370.

LACAN, J. *Alocução sobre as psicoses da criança* (1968). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 259 - 368.

_____. O aturdito. In: _____. *Outros escritos* (1972). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003, p.448 - 497.

_____. R. S. I. (1973-1974), inédito.

_____. A Terceira. (1974), inédito.

LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires, 1988.

LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAUTH, M.L. Préface. In: _____. *Souffrance et jouissance*. Paris: Editions Aubier Montaigne, 1983, p.5 -11.

LECLAIRE, Serge. *Psychanalyser. Um essai sur l'ordre de l'inconsciente et la pratique de la lettre*. Édition du Seul, France, 1968.

_____. *Démasquer le réel. Um essai sur l'objet em psychanalyse*. France: Édition du Seul, 1971.

_____. *On tue un enfant, un essai sur le narcissisme primaire et la pulsion de mort suivi d'un texte de Nata Minor*. France: Édition du Seul, 1975.

_____. *Mata-se uma criança. Um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

LESSANA, M-M. *Entre mère et fille: un ravage*. Paris: Pauvert, 2000.

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Malaguarnera, S. Théorisations psychanalytiques sur l'autisme et psychose infantile et l'école du Quotidien, Publibook, 2006, p. 216-220. Disponível em: <<http://malaguarnera-psy.wifeo.com/index-fiche-23425.html>> Acesso em: 1/1/2015.

MANSO, Rita M. Barros. O que é ser menina? Alguém ensina? In: NOVAES, M. H.; DUPRET, L. *Educação, cultura e potencial humano*. Rio de Janeiro: Revinter, 1999. p. 57-72.

_____. *Seminário de mestrado do programa em teoria e clínica psicanalítica, da UERJ*. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Psicologia, 2008.

_____. Quando a sexualidade habita o corpo. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICANÁLISE NA UFC, 3. 2000, UFC, 2000. Disponível em: C.D.ISBN 858921502-4.

_____. Escrita no corpo: gozo e laço social. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, versão impressa* Rio de Janeiro, v.16, n.spe, abr. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982013000300008>>. Acesso em 14/12/2014.

MANSO, Rita M.; OLIVEIRA, G. T. As margens da pulsão. *Letra Freudiana*, ano XXIII, n. 33, 2004.

MELO NETO, J. C. Uma faca só lâmina. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 187-202.

MIJOLA, A. *Dicionário internacional da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

MILLER, J-A; RABINOVICH, D. S. (1984). *Dos dimensiones clinicas: sintoma y fantasma*. Buenos Aires : Manantial SRL, 1987. P 91-149.

MILLER, J-A. (1983/ 1987). Duas dimensões clínicas: sintoma e fantasia. In: _____. *Percurso de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. O inconsciente real. Disponível em: <www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n4/pdf/artigos/JAMIncons.pdf>. Acesso em: 6/1/2014.

_____. Minha garota e eu. *Opção Lacaniana online*, ano 1, n. 2, p. 13, 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_2/Minha_garota_e_eu.pdf>.

MOREL, G. La différence Des Sexes. In: _____. *Seminaire théorique*. Lille: Association de la Cause Freudienne, 1995. p.118 - 180.

_____. *La loi de la mère et le symptôme séparateur*: palestra proferida no Seminário de Geneviève Morel. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. (Curso Avançado/ Evento: O sujeito e a sexualidade na aurora do século XXI, Programa de Pós-graduação em Psicanálise. Inédito, transcrito em documento de circulação interna da biblioteca do Programa).

_____. Introduction. In: _____. *La loi de la mère*. Essai sur le sinthome sexuel. Paris: Economica Antropos, 2008a. p. 1-8.

_____. Crítica da fantasia fundamental. In: ALBERTI, S.(org) *A sexualidade na aurora do séc XXI*, Rio de Janeiro: Cia de Freud; CAPs, 2008b. p. 133- 148.

NOMINÉ, B. El sujeto es amo de su cuerpo? In: _____. *Estructuras clínicas y salud mental*. Colombia: Universidad Pontifica Bolivariana, Facultad de Psicología, 2000. p. 55 - 69.

PALAZZO NAZAR, M. T. Sade: o desejo e suas aventuras. In: _____. *Jornada Externa SPID perversão e o laço social*. Rio de Janeiro, abr. 2010. (Trabalho apresentado no evento).

PERSON, E. *En torno a <Pegan a un niño> de Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

POLLO, V. Travessia e obstáculos da devastação mãe-filha. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICANÁLISE DA UFC, 4., 2007.

PRADO; SILVA, A. et al. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1983. 2 v.

RIBETTES, J-M. A terceira dimensão da fantasia. *Revirão 1: Revista da Prática Freudiana*. Rio de Janeiro, n. 1, p.110-123, jul. 1985.

RINALDI, D. Freud e a moralidade. In: _____. *A ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1996. p.43-65.

RITTER, M. Pour introduire à la jouissance. In: JADIN; RITTER. *La jouissance au fil de l'enseignement de Lacan*. Toulouse: Éditions érès, 2009. p. 13-29.

_____. Le carrousel des jouissances ou les variantes de la jouissance In: _____. JADIN; RITTER. *La jouissance au fil de l'enseignement de Lacan*. Toulouse: Éditions érès, 2009. p.490 - 508.

RIVIÈRE, J. Womanliness as a masquerade. *International Journal of Psychoanalysis*.v. 10, p. 303-313, 1929.

ROUDINESCO-PLON, E.-M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

RUDGE, Ana Maria. Considerações sobre a realidade psíquica. *Cad.Temp.Psic*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 81- 93, 1996.

_____. *Pulsão e linguagem esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. A pulsão de morte como efeito do Supereu. *Revista Ágora*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 79- 89. jan./ jun. 2006a. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/agora/v9n1/a06v9n1.pdf>>. Acesso em: 7/1/ 2015.

_____. Prefácio In: _____. *Traumas*. Beth Fucks et al. (col.). São Paulo: Editora Escuta, 2006b (Biblioteca de psicopatología Fundamental).

SHAKESPEARE. W. MacBeth. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988. v. 1.

SOLER, C. Mulheres. In: _____. *Psicanálise na Civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998. p. 187-251.

_____. A mãe no inconsciente. In: _____. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2003/2005.

_____. C. *Como o real comanda a verdade*. Rio de Janeiro, 2008. Palestra proferida na X Jornada das Formações Clínicas do Campo Lacaniano: os destinos da verdade: psicanálise e arte, ciência e religião. Inédito.

_____. Trauma e fantasia. In: _____. *Stylus: Revista de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Associação Fóruns do Campo Lacaniano, nº outubro 2004; Versão de artigo anteriormente publicado em *Quarto*, Bruxelles, n. 63, 1997.

VALAS, P. *As dimensões do gozo: do mito da pulsão às derivas do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

VINOT, F. Observations au Séminaire d'École doctorale, Déc. 2014.

VIVÈS, J-M. *Seminário Supereu, violência e poder*. Rio de Janeiro. Trabalho apresentado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, organizado pelo Corpo Freudiano Escola de Psicanálise do Rio de Janeiro, seção Rio de Janeiro, em 9 de Novembro de 2010, inédito.

WIKIPÉDIA. Disponível em:

<http://fr.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Accueil_principal>. Acesso em: 14/12/2014.

APÊNDICE A – Le fantasme et ses effets sur la sexualité féminine

OBJECTIF

La thèse examine le concept de fantasme chez Freud et Lacan et l'incidence du fantasme sur la sexualité et d'autres aspects de la vie - comme le travail et l'amour- de certaines femmes névrotiques rencontrées à l'occasion de ma pratique clinique.

THÈSE

Je soutiens que c'est la position fixée du sujet dans le fantasme, c'est à dire, dans le temps logique où le sujet s'identifie comme objet de l'Autre, qui donne accès à la jouissance féminine et que cette position secrète, particulière et perverse peut produire des effets sur d'autres champs sociaux, comme ceux de l'amour ou de travail.

INTERET DE LA RECHERCHE

La traversée du fantasme reflète fidèlement la reconnaissance de cette position unique du sujet du désir, fixée et qui, je le crois, se répète, pas seulement dans le champ de la sexualité, mais dans plusieurs domaines. Averti, on peut éviter de la répéter dans la réalité ou se défendre sans cesse de sa matérialisation, comme les cas étudiés vont le montrer.

Jacques-Allan Miller affirme que le désir de l'analyste a la responsabilité "d'obtenir du sujet son fantasme" (MILLER, 1983/1987, p. 125), puisque c'est exactement ce fantasme qui "nous amène à la dimension éthique de la psychanalyse" (MILLER, 1983/1987, p.96). Autrement dit, je crois, que la dimension éthique de la psychanalyse concerne précisément le fantasme masochiste dans ses relations avec le désir et la jouissance du sujet. Reconnu dans le cadre analytique, le sujet devient en peu plus prévenu quant à l'identification perverse qui s'impose à lui, lui permettant de percevoir plus facilement quand le fantasme s'infiltre dans

son interprétation des événements. Pour ces raisons, il est crucial que l'analyste connaisse les effets de son propre fantasme et se soit penché sur l'étude théorique de la question, car elle est centrale dans la clinique.

Notez que lorsqu'il s'agit de symptômes, rêves, glisse [...] tout ce domaine ce que Lacan appelle «les formations de l'inconscient», nous trouvons des livres et des livres et plus de livres [...] Mais il n'y a pas livres composés sur une grande variété de fantasmes, un fait sur lequel il convient de réfléchir [...] contraire aux formations de l'inconscient [...] tellement amusant, dimension de la Psychanalyse que tout le monde tombe amoureux depuis 80 ans - il y a une monotonie fantastique¹⁵⁷ (MILLER, 1983/1987, p.104).

J'ai l'espoir que cette thèse pourra contribuer au débat sur une des questions centrales dans la clinique de la névrose et de la sexualité féminine. Je souligne que dans ma clinique les problèmes de frigidité des quelques femmes névrotiques ont été souvent liés à la difficulté de soutenir consciemment, bien que rapidement dans les moments qui précèdent la jouissance, la rencontre avec cette position d'objet de l'Autre, qui les concerne, mais qui reste refoulée.

INTRODUCTION

À l'occasion du premier chapitre, je discute la spécificité de la notion de sujet dans le champ de la psychanalyse, soulignant certains aspects de la conception de l'identification et les caractéristiques de la position féminine chez Freud et Lacan. Toujours dans ce chapitre, nous allons examiner la spécificité de la notion de jouissance; de masochisme et de masochisme féminin. Je conclus le chapitre en présentant quelques observations de Colette Soler sur le masochisme féminin et mon point de vue sur la question.

Au deuxième chapitre, je présente le développement de l'infans de sa naissance jusqu'à son entrée dans le domaine de la névrose, c'est à dire, sa rencontre avec le complexe d'Œdipe, qui laisse comme résidu une singulière fantaisie masochiste, dont le paradigme est une variation singulière du fantasme *Un enfant est battu*, étudié par Freud en 1919, et repris par Lacan pour soutenir son concept de fantasme.

¹⁵⁷ Libre Traduction de: "Observemos que, quando se trata dos sintomas, sonhos, lapsos, atos falhos [...] todo esse campo que Lacan chama 'as formações do inconsciente', encontramos livros, livros e mais livros [...] Mas não há livros compostos à base de uma grande diversidade de fantasias, fato sobre o qual vale a pena refletir [...] contrariamente às formações do inconsciente [...] dimensão tão divertida da Psicanálise que apaixonou todo mundo há 80 anos - há uma monotonia da fantasia"(MILLER, 1983/ 1987, p. 104).

Au troisième chapitre, je propose une étude approfondie du développement du concept de fantasme dans l'œuvre de Freud jusqu'à l'étude de ce fantasme en 1919. Je présente ensuite quelques élaborations de Lacan sur son concept de fantasme.

Lorsque cela était possible, j'ai inséré des fragments cliniques qui ont contribué à articuler ces différents aspects du fantasme à la question de la sexualité féminine et aux conséquences dans d'autres domaines de la vie. Je finalise, avec une conclusion sur cet univers si complexe, obscur et particulièrement lié aux effets du fantasme dans la sexualité féminine.

EFFETS DU FANTASME SUR LA VIE ET SUR LA SEXUALITÉ FÉMININE

La psychanalyse prend comme un de ses plus importants défis le travail avec les fantasmes inconscients. Freud (1897/1996) a découvert que la réalité qui compte pour la psychanalyse n'est pas exactement celle des faits vécus, mais l'interprétation inconsciente qui est condensée dans un fantasme.

En 1908a/ 2006, dans *Fantasmes hystériques et ses relations avec la bisexualité*, Freud indique que la satisfaction sexuelle est composée de l'activité physique fusionnée à l'évocation d'un fantasme. En, 1919a/ 2006, il met l'accent sur le fait que il y a un fantasme, d'où le sujet extrait une jouissance sexuelle masochiste, dans lequel il occupe la place d'objet de l'Autre, objet battu. Ainsi, malgré la pertinence de tous les fantasme dans la vie psychique, il ya un structure fantasmatique étudiée à l'occasion de l'article *Un enfant est battu*(1919a/ 2006), qui a acquis un statut particulier dans son œuvre, grâce à son étrange connexion avec le masochisme et la pulsion de mort. Jorge (2003) a mis en évidence que la proposition de la pulsion de mort a été annoncée l'année suivant la publication de l'étude sur le fantasme *Un enfant est battu* (1919a/ 2006), où ses racines existent déjà.

L'aspect déconcertant de la psyché découvert par Freud en 1919a/ 2006, peut être résumé comme je viens de le mentionner: c'est précisément à travers un fantasme masochiste, dans lequel le sujet occupe une position perverse, c'est à dire fixée, que la satisfaction sexuelle est atteinte. En d'autres termes, Freud (1919a/ 2006) a noté, dans plusieurs cas de femmes et d'hommes névrotiques et pervers, que la jouissance sexuelle est conjuguée à une structure de fantasme inconscient, dans laquelle la personne qui fantasme est située en

position d'objet de l'Autre et extrait de cette position une jouissance masochiste, qui est le ton, le cœur du fantasme.

Ce fantasme a la forme d'une scène particulière de relation avec quelqu'un investi d'autorité, pour qui le névrosé ou le pervers a un amour important, sexualisé et refoulé. Chez les femmes, Freud distingue trois temps dans ce fantasme: le premier et le troisième rappelés par les analysants, semblent être l'expression d'un fantasme sadique. Le deuxième, qui reste toujours refoulé et selon lui est la phase la plus importante, est sans doute masochiste. Dans son article, Freud résume ce premier temps par la phrase: «Mon père frappe l'enfant que je déteste » (FREUD, 1919a/2006). Il reflète la rivalité et la jalousie de l'enfant avec un autre, par exemple, vers un frère. Selon Freud, ce moment du fantasme n'est encore ni sexuel, ni sadique.

Le troisième temps est déjà associé à la satisfaction sexuelle et peut être synthétisé par l'idée qu'un enfant est battu. On ne sait pas qui frappe, ou qui est cet enfant. Comme cette phase est rappelée avec beaucoup de culpabilité et liée à une jouissance, Freud en déduit qu'il y aurait une phase intermédiaire, qui condenserait un désir incestueux et sa culpabilité. Comme si ce temps ajouté à la fin de l'idée formulée sur le premier temps: « il frappe l'enfant que je déteste » une deuxième idée refoulée : « parce qu'il n'aime que moi » (FREUD, 1919a/ 2006).

Freud conclut que dans ce deuxième temps, l'enfant battu serait la personne qui lui raconte le fantasme, et que le contenu refoulé: Mon père *me bat*, qui équivaut à mon père *m'aime*. Pourtant, la personne qui lui parle ne se souvient que du troisième temps, dans lequel un adulte frappe un enfant quelconque.

On bat. *Ein Kind wird geschlagen*. Cela veut dire que ce n'est pas le sujet qui bat, il est là en spectateur. Freud commence par analyser la chose comme elle se passe dans l'imagination des sujets féminins (LACAN, 1957-1958 236fr Le fantasme au-delà du principe du plaisir; 1999, p. 244).

Pour Freud, le deuxième temps du fantasme chez une femme est masochiste et « enceinte de conséquences » (FREUD, 1919a/2006, p.183). Et bien que le plus important des trois temps, il n'a jamais eu d'existence réelle et, à cause de cela, ne peut qu'être reconstruit dans le cadre de l'analyse. Dans cette structure, *je suis frappé* équivaut à *je suis aimée* et condense l'amour incestueux refoulé et en même temps, la faute, qui en reste comme la seule trace.

Sur ce fantasme, Lacan écrit:

Voyez le tournant de l'histoire de la perversion dans l'analyse. Pour sortir de la notion que la perversion était purement et simplement la pulsion qui émerge, c'est-à-dire le contraire de la névrose, on a attendu le signal du chef d'orchestre, c'est-à-dire le moment où Freud a écrit *Ein Kind wird geschlagen*, texte d'une sublimité totale, dont tout ce qui a été dit après n'est que la petite monnaie. C'est par l'analyse de ce fantasme de fouet que Freud a véritablement fait entrer la perversion dans sa véritable dialectique analytique. Elle n'apparaît pas comme la manifestation pure et simple d'une pulsion, mais elle s'avère être attachée à un contexte dialectique aussi subtil, aussi composé, aussi riche en compromis, aussi ambigu, qu'une névrose (LACAN, 1957-1958, p. 230fr/).

Freud (1919a/ 2006) nous enseigne que ce fantasme, est organisé comme une cicatrice de l'Œdipe. La répétition de ce fantasme reflète que la loi de la prohibition de l'inceste a été intégrée. Elle indique que le sujet est entré dans le champ soit de la névrose, soit de la perversion, car la loi de prohibition de l'inceste a été marquée. Freud (1919a/ 2006) assurant que le ce fantasme est la « cicatrice » et « le résidu du complexe d'Oedipe ».

Prenant les coordonnées du ce texte, après lequel « tout ce qui a été dit [...] n'est que de la petite monnaie », Lacan établit son concept du fantasme. À mon avis, Lacan lie la constitution de fantasme au moment logique de l'entrée de la fonction paternelle, comme l'a fait Freud. Mais, il décante les rôles imaginaires de l'enfant et de la figure d'autorité et propose: "le fantasme où le sujet figure en tant qu'enfant battu - devient la relation avec l'Autre dont il s'agit d'être aimé" (LACAN, 1957-1958, Leçon XIII. Le fantasme au-delà du principe du plaisir).

Ce rapport « avec l'Autre dont il s'agit d'être aimé », il le synthétise par une mathème: $\$ \langle \rangle a$ -sujet divisé par le désir devant un objet a -, qu'il propose tout au long de son œuvre. Toujours, en prenant pour paradigme précisément ce fantasme masochiste étudié par Freud (1919a / 2006)), il y situe la naissance du sujet du désir, indiquant que le sujet divisé est indissociable du fantasme.

Dans son mathème $\$ \langle \rangle a$,

$\$$ - Correspond au sujet divisé par la castration symbolique, c'est-à-dire, par le complexe d'Oedipe.

a - L'objet a est constitué comme une frontière singulière devant l'énigme du désir d'Autre. Il s'agit d'une intersection entre le champ du sujet et le champ de l'Autre. Intersection qui est produite dans l'expérience de l'opération psychique de séparation, abordé au Séminaire, livre 11: *Les quatre concepts fondamentaux de la Psychanalyse* (1964/ 1998).

$\langle \rangle$ indique qu'il existe une fonction entre les deux termes, $\$$ et a , donc, la valeur d'un terme dépend de l'autre; qui a produit sur le sujet l'effet de le diviser.

Ainsi, le fantasme se constitue au moment logique où le proto-sujet se déplace de la position exclusive d'objet de la jouissance de l'Autre maternel, pour une autre position dans laquelle il construit son interprétation inconsciente de ce que l'Autre désirerait. « Le fantasme est construit en étroite relation avec l'énigme du désir de l'Autre, *Che vuoi?* Question à laquelle répondra le sujet avec la construction fantasmatique primordiale" ¹⁵⁸(JORGE, 2006, p. 64).

Je conçois la position secrète du rapport à l'Autre, qui se répète et grâce à laquelle le sujet jouit sexuellement, comme l'axiome fantasmatique. Cette relation se traduit par le rapport du sujet avec l'objet *a*, qui acquiert une forme singulière. Subséquemment, quand on parle du *désir* ou de la position de *sujet du désir*, il faut toujours garder à l'esprit que Lacan connecte le sujet divisé, dans la névrose, à ce rapport particulier dans le fantasme.

Autrement dit, chez le fantasme a un sujet divisé et un objet *a*, qui se mettent dans un rapport particulière, \$ <> a, et ce rapport correspond précisément à la réponse à ce que le sujet a imaginé inconsciemment être dans la jouissance de l'Autre. Pour Lacan (1958/1999), dans la recherche que l'enfant fait de la cause des choses, ce que l'enfant vraiment s'engage à savoir c'est quel est le désir de l'Autre, quelle est sa jouissance.

Le fantasme est donc l'interprétation inconsciente à deux questions: quel est le désir, quelle est la jouissance de l'Autre? *Che vuoi?* La réponse absolument singulière et les signifiants impliqués varient d'un sujet à l'autre, mais la structure axiomatique qui fait que le sujet extrait une jouissance masochiste comme objet de l'Autre, non.

C'est tout à fait vrais que le désir a une nature métonymique, mais il est régi par un point de jouissance, sur lequel le sujet se trouve structurellement fixé. « Pour fantasme je veux dire le deuxième temps de l'analyse de Freud sur *Un enfant est battu*»¹⁵⁹(MILLER, 1984/1986, p.21). C'est précisément, ce deuxième temps qui se révèle être masochiste et qui, je crois, produit des effets dans la sexualité féminine et sur d'autres aspects de la vie. Il faut avoir à l'esprit que « le sujet parle de ses symptômes abondamment [...] sur le fantasme, rien. Bouche cousue. Pas un mot »¹⁶⁰ (MILLER, 1983/1987, p.101).

Le fantasme établit une relation unique entre \$ et l'objet *a*, qui recouvre le fait, souligné par Lacan (1972/ 2003), qu'il n'y a pas de rapport sexuel. La construction

¹⁵⁸ Libre traduction de: "Tal fantasia é construída em íntima relação com o enigma do desejo do Outro, o *Che vuoi?*, cuja questão será respondida pelo sujeito com uma construção fantasística primordial" (JORGE, 2006, p. 64).

¹⁵⁹ Libre traduction de: "Por fantasma fundamental me refiero a lo que Freud acentúa como segundo tiempo del análisis de *Se pega a un niño*" (MILLER, 1984/1986, p. 21).

¹⁶⁰ Libre traduction de: "o sujeito fala abundantemente de seus sintomas [...] sobre a fantasia, nada. Boca de siri. Sem palavras" (MILLER, 1983/ 1987, p. 101).

fantasmatique exprime donc un mode particulier d'appréhension de la castration; une forme unique de perception du fait que l'intérêt de l'Autre est dirigé ailleurs. À cause de cela, je propose de comprendre la dimension masochiste du fantasme comme un plaisir causé par la répétition d'une configuration de *douleur psychique*.

En effet, dans le fantasme est placé ce qui est le plus particulier et le plus étranger à chacun : la position devant l'Autre par laquelle il jouit. Évidemment, *Un enfant est battu* n'est qu'un paradigme utilisé pour analyser la structure axiomatique de fantasme, mais le sujet, dans la névrose, a sa construction particulière, qui met en jeu des signifiants singuliers. C'est pourquoi Lacan qualifie ce fantasme de « terminal », « dernier », « celui qui reste », parce qu'il manifeste « un rapport essentiel du sujet au signifiant » (LACAN, 1957-1958, Leçon de 12 Févr.).

Je crois que cette relation particulière entre le sujet et l'objet *a*, synthétisée dans le fantasme, qui permet l'accès à la jouissance sexuelle des femmes névrotiques écoutées en analyse, intervient dans leur perception de la réalité. Freud (1908a / 2006) décrit l'histoire d'une de ses analysantes. Elle lui raconte qu'elle marchait dans la rue quand soudain elle se mit à pleurer.

Réfléchissant sur la cause de son chagrin, elle a réalisé qu'elle a eu un fantasme dans lequel elle commençait une histoire d'amour avec un pianiste important de sa ville, qu'elle n'avait jamais rencontré personnellement. Toujours dans ce fantasme, elle avait eu un fils avec lui, après quoi, elle aurait été abandonnée dans la pauvreté. Après toute cette élaboration, elle se mit à pleurer dans la rue. On saisit que les effets du fantasme ont été ressentis tout de suite comme *douleur psychique*, en dépit du fait qu'elle ne savait même pas qu'elle avait ce fantasme. Le fantasme est devenu conscient seulement dans le cabinet, dans le cadre de la cure.

Donc, cette thèse interroge, dans quelle mesure cette position excentrique devant l'Autre, fixée en fantasme et que consent la jouissance, interfère sur la perception des événements et sur la sexualité des femmes névrotiques.

Voilà quelques exemples de ma clinique:

1- Je lui parle des choses chargées, je lui dis d'aller chercher d'autres femmes. Je ne veux pas, mais je lui dis.

2- Une autre raconte: Pendant le week-end, j'ai été dévastée: vendredi, je n'ai pas répondu quand il m'a appelé; et ne l'ai pas rappelé après non plus, parce que s'il n'avait pas répondu, je croirais qu'il serait avec quelqu'un....

3- Une troisième raconte: Je ne vais pas accepter son invitation à sortir car il peut être marié; je suis différente, je me sens sale, comme une pute qui aime le mari des autres.

Comment la théorie peut-elle aider à comprendre ce qui se passe avec chaque une de ces femmes? Lacan écrit: « nous définirons réalité ce que j'ai appelé [...] le prêt à porter le fantasme » (LACAN, 1966-1967, 16 novembre 1966, inédit). Dans chacune de ces situations, l'interprétation était faite à partir du prêt à porter du fantasme, et la blessure de la *douleur psychique* vécue dans les fantasmes s'infiltrèrent dans les différents domaines de leur vie.

Revenons à l'affirmation de Lacan : « le fantasme où le sujet figure en tant qu'enfant battu - devient la relation avec l'Autre dont il s'agit d'être aimé, **en tant que lui-même n'est pas reconnu comme tel** » (LACAN, 1957-1958, 12 de fév. 1958). Bien que le sujet même ne se reconnaisse pas *comme tel*, à savoir, comme objet de l'Autre, je soutiens que le fantasme produit des effets importants sur l'identification des femmes névrotiques. Lacan ajoute que ce qui

est recherché par le sujet c'est son unicité signifiante [...] il répète sans le savoir. [...] la répétition est enracinée sur cet unaire originel [...] coextensif à la structure même du sujet en tant qu'il est pensé comme répétant au sens freudien (LACAN, 1961-1962, Leçon 7 Mars 1962, inédit).

Je comprends que, quand le sujet répète « au sens freudien », en recherchant « son unicité signifiante », il répète son fantasme et la position qu'il y joue avec l'Autre. Freud (1919a/ 2006) et Lacan (1961- 1962, inédit), révèlent que le fantasme s'organise toujours à partir d'une structure grammaticale. Donc, l'unicité signifiante est recherchée à travers la répétition inconsciente du fantasme, qui donne les coordonnées de sa jouissance secrète et infantile. Une analysante disait au cabinet: « Je suis jalouse de lui, mais je pense des choses si infantiles, que je doute si c'est lui qui devrait agir différemment ou si c'est moi qui suis comme un enfant. Mais quand ça m'arrive, je fais des choses terribles ».

Cette structure axiomatique et singulière du rapport avec l'Autre exprimé par le fantasme a une dimension réelle, symbolique et imaginaire. Selon Lacan, l'inconscient est structuré comme un langage. Il qualifié le fantasme *Un enfant est battu* de « poésie inconsciente » du sujet (LACAN, 1966 -1967 – Leçon de 11 Jan 1967, inédit), soulignant la dimension symbolique du fantasme.

D'autre part, la compulsion de répétition cette forme particulière et constante du rapport à l'Autre indique la dimension réelle du fantasme. Elle impose une répétition, pas de n'importe quoi, mais de ce fantasme masochiste spécifique à chaque sujet, qui résonne une structure grammaticale particulière.

L'aspect imaginaire, par contre, est mis à jour avec la couverture des offres de réalité partagée, toujours renouvelée. Ribettes articule la métonymie du désir à la répétition du montage grammatical du fantasme, à la *poésie inconsciente* de chaque un.

Le fantasme apparaît dans cette écriture comme le montage grammatical d'une image essentielle, qui concerne l'objet réel de la pulsion. Représente - pour donner une autre définition - la structure signifiante dont l'objet réel s'habille pour soutenir le désir dans ces conditions de métonymie¹⁶¹ (RIBETTES, 1985, p. 114).

C'est à dire, la métonymie du désir passe par les coordonnées du fantasme.

Deux mots sur le petit autre et le grand Autre

Pour bien appréhender comment *Un enfant est battu* peut être pris comme paradigme du fantasme dans la perspective proposée, il faut rappeler très succinctement les deux orthographes du mot *autre* qui ne sont pas équivalentes.

Le concept d'*Autre* a été développé pendant tout l'enseignement de Lacan et a connu plusieurs variations : la langue, la culture, le rôle de la mère, le corps etc. L'*Autre* est aussi l'altérité qui nous habite et les voix intrapsychiques réverbèrent en nous. En ce sens, toutes nos perceptions sont nécessairement médiées par la dimension psychique de l'*Autre*, avec une capitale; tandis que l'*autre*, avec minuscule, se réfère à ceux avec qui nous vivons, qui ont une corporéité en la réalité partagée indépendamment de notre réalité psychique.

Cette distinction nous permet de prendre la découverte freudienne de 1919a en adoptant les deux orthographes proposées par Lacan qui fait que la proposition de Freud en 1919a peut être résumée comme suit : dans la sexualité féminine, c'est à travers un fantasme masochiste dans lequel le sujet occupe la position de l'objet de l'*Autre*, que la satisfaction sexuelle est atteinte.

La position d'objet dans le fantasme est la position subjective inconsciente et constante devant l'*Autre*, qui est attachée à la jouissance sexuelle. Dit autrement, la position de l'objet dans le fantasme n'est pas liée à une personne en particulier avec qui on est au

¹⁶¹ Libre traduction de: "A fantasia aparece dentro dessa escrita como a montagem gramatical de uma imagem essencial, à qual se refere o objeto real da pulsão. Ela representa – para dar uma outra definição – a estrutura signifiante da qual se veste o objeto real para suportar o desejo dentro das suas condições de metonímia" (RIBETTES, 1985, p. 114).

temps présent - l'*autre*. Par contre, il faut ajouter une remarque faite par Frédéric Vinot¹⁶²: le petit autre n'est pas n'importe qui. C'est tout à fait vrai. Il faut que le petit autre ait un point d'intersection avec la trace particulière d'Autre condensé dans le fantasme pour que l'investissement libidinal puisse se faire. Autrement dit, il faut que le petit autre soit revêtu d'une trace du grand Autre pour que l'investissement y puisse adhérer.

Une autre femme racontait qu'elle a « le doigt pourri » pour choisir ses compagnons, en soulignant que dans ces choix la dimension fantasmatique était toujours présente et ces petits autres se prêtaient à matérialiser le fantasme inconscient. Quand elle a commencé sa cure, elle attribuait au compagnon toutes les responsabilités quant au mal qui pouvait l'affecter. A un moment, elle a décidé de poursuivre en justice le petit ami, sur la base de la loi Maria da Penha, qui protège les femmes contre la violence physique, verbale, morale etc. À côté de la situation juridique, elle a pu dire au cabinet: «Je ne voulais pas, mais je suis folle d'amour par lui».

La description de l'autre, dans chaque cas particulier, est organisée autour de quelques signifiants que se répète avec la plainte. Cette connexion permet de percevoir comment le fantasme s'articule à la sexualité féminine et à plusieurs champs de la vie. Il délimite la réalité psychique et la jouissance de ceux qui viennent nous consulter.

Remarque sur le masochisme et la position féminine

Rejoignons le concept de masochisme chez Freud et, ensuite, remarquons comment Freud et Lacan définissent la position féminine. Ayant observé une répétition qui contredit le principe de plaisir, non seulement dans la littérature, mais aussi dans la clinique, Freud a tourné sa recherche vers le sadisme et le masochisme. Initialement, il soutient l'hypothèse que le sadisme serait primaire dans la constitution psychique, position défendue dans *Trois essais sur la théorie sexuelle* (1905) et *Pulsion et ses vicissitudes* (1915). Mais la découverte d'un masochisme précédent est annoncé dans *Au-delà du principe de plaisir* (1920) et confirmé dans *Le problème économique du masochisme* (1924). « Maintenant nous arrivons à un nouveau et remarquable fait, à savoir que la compulsion de répétition rappelle aussi les

¹⁶²A l'occasion de ma présentation au Séminaire doctoral de l'université de Nice (2014).

expériences passées qui incluent aucune possibilité de plaisir»¹⁶³ (FREUD, 1920/1996, p. 31). Dans *Le problème économique du masochisme*, il renforce cette hypothèse.

En distinguant trois manifestations de masochisme - masochisme érogène, féminin et morale - Freud les définit: « Le masochisme érogène, le plaisir {satisfaction} de sentir la douleur, est à la base des deux autres formes » et est « une condition qui est soumise à l'excitation sexuelle »¹⁶⁴ (FREUD, 1924/2007, p. 167). Selon Freud (1924/ 2007), le masochisme érogène a ses racines dans la pulsion de mort et mélange la douleur et la satisfaction; c'est l'origine du masochisme féminin et morale. Il précise que le masochisme féminin, sur lequel se fonde cette recherche, est le plus accessible à notre observation.

La motivation pour écrire *Le problème économique du masochisme* (1924/2006) est venue de la clinique où Freud a constaté une étrange liaison de la répétition du fantasme avec le masochisme. Il écrit que le masochisme érogène serait la base de tous les autres; serait la racine de la psyché, unissant pulsions de vie et pulsion de mort. Le deuxième, le masochisme féminin, serait liée à des fantasmes sexuels rencontrés chez les hommes comme chez les femmes, et toujours structuré à la forme passive -être castrés-; être mangé; être évacué, etc. Le troisième, le masochisme moral se caractérise par l'exposition du sujet à un martyr moral, qui le juge et le condamne.

Reprenons comment Freud conçoit la position féminine. Selon lui (1933 [1932] / 1996), en réalisant la différence sexuelle, la jeune fille arrive sur le complexe d'Œdipe, en changeant d'objet d'amour: de la mère vers le père. À ce moment, trois possibilités se présentent : abandonner toute les ambitions sexuelles; rester fixée au complexe de la masculinité identifiée au père ou parcourir le chemin de la féminité. Dans ce dernier cas, la fille dirige son amour vers le père, avec l'espoir qu'il lui restitue le phallus, c'est à dire, un fils. Comme cela ne réussit pas, elle se tourne vers un partenaire.

Lacan défend l'idée que « Les hommes, les femmes et les enfants, ce ne sont que des signifiants » (LACAN, 1972- 1973/ 2003, p.46).

Lacan propose de penser les positions masculine et féminine autour du phallus et face à la castration symbolique. Du côté masculin se placent ceux qui font semblant d'avoir le phallus; et du côté féminin ceux qui dans le jeu sexuel incarnent l'objet *a* comme si *était* le phallus. A l'occasion du *Séminaire 20, Encore* (1972-1973), il observe qu'une femme au

¹⁶³ Libre traduction de: "chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer" (FREUD, 1920 /1996, p. 31).

¹⁶⁴ Libre traduction de: "O masoquismo erógeno, o prazer {satisfação} de sentir dor, se encontra na base das outras duas formas" [e é] "uma condição a que se sujeita a excitação sexual" (FREUD, 1924/ 2007, p. 167).

champ de la névrose est dans la norme phallique, mais *pastoute*, c'est pour cela que, selon lui, *La femme n'existe pas*; car elle est toujours divisée entre une jouissance réglée par la norme phallique et une jouissance supplémentaire.

Soler et le masochisme féminin

Soler, en reprenant Lacan, fait allusion au fait que les femmes sont divisées et se prêtent à être objet dans le fantasme de son partenaire; position qui ne la dispense pas de s'engager dans un désir propre. « La position féminine [...] ne désigne pas directement ce que nous appelons une position subjective; se réfère à une position avant le partenaire sexuel. »¹⁶⁵ (SOLER, 2003/2005, p. 59). Elle écrit aussi que dans le « couple sexuel », elle n'a pas comme cause directe son propre désir, mais le désir de l'autre¹⁶⁶ (SOLER, 1998, p. 214). C'est à dire, selon Soler, quand il y a deux partenaires dans la réalité partagée et un d'eux est du cote masculin, la position féminine désigne ce qui se prête à occuper la place d'objet *a* dans le fantasme du premier, son partenaire.

Soler (2003/2005) aborde le thème du masochisme féminin dans plusieurs de ses articles et livres. Elle maintient que ni la femme, ni le désir féminin ne sont nécessairement masochiste, et croit qu'il y a une confusion sur cette idée. La psychanalyste, soutient que contrairement aux masochistes, les femmes déplorent ce qu'elles supportent dans la position de l'objet.

Le masochiste [...] s'efforce de tenir une manifestation «ironique» d'un «faites ce que vous voulez de moi». Les femmes, par contre, se plaignent, pour que tous l'entendent, sur ce que l'aliénation propre de sa position l'amène à supporter. Au point, que nous nous demandons ce qui les amène à accepter cette position, puisqu'il n'y a rien qui les y oblige à le faire si elles ne le veulent pas¹⁶⁷ (SOLER, 2003/2005, p. 58).

¹⁶⁵ Libre traduction de: "*a posição feminina [...] não designa diretamente o que chamamos de uma posição subjetiva. Refere-se antes a uma posição no par sexual*" (SOLER, 2003/ 2005, p.59).

¹⁶⁶ Libre traduction de: "Quando falamos do ser da mulher, não esqueçamos de que este é um ser dividido entre o que ela é para o Outro e o que ela é como sujeito de desejo, entre seu ser complementar da castração masculina, por um lado, e seu ser com sujeito do inconsciente, do outro" (SOLER, 1998, p. 214).

¹⁶⁷ Libre traduction de: "É claro que o masoquista [...] empenha-se em dar uma demonstração 'irônica' de um 'faça de mim o que quiser'. As mulheres, por sua vez, deploram em altos brados o que a alienação própria de sua posição as leva a suportar. A tal ponto, de fato, que nós perguntamos o que pode levá-las a assumir essa posição, uma vez que nada as obriga a fazer quando não querem" (SOLER, 2003/ 2005, p. 58).

Elle s'interroge pourquoi beaucoup de femmes acceptent cette condition d'objet. Ajoute qu'une femme peut utiliser « une mascarade masochiste, qui [...] fait voir la manque; la douleur ou la douleur de manquer »¹⁶⁸ (SOLER, 1998, p. 216). Soler illustre ce mode de mascarade avec un cas où l'analysante avait l'habitude d'être « à découvert » à la banque. Soler note qu'elle réalisait une mascarade de pauvre souffrante, sans argent et, dans ces conditions, elle occupât la position de l'objet précieux du désir de son mari. Bref, « l'être de la femme [...] est divisée entre ce que elle est pour l'Autre et ce qu'elle est comme sujet du désir »¹⁶⁹ (SOLER, 1998, p.214).

Ma pratique clinique m'a conduite à dire que ce que l'on est pour l'Autre dans le fantasme correspond exactement à ce que l'on est comme sujet du désir. Les deux positions sont deux façons différentes d'écrire la même chose.

Bien qu'une femme déplore bruyamment ces chagrins amoureux, ou qu'elle construise une mascarade pour mieux être aimée; je soutiens qu'elle est capable, en même temps, de se placer dans son propre fantasme comme objet d'Autre et avoir une jouissance à cause de cette souffrance imaginée. C'est une position devant l'Autre dans son fantasme, pas nécessairement vécue devant le petit autre.

J'utilise un autre fragment de ma pratique pour montrer ce que je viens de dire. Pendant qu'elle range sa maison, « Sylvie »¹⁷⁰ se sent « comme la femme de ménage de son copain, pendant que Maria *était déjà sa femme* ». Le curieux de ces mots dits en séance c'est que cette femme décrivait que le lendemain qu'elle était invitée par lui à se marier dont elle se disait très amoureuse. Celle qui était « déjà sa femme », c'était l'ex-femme, qui joue une importante fonction dans son fantasme.

Dans la Littérature, *Anna Karenine*, héroïne du roman de Tolstoï, meurt pour avoir cru que la réalité de son fantasme se réaliserait et que l'ombre du fantasme s'était penché sur l'amour. Autrement dit, la réalité partagée était comprise à partir du prêt à porter du fantasme. Lacan dit: « tout ce qu'il nous est permis d'aborder de réalité reste enraciné dans le fantasme » (LACAN, 1972- 1973, p. 127).

¹⁶⁸ Libre traduction de: "há uma mascarada masoquista, que [...] faz ostentação da falta, da dor ou da dor da falta" (SOLER, 1998, p. 216)

¹⁶⁹ Libre traduction de: "Quando falamos do ser da mulher, não esqueçamos de que este é um ser dividido entre o que ela é para o Outro e o que ela é como sujeito de desejo, entre seu ser complementar da castração masculina, por um lado, e seu ser com sujeito do inconsciente, do outro" (SOLER, 1998, p. 214).

¹⁷⁰Noms fictifs.

Le problème est que le fantasme implique cette dimension masochiste, d'éprouver du plaisir dans la répétition d'une configuration de *douleur psychique*; en cherchant « son unicité signifiante » (LACAN, 1961-1962, Leçon 7 Mars 1962).

Evidemment, je suis d'accord avec Soler sur le fait qu'une femme peut se prêter comme objet pour le partenaire sans être masochiste! Par contre, je soutiens que souvent il faut qu'une femme qui occupe la position féminine soit mis en position d'objet de l'Autre dans son propre fantasme pour que la jouissance soit obtenue.

Lacan élucide

L'Autre n'est pas simplement ce lieu ou la vérité balbutie [...] ce à quoi la femme a foncièrement rapport [...] D'être dans le rapport sexuel, par rapport à ce qui peut se dire de l'inconscient, radicalement l'Autre, la femme est ce qui a rapport à cet Autre (LACAN, 1972-1973/ 2003, p. 108-109),

Selon Miller, il ne s'agit pas de guérir le sujet de son fantasme « ce qui est recherché est une certaine modification de la position subjective [...] le fantasme est quelque chose comme un résidu de l'élaboration d'une analyse » (MILLER, 1983/1987, p.111). Autrement dit, il ne faut pas être masochiste dans la vie, il suffit de supporter cette position dans le fantasme, en être bien averti pour ne pas gâcher les autres champs de la vie.

Je crois que la traversée du fantasme reflète fidèlement la reconnaissance de cette position unique. Reconnue dans le cadre analytique, le sujet en devient un peu plus averti, lui permettant de percevoir plus facilement quand le fantasme s'infiltre dans l'interprétation des événements. Averti, on peut éviter de répéter le fantasme dans la réalité partagée ou de se défendre sans cesse de sa matérialisation.

Un mot encore sur On tue en enfant

Serge Leclaire dans *On tue en enfant* (1975) fait une très importante étude sur le narcissisme primaire des parents qu'il croit avoir un pouvoir tyrannique sur l'enfant. Leclaire souligne que pour devenir un sujet du désir il faut tuer« l'enfant merveilleux ou terrifiant que nous avons été dans les rêves de ceux qui nous ont faits ou vus naître. Il ne suffit point[...] de tuer les parents, encore faut-il tuer la représentation tyrannique de l'enfant-roi : « je »(LECLAIRE, 1975, p.13).

L'auteur soutient que cette représentation inconsciente des parents correspond à la représentation narcissique primaire qui doit nécessairement tomber afin qu'il puisse devenir un sujet désirant; car «Il y a pour chacun, toujours, un enfant à tuer, le deuil à faire et à refaire continument, d'une représentation de plénitude, de jouissance immobile" (LECLAIRE, 1975, p.12).

À propos de cette importante remarque de Leclaire (1975), avec laquelle je suis entièrement d'accord, il convient de faire une observation sur la nomenclature qu'il a choisie pour caractériser cet effort psychique. Leclaire appelle *fantasme*, ce qui serait, selon lui, le plus original de tous les fantasmes, à cause de sa «force absolument impérieuse» qui pourrait se résumer dans l'expression suivante: « On tue un enfant ».

J'agréé qu'il est absolument essentiel pour la constitution du sujet que l'enfant-roi ou l'enfant-terrible soit délogé et qu'un fantasme propre se construise. Il s'agit d'un travail psychique décisif, mais je ne pense pas qu'une telle tâche psychique mérite le nom de fantasme. Comme j'ai essayé de démontrer, dans les cas de névrose, les fantasmes visent à unir ce qui avait été divisé par la castration symbolique.

Je considère que le terme fantasme ne s'applique pas à l'activité décrite, qui est une rupture cruciale, obligatoire pour l'émergence du sujet du désir. "Tuer un enfant" ne me semble pas être un fantasme, mais un *travail psychique* qui vise à séparer ces deux champs, du sujet et de l'Autre. Ainsi, par rapport à l'analyse de Leclaire (1975), je suis en désaccord avec l'utilisation du terme de *fantasme*, qui essaye toujours d'unir. Tuer un enfant, à mon avis, caractérise un *travail* de séparation du sujet et du narcissisme des parents.

CONCLUSION

J'espère avoir montré dans la thèse comment le sujet, selon la psychanalyse le conçoit, n'est pas auto explicite, il est l'effet de nombreuses opérations logiques, dans lesquelles la relation avec l'Autre est décisive. J'ai souligné comment le masochisme joue un rôle décisif dans la constitution psychique, malgré les efforts du Moi pour rester aux frontières du principe de plaisir. Nous avons repris également le lien intime de la jouissance au désir, en particulier, en ce qui concerne la sexualité féminine.

Quand le sujet parle de ce qu'il essaie de répéter pour trouver «sa singularité signifiante »(LACAN, 1961- 1962, non publié, Leçon Mars 7), il nous raconte son cadre

fantasmatique et l'on est dans la dimension éthique de la psychanalyse. Je comprends que le but de l'analyse chez une femme inscrite dans la névrose peut être compris comme l'acquisition d'un savoir sur sa propre jouissance et sa position dans le fantasme, permettent que ce fantasme ne se répète pas indistinctement dans sa vie amoureux ou d'autre champs de la réalité partagée.